LUMEN FLUENS
ESTUDOS COMPARADOS

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E O HUMANISMO: ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado XVI

GOIÂNIA

2026

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E O HUMANISMO: ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado XVI

Estudo Comparado XVI da série “Onde nos tocamos, onde nos separamos”, do Lumen Fluens, sobre o Cânon v1.2, escrito em novembro de 2026. Versão 1.1, com as decisões do fundador de 21 de novembro de 2026. Preparado com assistência de inteligência artificial (Claude, Anthropic) sob direção e revisão do autor.

GOIÂNIA
2026

O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância.

Cânon Lumen Fluens, v1.2, Os Quatro Pilares, I

RESUMO

Este estudo compara a filosofia de vida Lumen Fluens, em seu Cânon v1.2, com o humanismo, tomado como casa inteira — do Renascimento (Petrarca, Pico, Erasmo, More, Montaigne) às Luzes (Kant, Humboldt, Mill), a Feuerbach, Marx e Comte, ao humanismo secular organizado (os Manifestos Humanistas, a Declaração de Amsterdã, Russell, Huxley, Lamont), ao cristão (Maritain) e aos críticos (Heidegger, Foucault, Fanon) —, seguindo o princípio da série de Estudos Comparados: apresentar a doutrina visitada em sua melhor forma e só depois marcar as fronteiras. É o primeiro estudo da série sobre uma casa sem autor no centro, e a casa não tinha Ficha de outubro. O humanismo é exposto morada a morada, na ordem do tempo, com a morada de quem fala nomeada a cada citação, e lido diante do cânon onde se tocam (a dignidade inerente e o Pilar I, a consciência e a Independência confessional, a saída da menoridade e a Bússola, a formação de si e a Regra de Vida, a humanitas e as Águas Comuns) e onde se separam (o valor que depende de um traço humano diante do valor “anterior a qualquer conquista ou circunstância”, a Humanidade como nome diante da Lux sem nome, o humanismo que decide sobre Deus diante da Independência que não decide, a suficiência e o progresso diante de “presença, não vitória”, quem conta como humano diante da frase da série). O estudo propôs, e o fundador adotou, a fórmula “o Lumen Fluens aceita do humanismo a dignidade e recusa a condição”, a primeira Ficha do humanismo e dez leituras; à pergunta de frente — o Lumen Fluens é um humanismo? — o fundador respondeu que o cânon não se diz humanismo e dialoga sem se filiar.

Palavras-chave: Lumen Fluens; humanismo; dignidade; Pico della Mirandola; Kant; humanismo secular; estudo comparado.

ABSTRACT

This study compares the philosophy of life Lumen Fluens, in its Canon v1.2, with humanism, taken as a whole house — from the Renaissance (Petrarch, Pico, Erasmus, More, Montaigne) to the Enlightenment (Kant, Humboldt, Mill), to Feuerbach, Marx and Comte, to organized secular humanism (the Humanist Manifestos, the Amsterdam Declaration, Russell, Huxley, Lamont), to Christian humanism (Maritain) and to its critics (Heidegger, Foucault, Fanon) —, following the principle of the Comparative Studies series: to present the visited doctrine in its best form and only then to draw the borders. It is the first study in the series on a house with no author at its center, and the house had no October sheet. Humanism is presented dwelling by dwelling, in the order of time, with the dwelling of each speaker named at every quotation, and read before the Canon where they touch (inherent dignity and Pillar I, conscience and Confessional Independence, the exit from minority and the Compass, self-formation and the Rule of Life, humanitas and the Common Waters) and where they part (worth that depends on a human trait before worth "prior to any achievement or circumstance", Humanity as a name before the nameless Lux, the humanism that decides about God before the Independence that does not decide, sufficiency and progress before "presence, not victory", who counts as human before the series' sentence). The study proposed, and the founder adopted, the formula "Lumen Fluens accepts from humanism dignity and refuses the condition", humanism's first sheet and ten readings; to the direct question — is Lumen Fluens a humanism? — the founder answered that the Canon does not call itself a humanism and converses without affiliating.

Keywords: Lumen Fluens; humanism; dignity; Pico della Mirandola; Kant; secular humanism; comparative study.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[V-la] / [V-fr] / [V-en] / [V-de] / [V-it] / [V-gr] / [V-nl]	citação conferida no original (latim, francês, inglês, alemão, italiano, grego, holandês), com o português do estudo
[V-en: Capuzzi] / [V-pt: Guedes]	citação conferida na tradução do tradutor nomeado
[V via secundária: autor]	citação lida por intermédio de outro autor, nomeado no Apêndice A
[via Estudo N, seção]	citação tomada de um Estudo anterior da série
[paráfrase]	tese atribuída sem a letra
[leitura do estudo] / [inferência do estudo] / [hipótese do estudo] / [contagem do estudo]	o que é do estudo, e não do humanismo nem do cânon
[tese a confirmar] / [página a confirmar] / [localização a confirmar] / [edição a confirmar] / [data a confirmar] / [atribuição a confirmar]	o que ainda falta conferir

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO 11
1.1 Como ler este estudo 15
1.2 O que a série já disse e o que fica para aqui 19
1.3 Decisões do fundador (versão 1.1, 21 de novembro de 2026) 19
2 O HUMANISMO EM SUA MELHOR FORMA 23
2.1 A palavra e as moradas 23
2.2 A *humanitas* antiga relida 23
2.3 Petrarca e o exame de si 24
2.4 Pico e a letra latina 25
2.5 Erasmo e o humanismo cristão 26
2.6 More e a *Utopia* 26
2.7 Montaigne 27
2.8 As Luzes 27
2.9 Feuerbach, Marx e Comte 28
2.10 O humanismo secular organizado 29
2.11 Os críticos e os de fora 30
2.12 O que a casa deixa dito com clareza 31
2.13 Os homônimos reunidos 32
3 ONDE NOS TOCAMOS 34
3.1 A dignidade inerente e o Pilar I 34
3.2 “A consciência mais funda, o verdadeiro em si” e o humanismo secular 35
3.3 A autonomia moral e a Bússola que “apenas veta” 35
3.4 O exame de si de Montaigne e o Examinar 36
3.5 A formação de si e a Regra de Vida: “Ninguém começa do zero” 37
3.6 A *humanitas*, a fraternidade e as Águas Comuns 37
3.7 O corpo reabilitado e o Corpus: “só templo” 38
3.8 A tolerância de Utopo e de Erasmo e a Independência confessional 39
3.9 O universal: “nenhuma pessoa está fora da Lux” e a “família humana” 39
3.10 A paz de Erasmo e a Regra da Misericórdia 40
3.11 O humanismo trágico e a Vigília: “presença, não vitória” 41
4 ONDE NOS SEPARAMOS 42
4.1 O humano como medida, autor ou fonte do valor × a Lux dada 42
4.2 A Humanidade como nome × nada vira nome da Lux 43
4.3 O humanismo que decide × a Independência confessional que não decide 44
4.4 A suficiência e a formação de si × “presença, não vitória” e “ninguém começa do 45
4.5 O progresso e a razão × a noite e a Bússola que só veta 46

4.6 A transcendência negada ou posta na Humanidade × “a transcendência passa pel 47
4.7 O indivíduo autônomo, a *humanitas* e a fraternidade × “pessoal, nunca individua 47
4.8 A laicidade × a Independência confessional 48
4.9 As críticas ao humanismo e o lugar do cânon 48
4.10 O depois 49
4.11 As fronteiras da série diante do humanismo: quem conta como humano 49
4.12 Os registros: a justiça, Abraão e Marx 50
4.13 A fórmula 51

5 O HUMANISMO DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE 53
5.1 Platão e Aristóteles 53
5.2 A Stoa 53
5.3 Agostinho e o Ventoso 54
5.4 O cristianismo 54
5.5 Hegel 55
5.6 O existencialismo 56
5.7 Levinas 56
5.8 Ricoeur 57
5.9 Arendt 57
5.10 Marcel e Jaspers 58
5.11 Taylor 58
5.12 O Oriente, só como registro 59
5.13 As portas 59
5.14 O padrão e os silêncios 60

6 O QUE A SÉRIE JÁ DISSE E A FICHA PROPOSTA 62
6.1 As prévias 62
6.2 As decisões herdadas que tocam o humanismo 63
6.3 O que o cânon não diz e o que diz em sentido restrito 64
6.4 A pergunta de frente 64
6.5 A Ficha proposta 65

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS 68
7.1 O que o estudo encontrou 68
7.2 A fórmula 71
7.3 Questões abertas 72
7.4 O que o humanismo oferece 75
7.5 A lamparina 77

REFERÊNCIAS 78

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO 92

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES 126

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO 144

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial o Pilar I (“O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” e “A luz não se acende — ela se revela” diante da dignidade de Pico, de Kant e de 1948), a Independência confessional (“Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém” diante do humanismo secular que começa sem Deus e do cristão que começa com ele), a Bússola (“apenas veta” diante da autonomia e da razão que legislam), a Regra de Vida e o Pilar II (“Ninguém começa do zero” diante da formação de si), as Águas Comuns (“pessoal, nunca individual” diante do indivíduo autônomo e da fraternidade), a Vigília (“presença, não vitória” diante do progresso e da vida “como o todo e o bastante”) e a Lux sem nome (a Humanidade, a razão, a natureza humana e a dignidade como material, nunca como nome).
Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.
Versão 1.1, 21 de novembro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 21 de novembro de 2026.

O humanismo é a primeira casa que a série estuda sem um autor no centro, e a que mais se parece com o cânon à primeira vista. O humanismo diz, pela Declaração de 1948, “dignidade inerente a todos os membros da família humana” (*Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948, Preâmbulo, primeiro considerando; ver 2.10) [V-en], e, por Kant, que no reino dos fins tudo tem “ou um preço ou uma dignidade” (*Fundamentação da metafísica dos costumes*, 1785, Akademie-Ausgabe, IV, 434; ver 2.8) [V-de]. O cânon diz que “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). As duas casas põem a pessoa no centro e dizem que o seu valor não se conquista; e dizem coisas diferentes de onde esse valor se apoia [leitura do estudo].

A tese de partida, que o estudo testou: o humanismo toca o cânon onde põe no centro a pessoa e o valor que nada lhe tira, e separa-se dele onde faz do humano a medida, o autor, a fonte ou o nome desse valor — “o homem é a medida de todas as coisas” (Protágoras, no *Teeteto*, 152a; ver 2.2) [V-gr], a dignidade que Kant funda na autonomia, a Humanidade a que Comte dá o nome que a teologia dava a Deus (ver 2.9) —, enquanto o cânon diz o valor “anterior a qualquer conquista ou circunstância”, não diz de onde vem, e deixa o nome da luz a cada um: “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”).

A fronteira central não passa por “valor × não valor”, porque as duas casas o afirmam; passa por “o valor depende de um traço humano × o valor é anterior a qualquer conquista” (4.1, 4.13) [leitura do estudo].

Este estudo passou à frente dos clássicos que a série tinha em fila: o fundador decidiu em 21 de novembro de 2026 que o humanismo seria o XVI, como casa inteira — do Renascimento ao humanismo secular organizado, no formato dos Estudos I a VI —, e que Kierkegaard, Spinoza, Kant e Pascal descem um lugar (XVII a XX). Oito Estudos tocaram o humanismo de passagem (II, III, V, VII, VIII, XIII, XIV e XV), e nenhum o tratou nem lhe deu Ficha; o capítulo 6 recolhe as prévias uma a uma (6.1). Não há Ficha de outubro sobre ele: o que o estudo propõe em 6.5 é a primeira, e é proposta.

O estudo herda todas as decisões do fundador, de 17 de outubro a 20 de novembro de 2026, e a letra dos Estudos I a XV; nenhuma decisão é reaberta, e toda extensão de decisão ao humanismo vem como [hipótese do estudo] ou [leitura do estudo] e entra como pergunta no capítulo 4.

Quatro registros pesam mais do que os outros. O Estudo VII fixou que a luz é “dada antes de qualquer relação” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII), e é diante dessa letra que a autonomia de Kant, “fundamento da dignidade da natureza humana” (ver 2.8), encontra a sua fronteira (4.1). O Estudo V fixou a fórmula do existencialismo, “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção”, com a invenção lida como “a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado” (decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V), e é essa condição que a fórmula deste estudo retoma (4.13).

O Estudo XIV fixou que a Lux não se nomeia por contraste e que o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico (decisões n.º 1 e n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV), o que mede a fórmula e a leitura do humanismo secular (4.3, 4.13). E o Estudo XV ensinou que a recusa é “do nome, não da fonte” (decisão n.º 1 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV): a origem da luz fica em aberto, e nenhuma fórmula a decide.

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: o humanismo entra no Lumen Fluens pela dignidade inerente e pela consciência, e encontra as fronteiras do capítulo 4, das quais quatro se dizem aqui — a do valor que depende de um traço humano, a da Humanidade como nome, a da decisão sobre Deus e a da suficiência —; a do progresso, a da transcendência, a do indivíduo, a da laicidade, a das críticas, a do depois e a de quem conta como humano ficam para 4.5 a 3.11.

Entra pela dignidade, porque 1948 diz “dignidade inerente” e Kant diz que no reino dos fins tudo tem “ou um preço ou uma dignidade” (ver 2.8), e o Pilar I diz o valor “anterior a qualquer conquista ou circunstância” (3.1); “dignidade” é palavra do humanismo, não do Cânon, que diz “valor” (2.13). Entra pela consciência, porque o humanismo secular diz que “a moral é parte intrínseca da natureza humana […] sem

necessitar de sanção externa” (*Declaração de Amsterdã*, 2002; ver 2.10) [V-en], e a Independência confessional diz que, “para quem não crê”, a luz “é a consciência mais funda, o verdadeiro em si” — frase que o estudo cita sempre com a seguinte, “A filosofia não decide isso por ninguém”, e nunca como adesão do cânon ao humanismo secular (3.2) [leitura do estudo].

Entra pela saída da menoridade, porque Kant recusa “um pastor de almas que tem consciência por mim” (“Que é o Esclarecimento?”, 1784, Akademie-Ausgabe, VIII, 35; ver 2.8) [V-de] e o Catecismo diz que “A decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24) (3.3). Entra pelo exame de si, porque Montaigne pinta a passagem e o Examinar pergunta onde a luz ficou escondida (3.4); pela formação, porque “Ninguém começa do zero” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II) (3.5); pela *humanitas* (humanidade, no sentido de cultura), porque bastava a Erasmo “o nome comum de homem” (*Queixa da paz*; ver 2.5) [V-la] e “Ninguém navega um rio privado” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) (3.6); e pelo corpo, pela tolerância, pelo universal, pela paz e pelo humanismo trágico (3.7 a 3.11).

Encontra a fronteira do valor, porque Pico faz o Criador dizer a Adão que se modele “na forma que preferires” (*Discurso sobre a dignidade do homem*, 1486, § 5; ver 2.4) [V-la; edição a confirmar], Kant funda a dignidade na autonomia e Sepúlveda a nega aos “homenzinhos [*homunculos*]” do Novo Mundo (ver 2.12), e o cânon diz “A luz não se acende — ela se revela” (4.1, 4.11) [leitura do estudo]. Encontra a fronteira do nome, porque Comte recomenda “substituindo nele Deus pela Humanidade” (*Catecismo positivista*, 1852; ver 2.9) [V-fr], e a série fixou que “a fonte continua sem nome no cânon” (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X) (4.2).

Encontra a fronteira da decisão, porque o *Manifesto Humanista* II diz “começamos com os humanos, não com Deus” (1973, primeira tese; ver 2.10) [V-en] e Maritain opõe o humanismo teocêntrico ao antropocêntrico (*Humanismo integral*, ed. 1966, p. 30) [paráfrase], e o cânon “não decide isso por ninguém”: não é humanismo secular nem é contra ele, não é humanismo cristão nem é contra ele (4.3) [leitura do estudo]. Encontra, enfim, a fronteira da suficiência, porque o Manifesto III diz “Aceitamos nossa vida como o todo e o bastante” (2003; ver 2.10) [V-en], e a Vigília “promete presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”); a letra não diz que a vida basta nem que não basta (4.4) [leitura do estudo].

Um achado vem primeiro. “Dignidade”, a palavra em que a casa inteira se reconhece, não é palavra do Cânon: ocorre oito vezes nos escritos, no Tratado da Luz Interior e na Disputatio, e nenhuma no Cânon v1.2, que diz “valor” (2.13). E na casa ela tem ao menos cinco sentidos — a indeterminação de Pico, a autonomia de Kant, a inerência de 1948, o valor central da pessoa individual do Manifesto II, o ser chamado à guarda de Heidegger —, dos quais só o de 1948 anda ao lado de “anterior a qualquer conquista ou

circunstância” [leitura do estudo]. O estudo pergunta, em (ei), se a dignidade inerente se lê ao lado do Pilar I com a fronteira dita na mesma frase (4.1).

Outro achado é de letra. Pico, no latim lido, escreve *dignitas* duas vezes no corpo, e o título que o nomeia é posterior; a frase corrente “poderás ser o que quiseres” não está no texto, cuja letra é «Cui datum id habere quod optat, id esse quod velit» (§ 6) e “te modeles na forma que preferires” (§ 5) (2.4). A dignidade que a tradição lê em Pico foi escrita, segundo Copenhaver, “por nós, pós-kantianos, não por Giovanni Pico” (ver 2.4) [V via secundária: Copenhaver].

O estudo propôs ao fundador, que a adotou (decisão n.º 1 de 21 de novembro sobre o Estudo XVI), uma fórmula: **o Lumen Fluens aceita do humanismo a dignidade e recusa a condição** (4.13, 7.2). A dignidade aceita é a inerente — Kant, “ou um preço ou uma dignidade”, e 1948 —, lida ao lado de “anterior a qualquer conquista ou circunstância”; é palavra do humanismo e não do Cânon, como “horizonte” era palavra de Taylor no Estudo XV, e aceitá-la não adota a hipótese do Estudo VII, que segue “registrada como leitura” (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). A condição recusada é que o valor da pessoa dependa de um traço humano — a razão, a autonomia, a indeterminação, o reconhecimento — ou de ser contado como homem; é a condição que o Estudo V já recusou diante do existencialismo. A fórmula não diz de onde vem a luz, não diz quem a dá e não nomeia a Lux por contraste.

Uma alternativa ficou de pé até a decisão e não foi adotada, “aceita do humanismo a pessoa e recusa a condição”; e cinco candidatas caem — a outorga, a medida, a autoria, a suficiência e a origem —, cada uma com a razão em 3.13. A escolha é a pergunta (eh) de 6.3.

A pergunta que este estudo existe para levar ao fundador é a de frente: o Lumen Fluens é um humanismo? A série tocou a casa oito vezes e nunca a fez. O cânon não diz “humanismo”, e o estudo não responde por ele; lê que o cânon coincide com os humanismos no valor da pessoa e se separa deles no de que o valor depende, e não dá nenhuma das três respostas que a casa oferece — humanismo secular, humanismo religioso, anti-humanismo —, porque nenhuma tem letra e as duas primeiras esbarram na Independência confessional. É a questão (er) (4.13, 6.4); o fundador respondeu que o Lumen Fluens não se diz humanismo e dialoga sem se filiar (decisão n.º 11 de 21 de novembro sobre o Estudo XVI).

Uma cautela de doutrina fica dita na primeira página. O humanismo decide, nas suas moradas, o que o cânon não decide: o secular organizado parte sem Deus, o cristão parte com Deus. O cânon fica fora da decisão nos dois sentidos, e a regra de redação o guarda — “nunca apresentar a filosofia como pertencente ou contrária a uma religião” (Cânon v1.2, Parte II, “Tom e estilo”). A Humanidade, a razão, a natureza humana, a dignidade, o progresso e a consciência são, neste estudo, voz de quem os diz, como material; nenhum

vira nome da Lux, e o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV) [leitura do estudo].

1.1 Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. O humanismo diz o que está nos textos, citado e localizado, com a morada de quem fala nomeada a cada citação: renascentista, cristão, das Luzes, positivista, marxista, secular organizado, existencialista, “do outro homem”, crítico. Uma morada não responde pela outra, e o estudo não atribui à casa inteira o que uma voz disse: nenhuma frase diz o que o humanismo “diria”.

Os humanistas são citados por obra, data e localização, em latim, francês, inglês, alemão, italiano, grego e holandês, com o título em português na primeira menção de cada capítulo e o original ao lado. Pico, no *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*, 1486), pela edição latina em linha da Latin Library, sem edição crítica; Montaigne, nos *Ensaios* (*Essais*), pelo Exemplar de Bordeaux em linha, sem as páginas de Villey; Erasmo, em latim e em inglês; Kant, pela Akademie-Ausgabe; Comte, pelo *Catecismo positivista* em francês; os *Manifestos Humanistas* I, II e III e a *Declaração de Amsterdã* (1952 e 2002), pelos textos da American Humanist Association e da Humanists International; a Declaração de 1948, pelo inglês e pela versão oficial em português das Nações Unidas; Heidegger, pela tradução inglesa de Capuzzi; Sepúlveda, por Castilla Urbano e por Duffy; Las Casas, por O’Gorman; Maritain, em espanhol. Fora a versão oficial da Declaração de 1948 e os Estudos da série que trazem tradutor nomeado, nenhuma tradução portuguesa dos humanistas foi aberta; Maritain foi lido só em espanhol.

A tradição lê o que um intérprete nomeado faz dos textos: Kohl, Kristeller, Hankins, Copenhaver, Rummel, Nauta, Casini, Foglia e Ferrari, Grayling, Castilla Urbano, Duffy, O’Gorman, Duclos, Copson, Periša e a *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, pelos textos que as Fontes dizem; Taylor, Levinas, Arendt, Hegel e Sartre, pelos Estudos V, VII, VIII, XIII e XV, que se citam pelas seções e não se refazem (capítulo 5).

O cânon responde com as palavras do Cânon v1.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas, do Glossário validado e das decisões do fundador, sempre pelo nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, a margem, Regra da Misericórdia, Acender, Portar, Examinar, Revisão do rio, sabbath do fluxo. Os Estudos I a XV entram como leitura anterior e se citam pelas seções; as contagens de palavras valem para os sete escritos, e não só para o Cânon v1.2, e dizem sempre “nos escritos” ou “no Cânon”.

O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo], [contagem do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta. Chama-se aqui homônimo à palavra que o cânon e o humanismo

escrevem igual e entendem de modo diferente; o capítulo 2 os reúne (2.13), e cada capítulo avisa quando um aparece.

As citações trazem marcadores de verificação. [V-la], [V-fr], [V-en], [V-de], [V-it], [V-gr] e [V-nl] dizem que a passagem foi conferida no original, e que o português é do estudo, com o original nas Fontes de cada capítulo; [V-en: Capuzzi] e [V-pt: Guedes] nomeiam o tradutor conferido; [V via secundária: autor] diz que a passagem foi lida dentro de outro texto, do autor nomeado; "via Estudo N, seção" diz que a letra vem de um Estudo da série; [paráfrase] diz que há a tese sem a letra; [tese a confirmar], [localização a confirmar], [página a confirmar], [edição a confirmar] e [data a confirmar] dizem o que falta conferir, e [atribuição a confirmar] diz que a frase circula, mas o estudo não achou a passagem. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

Os limites são estes. Pico foi lido numa edição em linha sem aparato: a contagem de *dignitas* e a numeração dos parágrafos pedem conferência no texto crítico de Garin ou de Bausi, que não foram abertos, como não foi a tradução de Ganho. Montaigne foi lido no Exemplar de Bordeaux em linha, e as páginas de Villey não foram dadas; duas frases dos *Ensaios* vão sem aspas, como paráfrase, porque o original não foi copiado (3.4, 3.7). Erasmo foi lido em latim e em inglês, e a carta a Capito em holandês. A revisão de 2022 da *Declaração de Amsterdã* e a lista dos signatários do *Manifesto Humanista* III não foram achadas; a lista de delegados de 1952 não foi conferida. Heidegger foi lido só em inglês; Maritain só em espanhol, sem tradutor nomeado, e por isso só em paráfrase; Jaspers só por Periša; Marcel só por Duclos; Sepúlveda só por Castilla Urbano e Duffy; Las Casas só por O'Gorman. Ficam a confirmar a edição de Gélio nas *Noites áticas* (XIII, 17, 1), a localização de Hegel em *Linhas fundamentais da filosofia do direito*, § 209, e a de Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844).

Sem letra neste estudo ficam Salutati, Valla (só via Nauta), Manetti, Vives, Christine de Pizan, Rabelais, Las Casas (só pela leitura de O'Gorman), Todorov, Ficino, Lipsius, Hsing Yun, Tu Weiming e Ricoeur sobre o humanismo; onde falta letra, o capítulo diz "não há letra neste estudo" e não preenche. Ficam como [tese a confirmar] que Sepúlveda tenha traduzido a *Política*, que Erasmo tenha editado Agostinho em 1529, a primazia de Niethammer na cunhagem de *Humanismus* (1808), a presidência de Huxley na British Eugenics Society e o elo entre os signatários do Manifesto I e a eugenia, que o estudo não dá por provado.

Cuidados de vocabulário, os homônimos de que o estudo se guarda (a lista em 2.13), que cada capítulo repete onde trabalha. "Humanismo", "humanista" e "humanidade" não ocorrem nos escritos. "Humano" e "humana" ocorrem 11 vezes, sempre como adjetivo, e nenhuma no Cânon; "natureza humana" não ocorre. "Dignidade" ocorre oito vezes nos escritos e nenhuma no Cânon, que diz "valor". "Consciência" ocorre três vezes, todas em "a consciência mais funda", que o estudo cita inteira e com "a filosofia não decide isso por

ninguém”, e nunca como o nome que o cânon dá à Lux para todos. “Razão” ocorre seis vezes e nenhuma no Cânon; “autonomia”, “progresso”, “fraternidade”, “secular”, “laico”, “salvação”, “formação” e “educação” não ocorrem. “Pessoa” ocorre 53 vezes e “indivíduo”, 12; o Cânon diz “pessoal, nunca individual”. “Transcendência” ocorre cinco vezes, quatro fora da parte do cânon que este estudo não trata (2.13); “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux, e “atemporal” é letra (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V).

A frase “a filosofia não exige crença”, que circula, não é letra: “crença” não ocorre nos escritos. A letra é a Independência confessional e o Catecismo, 5 e 27: a filosofia “pode ser vivida por quem crê e por quem não crê”, e “não é preciso nenhum nome religioso para ser fiel à luz” (6.3).

Quando um capítulo diz que o humanismo não trata de algo, a afirmação vale só para os textos que o estudo leu. Quando diz que a letra do cânon não traz uma palavra, vale com a extensão que o estudo conferiu, por contagem repetida sobre o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações Práticas e o Glossário.

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. O humanismo é exposto primeiro em sua melhor forma, morada a morada, na ordem do tempo (capítulo 2), e o que a casa deixou dito com clareza — Sepúlveda e os “homenzinhos”, a mulher na voz da Estultícia, a carta de Erasmo a Capito, a eugenia de Huxley, a missão civilizadora de Ferry — é dito no mesmo capítulo, anotado e não julgado, com a letra que vai no sentido contrário dita ao lado (2.12). Só depois se procura onde o cânon já anda ao lado dele (capítulo 3), e onde se separa (capítulo 4). O capítulo 4 numera as perguntas, de (eh) a (er), e o capítulo 7 as reúne numa só lista com as herdadas (g), (j) e (k).

O capítulo 5 põe o humanismo diante das casas da série: Platão e Aristóteles, com o escravo por natureza que Sepúlveda invoca; a Stoa, de quem recebeu a *humanitas*; Agostinho, que Petrarca levou ao Ventoso; o cristianismo, em Erasmo e Maritain; Hegel; o existencialismo, com Sartre e Heidegger; Levinas, Ricoeur, Arendt, Marcel e Jaspers; Taylor; o Oriente, só como registro; e as cinco portas, Kierkegaard, Spinoza, Kant, Pascal e Marx, que o capítulo mostra sem atravessar (5.13). Dele sai um padrão: em cinco casas o humanismo aparece junto de uma fronteira de quem conta como humano, e a série respondeu a cada uma com letra própria (5.14).

O capítulo 6 recolhe o que a série já disse do humanismo — as prévias dos oito Estudos, as decisões herdadas que tocam, o que o cânon não diz e o que diz em sentido restrito, a pergunta de frente — e propõe ao fundador a primeira Ficha do humanismo, com seis toques e oito fronteiras, mais três linhas de registro (6.5). O capítulo 7 reúne a síntese, a fórmula, as questões abertas numa só lista, o que o humanismo oferece ao Pilar I, à Independência confessional, à Bússola, à Regra de Vida, às Águas Comuns, à Vigília e à

série, e a lamparina. Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12), de 23 de outubro sobre o Estudo IX (n.º 1 a 13) e sobre o Estudo X (n.º 1 a 10), de 31 de outubro sobre o Estudo XI (n.º 1 a 11), sobre o Estudo XII (n.º 1 a 11) e sobre o Estudo XIII (n.º 1 a 12), valem como palavra dele e não são reabertas.

Valem do mesmo modo as de 3 de novembro sobre o Estudo I (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo II (n.º 1 a 12), de 4 de novembro sobre o Estudo III (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo IV (n.º 1 a 12), de 6 de novembro sobre o Estudo V (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo VI (n.º 1 a 12), de 12 de novembro sobre o Estudo XIV (n.º 1 a 12) e de 20 de novembro sobre o Estudo XV (n.º 1 a 12). As listas de dias com mais de um estudo vão sempre com o nome do estudo.

Nenhuma delas é sobre o humanismo; várias o tocam de perto, e o capítulo 6 as recolhe (6.2). Quando o estudo relaciona ao humanismo as decisões, pergunta se a leitura vale, e marca. As relacionadas são estas: a luz “dada antes de qualquer relação” e a hipótese que leu a Lux do lado da dignidade (n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII, e n.º 11 de 31 de outubro sobre o Estudo XIII, que a registrou como leitura); “a Lux é valor; a capacidade é poder” (n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX); “a Lux admite graus de visão, nunca de valor”, “a fonte continua sem nome no cânon” e o veto “sem voz externa” (n.º 2, n.º 3 e n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X);

a fronteira do escravo por natureza e da mulher (n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI); a frase da série, “nenhuma pessoa está fora da Lux” (n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII), dita diante de quem perde o lugar no mundo (n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII); o rio que “continua sem ser programa político” (n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII); a noite que não é prova (n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II); “a dignidade antes do mérito” e a *imago Dei* ao lado da dignidade intrínseca (n.º 1 e n.º 2 de 04/11/2026 sobre o Estudo III); o *ātman* e o Tao como estrutura, nunca nome da Luz (n.º 2 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV; n.º 4 de 6 de novembro sobre o Estudo VI);

“aceita a escolha e recusa a invenção”, o depois de que o cânon não diz nada, Moriá, e “eterna” e “imortal” que não se dizem da Lux (n.º 1, n.º 6, n.º 9 e n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V); do Estudo XIV, a fórmula que não nomeia por contraste, a *humanitas* ao lado da margem, o cânon que não é teísta, ateu nem agnóstico (n.º 1, n.º 8 e n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV); e, do Estudo XV, a recusa “do nome, não da fonte”, a transcendência de Taylor como quinto uso, o padrão das fronteiras estendido a um autor vivo e a ordem seguinte (n.º 1, n.º 8, n.º 10 e n.º 12 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV).

1.2 O que a série já disse e o que fica para aqui

O que a série já disse do humanismo está no capítulo 6: o Estudo II, 3.8, que chamou o homem, por Sêneca, de “coisa sagrada para o homem”; o III, 2.4, 2.5, 3.1 e 4.12, que leu a *imago Dei* como letra da dignidade e nomeou Las Casas; o V, 2.2 e 2.5, que disse “humanismo” pelo título de Sartre; o VII, 1.5, 2.8, 3.4 e 4.1, que leu a *Bildung* e Hegel; o VIII, pelo título de Levinas; o XIII, 2.11, 4.5 e 5.1, que registrou a leitura de Arendt; o XIV, 3.14 e 4.12, que mediu a *humanitas* contra a margem; e o XV, 2.8, 2.10 e 6.5, que deu o nome por Taylor e deixou o cânon fora da divergência entre o teísmo e o humanismo exclusivo. Nada disso é Ficha: a Ficha proposta está em 6.5, como proposta.

1.3 Decisões do fundador (versão 1.1, 21 de novembro de 2026)

O fundador leu a versão integral do Estudo XVI — o primeiro sobre uma casa sem autor no centro, o humanismo, que não tinha Ficha de outubro — e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. No corpo, cada questão decidida leva a marca “[Decidida pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º N): …]”. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das decisões de 17 de outubro (Estudo VII), de 19 de outubro (Estudo VIII), de 23 de outubro sobre os Estudos IX e X, de 31 de outubro sobre os Estudos XI, XII e XIII, de 3 de novembro sobre os Estudos I e II, de 4 de novembro sobre os Estudos III e IV, de 6 de novembro sobre os Estudos V e VI, de 12 de novembro sobre o Estudo XIV e de 20 de novembro sobre o Estudo XV. Não alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou, e dão ao humanismo a sua primeira Ficha.

1. **A fórmula** está adotada (questão (eh)): o Lumen Fluens aceita do humanismo a dignidade e recusa a condição. A dignidade aceita é a inerente — a de Kant, “acima de todo preço”, e a da Declaração de 1948, “inerente a todos os membros da família humana” —, lida ao lado de “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância”, como leitura; “dignidade” é palavra do humanismo e não do Cânon, que diz “valor”, e aceitá-la não adota a hipótese do Estudo VII, que segue registrada como leitura. A condição recusada é que o valor da pessoa dependa de um traço humano — a razão, a autonomia, a indeterminação, o reconhecimento — ou de ser contado como homem; é a mesma condição que a decisão n.º 1 de 6 de novembro sobre o Estudo V recusa diante do existencialismo. A fórmula não diz de onde vem a luz, não diz quem a dá e não nomeia a Lux por contraste; a Lux continua sem nome. A alternativa “aceita do humanismo a pessoa e recusa a condição” não foi adotada, e caem “recusa a outorga” (pressupõe um outorgante e soa a negar que a luz seja dada), “recusa a medida” (palavra do Estudo XI), “recusa a autoria” (repete “a invenção” do V), “recusa a suficiência” (lê-se

como motivo teísta) e “recusa a origem” (decidiria o que o cânon deixa em aberto), pelas razões de 3.13.

2. **A dignidade inerente e o Pilar I** (questão (ei)): a dignidade inerente de Kant e da Declaração de 1948, com a de Pico só pelo título que lhe deram depois, lê-se ao lado do valor que o Pilar I diz intrínseco, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a dignidade que Kant funda na autonomia e que 1948 reconhece × o valor “anterior a qualquer conquista ou circunstância”. “Dignidade” não passa a letra do Cânon; a hipótese do Estudo VII (a Lux do lado da dignidade) segue registrada como leitura (decisão n.º 11 de 31 de outubro sobre o Estudo XIII), nem adotada nem recusada.
3. **A consciência mais funda e o humanismo secular** (questão (ej)): “a consciência mais funda, o verdadeiro em si” é o nome que a Independência confessional dá à Lux “para quem não crê”; lê-se como o nome de quem não crê, nunca como adesão do cânon ao humanismo secular nem como o nome que o cânon dá à Lux para todos, e sempre com “a filosofia não decide isso por ninguém” ao lado. A fronteira fica dita na mesma frase: o humanismo que começa “com os humanos, não com Deus” × a Independência que não decide. A “consciência de um homem” de Montaigne é homônimo, e o parentesco não se decide.
4. **A autonomia, a razão e a Bússola** (questão (ek)): a autonomia moral e a razão de Kant e dos humanismos das Luzes e secular leem-se ao lado da Bússola que “apenas veta”, como leitura, com a fronteira dita — a razão que legisla × o veto que é a própria Lux, “sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X). A razão não é nome nem juíza da Lux; “razão” ocorre seis vezes nos escritos e nenhuma no Cânon.
5. **A formação de si e a Regra de Vida** (questão (el)): a formação de si — os *studia humanitatis*, a *paideía*, a *Bildung* e o exame de Montaigne — lê-se ao lado da Regra de Vida, de “Ninguém começa do zero” e do Examinar, como leitura, com a fronteira dita — a vida que se forma e se faz suficiente × “a luz não se acende — ela se revela”. “Formação” não passa a letra do cânon; o exercício não acende a luz.
6. **A *humanitas*, a fraternidade e as Águas Comuns** (questão (em)): a *humanitas* e a fraternidade — “o nome comum de homem” de Erasmo, o “espírito de fraternidade” de 1948 — leem-se ao lado das Águas Comuns, e o indivíduo autônomo ao lado de “pessoal, nunca individual”, como leitura, com a fronteira dita — o indivíduo autônomo e a fraternidade entre os homens × a pessoa “pelo que a abre” e o rio “de todos e de ninguém”. “Fraternidade” não passa a letra do cânon, e o personalismo de Mounier não se toma por humanismo.

7. **O progresso, a suficiência e a Vigília** (questão (en)): o progresso e a vida aceita "como o todo e o bastante" leem-se ao lado de "presença, não vitória", da noite e do Pilar IV, lido na Disputatio como exigência de estar inteiro onde o corpo sofre, como leitura, com a fronteira dita — a promessa do progresso × a luz que "não precisa do fim para valer". O cânon não nega o progresso nem a razão, e a noite não é prova (decisão n.º 7 de 3 de novembro sobre o Estudo II); a letra não diz que a vida basta nem que não basta.
8. **A Humanidade como nome** (questão (eo)): a Humanidade de Comte e o humanismo religioso de 1933 leem-se como leitura, com a fronteira dita — dar à Humanidade o nome que a teologia dava a Deus × deixar a cada um o nome, "seja qual for o nome que cada um lhe dê". O humano, a razão, a natureza humana, a dignidade e o progresso ficam como estrutura, na voz de quem os diz, nunca como nome da Lux, como a série fez com o Bem, o *logos*, o *ātman* e o Tao. O cânon não se aproxima da religião da Humanidade, do culto nem da prece.
9. **A Ficha está aprovada** (questão (ep)): como proposta em 6.5 — seis toques, oito fronteiras e três linhas de registro, com a fórmula adotada —; é a primeira Ficha do humanismo e entra na página dos estudos do site nas três línguas. Os que ficaram sem letra (Salutati, Valla, Manetti, Vives, Christine de Pizan, Las Casas, Todorov e os demais) ficam registrados no estudo, não na Ficha.
10. **O padrão das fronteiras estende-se ao humanismo**, casa de muitos autores (questão (eq)): a obra lida, a biografia anotada, nenhuma resposta posta na boca de quem escreveu (decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XI; n.º 10 de 20 de novembro sobre o Estudo XV); diante de Sepúlveda, da mulher na voz da Estultícia, da carta de Erasmo a Capito, da eugenia de Huxley e da missão civilizadora de 1885, a frase da série — "nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega" (decisão n.º 6 de 31 de outubro sobre o Estudo XII) — vale com a sua própria força, e "humano" ou "humanidade" nunca é, na voz do cânon, grandeza que se tem em graus. A letra que vai no sentido contrário, na mesma casa, fica dita ao lado, sem absolver nem acusar o humanismo inteiro.
11. **O Lumen Fluens não se diz humanismo** (questão (er)): "humanismo" não é nome que o cânon se dê. O cânon coincide com os humanismos no valor da pessoa e se separa deles no de que o valor depende; dialoga com a casa sem se filiar a ela, como o Tratado das Águas Comuns faz com Mounier, Buber e Arendt. Nenhuma das três respostas da casa é a do cânon — não é humanismo secular, não é humanismo religioso, não é anti-humanismo —, e a Independência confessional vale nos dois sentidos: o cânon não é humanismo secular nem é contra ele, não é humanismo cristão nem é contra ele.

12. **Registros adotados**: a *Queixa da paz* de Erasmo, Beccaria e a Declaração de 1948 são matéria do tratado da justiça, e (g) segue aberta até o tratado; Kant diante de Abraão fica registrado como a decisão n.º 9 de 6 de novembro sobre o Estudo V leu Moriá, e (j) segue como está; o humanismo marxista e Althusser vão à porta do mal estrutural, e (k) segue aberta até o estudo de Marx. **Publicação** como o Estudo XV: integral, página própria com resumo trilíngue e nota de decisões, a Ficha na página dos estudos nas três línguas, e a teia do rio atualizada com o Estudo XVI. Ordem seguinte, decidida em 21 de novembro: XVII — Kierkegaard; XVIII — Spinoza; XIX — Kant; XX — Pascal.

2 O HUMANISMO EM SUA MELHOR FORMA

2.1 A palavra e as moradas

A palavra “humanismo” é mais jovem do que quase tudo o que nomeia, e por isso o capítulo começa dizendo de que moradas fala.

Humanitas (humanidade, no sentido de cultura) é palavra latina, e os humanistas a receberam de Cícero e de Gélio. Gélio, nas *Noites áticas* (*Noctes Atticae*), diz que quem fez a língua latina não quis que *humanitas* fosse o que o vulgo pensa e os gregos chamam *philanthropía*, mas “quase o que os gregos chamam *paideía*, e nós dizemos instrução e formação nas boas artes” (Gélio, *Noites áticas*, XIII, 17, 1) [V-la; edição a confirmar]. *Paideía* quer dizer formação, educação. Cícero fala das “artes que dizem respeito à humanidade” (Cícero, *Em defesa do poeta Árquias* (*Pro Archia poeta*), 2) [V-la], e é nesse passo que Kohl vê a origem da expressão *studia humanitatis* (estudos da humanidade), que Salutati popularizou na década de 1370 [V via secundária: Kohl, 1992; página a confirmar].

A palavra *Humanismus* (humanismo) aparece em Niethammer, em 1808, no título de *A disputa entre o filantropinismo e o humanismo na teoria do ensino de formação do nosso tempo* (*Der Streit des Philanthropinismus und Humanismus in der Theorie des Erziehungs-Unterrichts unsrer Zeit,* Jena). Ele chama assim o sistema de instrução que forma o espírito pelas línguas antigas, contra o sistema “filantrópico” da utilidade: “O ensino de formação tem um fim próprio, existente por si, a formação geral do homem” (Niethammer, 1808, I, 1) [V-de; página a confirmar]. A palavra nasce como nome de uma pedagogia, e não de uma doutrina sobre Deus. A primazia de Niethammer na cunhagem é tese a confirmar [tese a confirmar]; Copson, que a conta, não o nomeia [V-en; paráfrase].

O humanismo secular organizado, o dos Manifestos Humanistas e da Declaração de Amsterdã, toma o nome no século XX. O estudo distingue as moradas: a antiga, relida pelos humanistas; a renascentista; a cristã; a das Luzes; a hegeliana de esquerda e a marxista; a positivista; a secular organizada; a existencialista; a “do outro homem”; a crítica. Cada citação diz de que morada fala, porque a casa é plural: Maritain, que a reclama para o cristianismo, escreve que “a palavra humanismo é um vocábulo ambíguo” (Maritain, *Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), 1936, em espanhol, p. 12) [V via secundária: Maritain, em espanhol].

Da palavra passa-se à *humanitas* antiga, que os humanistas releram.

2.2 A *humanitas* antiga relida

O que os humanistas chamam de volta é um punhado de frases latinas e uma frase grega.

A mais conhecida é de comédia: “sou homem: nada do que é humano julgo alheio a mim” é fala de Cremes, personagem que se mete na vida alheia (Terêncio, *O homem que se*

pune a si mesmo (*Heautontimorumenos*), v. 77) [V-la]. Quem a promove a fórmula do dever humano é Sêneca: “somos membros de um grande corpo. A natureza nos fez parentes, ao nos gerar dos mesmos [elementos] e para os mesmos [fins]” (Sêneca, *Cartas a Lucílio* (*Epistulae ad Lucilium*), 95, 52–53) [V-la; edição a confirmar]. A outra frase que corre está em 95, 33, numa denúncia dos espetáculos de gladiadores, e não é dada como tese sobre a dignidade: “O homem, coisa sagrada para o homem, já é morto por jogo e brincadeira” [V-la]. O Estudo II (3.8) já a leu.

Cícero dá à *humanitas* o fundamento da razão e da palavra: “O vínculo [da sociedade de todo o gênero humano] é a razão e a palavra, que, ensinando, aprendendo, comunicando, discutindo, julgando, reúne os homens entre si” (Cícero, *Sobre os deveres* (*De officiis*), I, 50) [V-la]; e dá à obrigação universal um motivo único: “um homem, quem quer que seja, queira o bem de outro homem pela única razão de que este é homem” (III, 27) [V-la]. Em Gélio, como se viu, a *humanitas* é primeiro formação e só depois benevolência [leitura do estudo].

Do lado grego há uma fórmula que o capítulo 4 retoma: “o homem é a medida de todas as coisas: das que são, que são; das que não são, que não são” (Platão, *Teeteto*, 152a, em que Sócrates cita Protágoras; morada sofística, por Platão) [V-gr]. Que Pico ou Montaigne a tenham lido é tese a confirmar [tese a confirmar].

Da *humanitas* antiga passa-se a Petrarca e ao olhar voltado para dentro.

2.3 Petrarca e o exame de si

O humanismo renascentista tem um mito de origem em forma de carta, e é uma carta que manda o olhar para dentro.

Petrarca narra a subida ao Monte Ventoso e o que leu no alto, ao abrir as *Confissões* de Agostinho: “E os homens vão admirar os cumes das montanhas, e as grandes ondas do mar, e o vasto curso dos rios, e a volta do oceano, e a revolução dos astros, e a si mesmos não consideram.” Fecha o livro, zangado consigo, porque deveria ter aprendido “que nada é admirável senão a alma, a qual, quando é grande, nada encontra de grande fora de si”; e “voltei para mim o olhar interior” (Petrarca, *Familiares*, IV, 1, a Dionigi da Borgo San Sepolcro; morada renascentista e cristã-agostiniana) [V-en: Robinson; página a confirmar].

De Salutati, do *Secretum* e de *Da ignorância própria e de muitos* não há letra neste estudo. A tradição lê o programa como Kristeller: um programa de cultura retórica e literária, não uma filosofia [V via secundária: Kristeller; obra e página a confirmar]. Valla e Manetti ficam como registro: Nauta lê o *Sobre o prazer* (*De voluptate*, 1431) como diálogo que identifica ao prazer a caridade cristã [V via secundária: Nauta; paráfrase; localização a confirmar]; de Manetti, *Da dignidade e excelência do homem* (1452/1453), não há letra neste estudo [tese a confirmar].

Do exame de si em Petrarca passa-se à dignidade de Pico.

2.4 Pico e a letra latina

A frase de Pico que corre como lema não está no latim, e por isso este capítulo cita só a letra.

O *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*) é de 1486 e foi escrito para introduzir as novecentas *Conclusões*; não foi proferido nem publicado em vida de Pico, e o título "sobre a dignidade do homem" é póstumo: *de dignitate hominis* aparece discretamente em 1504, e o título impresso, em Basileia, em 1557 (Copenhaver, na *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, a Enciclopédia de Stanford) [V via secundária: Copenhaver]. Pico abre com Mercúrio: "Grande milagre, ó Asclépio, é o homem" (Pico, *Discurso sobre a dignidade do homem*, 1486, § 1, pars. 1–2) [V-la; edição a confirmar].

A resposta vem na fala do Criador: "Nem lugar certo, nem rosto próprio, nem dom algum peculiar te demos, ó Adão, para que o lugar, o rosto, os dons que tu mesmo desejares, os tenhas e possuas segundo o teu voto e o teu parecer" (§ 5, pars. 17–18) [V-la; edição a confirmar]. A natureza dos outros é contida em leis; "Tu, não coagido por limite algum, defini-la-ás para ti, segundo o teu arbítrio", "para que, de ti mesmo quase árbitro e honrado escultor e plasmador, te modeles na forma que preferires" (§ 5, pars. 19–23) [V-la; edição a confirmar]. E no § 6: "A quem foi dado ter o que deseja, ser o que quer"; as sementes crescem conforme "as que cada um cultivar", e quem "se recolher no centro da sua unidade, feito um só espírito com Deus", a todas precederá (pars. 24–31) [V-la; edição a confirmar]. Logo vem o camaleão: "Quem não admirará este nosso camaleão?" (§ 7, pars. 32–34) [V-la; edição a confirmar].

O achado está na contagem. *Dignitas* (dignidade) ocorre duas vezes no corpo do texto: na "santa ambição", em que Pico manda emular os Serafins, Querubins e Tronos "na dignidade e na glória" (§ 10, pars. 50–53), e a propósito das artes liberais, que mostram "as vantagens e a dignidade" (§ 20, par. 109) [V-la; edição a confirmar]. Fora disso, só no título, que é póstumo. E a frase corrente "poderás ser o que quiseres" não está assim no latim: as fórmulas mais próximas são as do § 5 e do § 6, citadas acima.

A tradição lê. Para Copenhaver, o que Pico diz que o homem deve ser "não é humano de modo algum: é ser anjo", e a leitura da dignidade "foi escrita, e ainda está sendo escrita, por nós, pós-kantianos, não por Giovanni Pico" (Copenhaver, Enciclopédia de Stanford, "Giovanni Pico della Mirandola", rev. 2024, § 2.4) [V via secundária: Copenhaver]. O estudo lê a morada de Pico como cristã e neoplatônica, não secular, porque o texto termina em "feito um só espírito com Deus" [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ei)) como ler a dignidade de Pico, a de Kant e a de 1948 ao lado do Pilar I.

Da dignidade de Pico passa-se ao humanismo de Erasmo, que é cristão.

2.5 Erasmo e o humanismo cristão

Erasmo, nascido em 1469, deu à casa o nome mais citado, e a letra mostra um humanismo que se diz cristão de ponta a ponta.

No prefácio ao Novo Testamento grego de 1516, a *Paráclesis* (*Paraclesis*), a *philosophia Christi* (filosofia de Cristo) é saber simples: “Esta filosofia frutuosa […] aplica-se por igual a todos os homens. […] Ela não recusa idade, nem gênero, nem fortuna, nem estado ou condição”; e “Eu quisera que todas as mulheres lessem o Evangelho e as epístolas de Paulo, e prouvesse a Deus que fossem traduzidos para as línguas de todos os homens” (Erasmo, *Paráclesis*, 1516, em tradução inglesa de 1529) [V-en]. No colóquio *O abade e a letrada* (*Abbatis et eruditae*), Magdália diz que o homem só é feliz “pelos bens da mente” (*Colóquios*, trad. N. Bailey, 1878) [V-en: Bailey].

Na *Queixa da paz* (*Querela pacis*, 1517) quem fala é a Paz: “Ainda que nada mais se tivesse acrescentado, bastava o nome comum de homem para que os homens se entendessem”; e “Por que não antes queres bem, homem ao homem? Cristão ao cristão? Por que uma coisa frívola pode mais junto deles do que tantos laços da natureza? tantos vínculos de Cristo?” (*Queixa da paz*, V e XXIII) [V-la].

O livre-arbítrio põe Erasmo diante de Lutero. Erasmo o define como “um poder da vontade humana, pelo qual o homem pode aplicar-se às coisas que levam à salvação […] ou afastar-se delas” (Erasmo, *Sobre o livre-arbítrio* (*De libero arbitrio*), 1524, citado em Lutero, *Sobre o arbítrio servo* (*De servo arbitrio*), 1525, seção XLI) [V via secundária: Lutero]. Lutero responde que é um poder “que nem vê o que vê, nem ouve o que ouve, e muito menos entende e busca” (seção XXXVIII) [V-en]. A tradição lê Erasmo como Rummel: o nome dele “tornou-se sinônimo” de humanismo; preferia “fé simples e devoção” à dialética (Rummel, Enciclopédia de Stanford, “Erasmus”, rev. 2025, § 2) [V via secundária: Rummel].

Do humanismo cristão de Erasmo passa-se a More, que o põe numa ilha.

2.6 More e a *Utopia*

More pôs a tolerância numa ilha e, na mesma ilha, o limite dela.

Utopo, vencedor, “decretou antes de tudo que seja lícito a cada um seguir a religião que lhe aprouver”; quem quer levar outros à sua só pode defendê-la “com razões, com brandura e modéstia”, sem violência, e quem disputa com petulância é punido com exílio ou servidão (More, *Utopia*, 1516, II, “De religionibus Utopiensium”; morada cristã e renascentista) [V-la]. O argumento é de Utopo, narrado por Rafael Hitlodeu: ele não ousou definir nada, “como quem não sabe se Deus, desejando culto vário e múltiplo, inspira uma coisa a um e outra a outro” (*Utopia*, II) [V-la].

O limite vem logo: Utopo “proibiu santa e severamente que alguém degenere tanto da dignidade da natureza humana a ponto de pensar que as almas morrem com o corpo ou

que o mundo anda ao acaso"; quem assim sente, "nem sequer o contam no número dos homens", e não recebe cargo público, "mas a nenhum suplício o submetem" (*Utopia*, II) [V-la]. A ilha tem servos, "assim chamam os condenados" [V-la]; que haja outra fonte de servidão é tese a confirmar [tese a confirmar]. Abominam a guerra, "coisa plenamente bestial", mas treinam "não só os homens, mas também as mulheres", e as mulheres aprendem ofícios, mas "como mais fracas, tratam das mais leves" (*Utopia*, II) [V-la]. De intérpretes de More não há letra neste estudo.

De More passa-se a Montaigne, que pinta a si mesmo.

2.7 Montaigne

Montaigne é o humanismo que desconfia do homem e, por isso, o examina.

O livro abre com um aviso: "É aqui um livro de boa-fé, leitor. […] é a mim que pinto. […] Assim, leitor, eu mesmo sou a matéria do meu livro" (Montaigne, *Ensaios* (*Essais*), "Ao leitor", 1580; morada renascentista e cética) [V-fr; página a confirmar]. Em "Do arrepender-se": "Não pinto o ser. Pinto a passagem"; "a minha consciência se contenta consigo: não como a consciência de um anjo ou de um cavalo, mas como a consciência de um homem" (*Ensaios*, III, 2) [V-fr; página a confirmar]. A formação vem em "Da educação das crianças": "Saber de cor não é saber"; "Não é uma alma, não é um corpo que se adestra: é um homem; não se deve fazer dele dois" (I, 26) [V-fr; página a confirmar].

Na "Apologia de Raymond Sebond": "A presunção é a nossa doença natural e originária. A mais calamitosa e frágil de todas as criaturas é o homem, e ao mesmo tempo a mais orgulhosa"; "Que sei eu?"; e a gata: "quem sabe se ela não passa o tempo comigo mais do que eu com ela?" (II, 12) [V-fr; página a confirmar]. E em "Da experiência": "Não há nada tão belo e legítimo quanto fazer bem e devidamente o homem"; "É uma absoluta perfeição, e como divina, saber gozar lealmente do seu ser" (III, 13) [V-fr; página a confirmar]. A tradição lê: Foglia e Ferrari dizem que Montaigne "poderia ter sido classificado entre os humanistas mais eruditos do século XVI", mas que nos *Ensaios* o seu objetivo é exercer o próprio juízo [V via secundária: Foglia e Ferrari].

De Montaigne passa-se às Luzes, em uma só seção.

2.8 As Luzes

Kant, Humboldt e Mill dão ao humanismo a menoridade a deixar, o fim em si e a formação de si; Kant é o Estudo XIX, e aqui só importa o essencial.

"O Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado"; "*Sapere aude!* Tem a coragem de te servires de teu próprio entendimento!"; a menoridade é ter "um pastor de almas que tem consciência por mim" (Kant, "Que é o Esclarecimento?" (*Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*), 1784, Akademie-Ausgabe, VIII, 35; morada das Luzes) [V-de]. Na *Fundamentação da metafísica dos*

costumes (*Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*): “o homem e, em geral, todo ser racional existe como fim em si mesmo”; “No reino dos fins tudo tem ou um preço ou uma dignidade”; “A autonomia é, pois, o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda natureza racional” (IV, 428, 434 e 436) [V-de]. Na letra, a dignidade tem por condição a moralidade, “a humanidade enquanto capaz dela” (IV, 435) [V-de; leitura do estudo; fica para o capítulo 4].

Humboldt escreve que “O verdadeiro fim do homem […] é a formação mais elevada e mais proporcionada de suas forças num todo. Para essa formação a liberdade é a primeira e indispensável condição” (Humboldt, *Ideias para um ensaio de determinar os limites da ação do Estado* (*Ideen zu einem Versuch, die Grenzen der Wirksamkeit des Staats zu bestimmen*), cap. II, ed. Breslau, 1851; morada das Luzes e do humanismo escolar alemão) [V-de; página a confirmar]: é a *Bildung* (formação). Mill diz da natureza humana que “não é uma máquina a ser construída segundo um modelo […], mas uma árvore, que precisa crescer e desenvolver-se por todos os lados” (Mill, *Sobre a liberdade* (*On Liberty*), cap. III) [V-en; localização a confirmar].

Das Luzes passa-se a Feuerbach, Marx e Comte.

2.9 Feuerbach, Marx e Comte

Os três põem o homem no lugar que a teologia dava a Deus, cada um à sua maneira, e a letra de cada um é diferente.

Feuerbach, da esquerda hegeliana: “A consciência de Deus é a autoconsciência do homem, o conhecimento de Deus é o autoconhecimento do homem”, e “o segredo da teologia é a antropologia” (Feuerbach, *A essência do cristianismo* (*Das Wesen des Christentums*), 1841, I, cap. 2, e Prefácio, ed. Reclam, 1988, sem paginação) [V-de; página a confirmar]. A frase “O homem é Deus para o homem” está no capítulo 16 entre aspas do próprio autor, a propósito do pecado e do outro como mediador da “santa ideia do gênero”; não é a frase solta que corre. No fecho: “*Homo homini Deus est* — este é o princípio prático supremo, este é o ponto de virada da história universal” (“Schlußanwendung”) [V-de; página a confirmar].

Marx, em 1844, é a porta da questão (k), e só a letra entra: “Esse comunismo é, como naturalismo plenamente desenvolvido, humanismo, e, como humanismo plenamente desenvolvido, naturalismo”; a sociedade é “o naturalismo realizado do homem e o humanismo realizado da natureza” (Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos* (*Ökonomisch-philosophische Manuskripte*), 3.º manuscrito, *Marx-Engels-Werke*, vol. 40, pp. 536 e 538; morada marxista) [V-de]. O sinal de igualdade da fórmula corrente não aparece no texto em linha do Marxists Internet Archive [tese a confirmar].

Comte, positivista: “A religião consiste, pois, em regular cada natureza individual e em reunir todas as individualidades”; a fórmula sagrada é “O Amor por princípio, a Ordem

por base, e o Progresso por fim"; e, a propósito da *Imitação de Cristo*, "substituindo nele Deus pela Humanidade" (Comte, *Catecismo positivista* (*Catéchisme positiviste*), 1852, Introdução, pp. 3 e 19, e III, pp. 272–273) [V-fr]. O que Comte diz da Humanidade além disso fica para o capítulo 4 (4.10). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (eo)) como ler a Humanidade de Comte e o humanismo religioso de 1933 (ver 2.10).

De Comte passa-se ao humanismo que se organiza em manifestos.

2.10 O humanismo secular organizado

O humanismo que se organiza em manifestos e declarações fala em primeira pessoa do plural, e o capítulo o deixa falar em ordem de datas.

Russell, em "A adoração do homem livre" (*A Free Man's Worship*, 1903, em *Mysticism and Logic*, 1917), parte de que "o Homem é produto de causas que não previam o fim que realizavam" e constrói "sobre o fundamento firme de um desespero sem concessão" (Russell, cópia sem paginação; morada secular organizada) [V-en; data a confirmar]. Huxley, em *Religião sem revelação* (*Religion without Revelation*, 1927), vê chegar o momento de construir "uma nova habitação para o seu espírito […] sobre a base de um humanismo científico. O século XVIII tentou-o e falhou. A Razão não bastava" (Prefácio, p. 9), e chama o humanismo "o controle humano por esforço humano, de acordo com ideais humanos" (p. 18) [V-en]. Dewey, em *Uma fé comum* (*A Common Faith*, 1934), diz que "Deus" designa também "a unidade de todos os fins ideais que nos movem ao desejo e à ação" (cap. II, p. 42) [V-en; página a confirmar].

O *Manifesto Humanista* I (*A Humanist Manifesto*, 1933) foi redigido por Raymond B. Bragg e tem 34 signatários, entre eles Dewey, Charles Francis Potter e Edwin H. Wilson, muitos pastores unitários e universalistas, um rabino e professores [V-en; contagem do estudo].

A quinta tese torna "inaceitáveis quaisquer garantias sobrenaturais ou cósmicas dos valores humanos"; a sexta: "passou o tempo do teísmo, do deísmo, do modernismo"; a sétima: "A religião consiste nas ações, propósitos e experiências humanamente significativos. Nada humano é alheio ao religioso. […] A distinção entre o sagrado e o secular não pode mais ser mantida" (*Manifesto Humanista* I, teses 5 a 7) [V-en].

A *Declaração de Amsterdã* (*Amsterdam Declaration*), de 1952, oferece o humanismo como alternativa "às religiões que dizem fundar-se em revelação, de um lado, e aos sistemas totalitários, de outro" [V-en]. A revisão de 2002: "Afirma o valor, a dignidade e a autonomia do indivíduo"; "a moral é parte intrínseca da natureza humana, baseada na compreensão e na preocupação com os outros, sem necessitar de sanção externa" [V-en].

O *Manifesto Humanista* II (*Humanist Manifesto II*, 1973), de Paul Kurtz e Edwin H. Wilson, diz que "visões que apenas rejeitam o teísmo não equivalem ao humanismo", a que falta "a crença positiva nas possibilidades do progresso humano". Primeira tese: "Como

não teístas, começamos com os humanos, não com Deus"; "Nenhuma divindade nos salvará; precisamos salvar a nós mesmos". Terceira: "A ética é autônoma e situacional, sem necessitar de sanção teológica ou ideológica". Quinta: "A preciosidade e a dignidade da pessoa individual são um valor humanista central" (*Manifesto Humanista* II, Prefácio e primeira, terceira e quinta teses) [V-en]. Cerca de 260 assinaturas o acompanham [V-en; contagem do estudo]. O *Manifesto Humanista* III, *Humanismo e suas aspirações* (*Humanism and Its Aspirations*, 2003), diz: "Estamos comprometidos a tratar cada pessoa como tendo valor e dignidade inerentes"; "Aceitamos nossa vida como o todo e o bastante" [V-en].

Depois, vozes de dentro. Lamont recusa elevar a Mente (Razão, Inteligência, Consciência), o Amor, o Bem e a Liberdade, entre dezoito categorias, a "últimos irredutíveis" (Lamont, *A filosofia do humanismo* (*The Philosophy of Humanism*), 8.ª ed., póstuma, 1997, pp. 190–191) [V-en; página a confirmar]. Copson dá a definição mínima, acordada por organizações humanistas em mais de quarenta países [paráfrase]: "uma postura de vida democrática e ética que afirma que os seres humanos têm o direito e a responsabilidade de dar sentido e forma às suas próprias vidas"; "Não é teísta" (Copson, 2015, p. 6, n. 26) [V-en]. E a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, que o Manifesto II invoca: "dignidade inerente a todos os membros da família humana" (1948, Preâmbulo, primeiro considerando, na versão oficial em português) [V-en].

Do humanismo organizado passa-se aos críticos e aos de fora.

2.11 Os críticos e os de fora

A casa foi lida de fora por quem a recusa, por quem a reivindica e por quem a vê pelo avesso.

Heidegger, existencialista e crítico: "Todo humanismo ou se funda numa metafísica ou é ele mesmo posto como fundamento de uma"; "O humanismo é contestado porque não coloca a *humanitas* do ser humano alto o bastante"; "O ser humano é o pastor do ser", e a dignidade do pastor "consiste em ser chamado pelo próprio ser à guarda da verdade do ser" (Heidegger, *Carta sobre o humanismo* (*Brief über den Humanismus*), escrita em 1946 e publicada em 1947, pp. 152–153, 159–161 e 172–173 de *Wegmarken*) [V-en: Capuzzi; página a confirmar]. O Estudo V (2.2) registrava só a "inversão metafísica"; a letra desses trechos é nova aqui.

Foucault diz da figura "homem", e não de pessoas, que "é apenas uma invenção recente […], uma simples dobra em nosso saber", e, no fim, que "pode-se apostar que o homem se apagaria, como na orla do mar um rosto de areia" (Foucault, *As palavras e as coisas* (*Les mots et les choses*), 1966, Avant-propos e fecho) [V-fr; página a confirmar].

Sartre, Levinas, Arendt e Taylor entram pelos Estudos que os leram. Sartre: "O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo"; "Escolha, isto é, invente" (*O*

existencialismo é um humanismo (*L’existentialisme est un humanisme*), 1946, pp. 22 e 46) [V-fr; via Estudo V, 2.2 e 2.5]. A decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V fixou que “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção”; a fronteira não se refaz [decisão do fundador]. Levinas: “O eu voltado a si, responsável pelo Outro — isto é, refém de todos” (*Humanismo do outro homem* (*Humanisme de l’autre homme*), em espanhol, Siglo XXI, 2005, pp. 110–111) [V-es; via Estudo VIII, 1.8].

Arendt: o homem “pode perder todos os chamados Direitos do Homem sem perder a sua qualidade essencial de homem, a sua dignidade humana. Só a perda da própria comunidade política o expulsa da humanidade” (*As origens do totalitarismo*, cap. 9) [V-en; via Estudo XIII, 2.11]; a leitura dela como crítica do “humanismo abstrato” é leitura, não letra (Estudo XIII, 4.5). Taylor: o humanismo exclusivo (*exclusive humanism*) é o “puramente autossuficiente” (*Uma era secular*, p. 18) [V-en; via Estudo XV, 2.10].

Fanon fala de dentro do incômodo: “Esta nova humanidade não pode senão definir um novo humanismo, para si e para os outros” (“Sobre a cultura nacional”, p. 246); “Deixemos esta Europa que não termina de falar do Homem, e no entanto assassina os homens em toda parte” (Conclusão, p. 311) (Fanon, *Os condenados da terra* (*The Wretched of the Earth*), Grove Press, 1963, trad. Farrington) [V-en: Farrington].

Dos críticos passa-se ao que a casa deixa dito com clareza.

2.12 O que a casa deixa dito com clareza

A casa deixa dito, em letra, o que o capítulo anota sem julgar e sem desculpar: a biografia da tradição não é a doutrina, e uma morada não responde pela outra.

Sepúlveda, humanista de corte, escreve que “os espanhóis têm perfeito direito de dominar esses bárbaros do Novo Mundo […], que em prudência, engenho, virtudes e humanidade são tão inferiores aos espanhóis como as crianças aos adultos, ou as mulheres aos homens” (Sepúlveda, *Demócrates segundo* (*Democrates alter*), c. 1545, seleção em *Introduction to Contemporary Civilization in the West*, 1960, I, pp. 523–529) [V-en]; e fala de “homenzinhos [*homunculos*] nos quais mal se podem encontrar restos de humanidade” (ed. Losada, p. 35, citado em Castilla Urbano, 2010) [V via secundária: Castilla Urbano]. Que tenha traduzido a *Política* de Aristóteles é tese a confirmar [tese a confirmar].

Em 1550 o tratado, ainda manuscrito, serviu na controvérsia de Valladolid contra Las Casas; o conselho não o endossou e o governo proibiu a publicação, “mas as guerras continuaram” [V via secundária: Duffy]. De Las Casas não há letra neste estudo; segundo O’Gorman, a *Apologética história sumária* diz que todas as nações são de homens, de uma só definição, entes racionais [paráfrase; V via secundária: O’Gorman; página a confirmar]. A frase da série, “nenhuma pessoa está fora da Lux” (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII, fixada para os clássicos cristãos), o estudo a põe diante de Sepúlveda, das mulheres e de Erasmo [decisão do fundador; leitura do estudo].

Quanto às mulheres, a letra vai nos dois sentidos, e o estudo diz os dois sem atenuar nenhum. Na voz da Estultícia, o criador deu ao homem uma companheira, “animal sem dúvida estulto e inepto, mas risível e suave”, e “se alguma mulher quis passar por sábia, só consegue ser duas vezes estulta” (Erasmo, *Elogio da loucura* (*Moriae encomium*), 1511, § 17) [V-la]; em *Utopia* elas tratam das tarefas “como mais fracas” (ver 2.6); a *Paráclesis* e Magdália vão em sentido contrário (ver 2.5). De Vives, *A educação da mulher cristã* (1524), e de Christine de Pizan, *A cidade das damas* (1405), não há letra neste estudo, só a data e o tema [V via secundária: Casini].

Na carta a Capito de 13 de março de 1518, Erasmo escreve: “Vejo que esse povo está cheio das histórias mais insípidas e quase nada espalha senão fumaça: o Talmude, a Cabala, o Tetragrama, a Porta da Luz e semelhantes palavras vazias. […] A Itália tem muitos judeus, a Espanha mal tem cristãos. Temo que, neste caso, a peste, há muito reprimida, volte a levantar a cabeça” (carta 798, *De correspondentie van Desiderius Erasmus*, V, 2008, p. 265) [V-nl]. O contexto é a crítica ao hebraísmo cabalístico [leitura do estudo], e o antecedente de “a peste” não é dito na frase. A frase atribuída a Erasmo, “se é próprio do cristão detestar os judeus, somos todos cristãos de sobra”, não tem letra neste estudo [atribuição a confirmar].

Na eugenia, só Huxley tem letra. Em 1946 escreve: “A desigualdade biológica é, evidentemente, o fato-base sobre o qual toda a eugenia se assenta” (Huxley, *UNESCO: seu propósito e sua filosofia* (*UNESCO: Its Purpose and Its Philosophy*), 1946, p. 21 e seguintes) [V-en; página a confirmar]. Presidiu a British Eugenics Society, de 1959 a 1962 [tese a confirmar], e assina o Manifesto II. A palavra “eugenia” não consta da letra dos Manifestos I, II e III, e o elo entre os signatários do Manifesto I e a eugenia não está provado em primeira mão [tese a confirmar]: Hankins, signatário, criticou o nordicismo em *The Racial Basis of Civilization* (1926) [V via secundária: Hankins; obra e página a confirmar], e o elo não se prova com ele.

Ferry, na Câmara dos Deputados, a 28 de julho de 1885: “Há para as raças superiores um direito, porque há um dever para elas. Têm o dever de civilizar as raças inferiores”; Clemenceau, dois dias depois: “Falar a esse propósito de civilização é juntar à violência a hipocrisia” (*Journal officiel*, Câmara dos Deputados) [V-fr]. Se a frase da série e o padrão das fronteiras (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI) valem diante do humanismo, o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (eq)).

Do que a casa deixa dito passa-se aos homônimos.

2.13 Os homônimos reunidos

Os vocábulos que a casa também tem, ou parece ter, ficam juntos aqui, cada um com a contagem nos escritos e sem equivalência; se o Lumen Fluens é um humanismo, o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (er)).

“Humanismo”, “humanista” e “humanidade” não ocorrem nos escritos; nas notas de decisões, “humanidade” e *humanitas* ocorrem três vezes, na decisão n.º 8 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV.

“Humano” e “humana” ocorrem 11 vezes nos escritos, sempre como adjetivo (“experiência humana”, “valor humano”, “ser humano”), e nenhuma no Cânon; “natureza humana” não ocorre.

“Dignidade” ocorre oito vezes nos escritos e nenhuma no Cânon, que diz: “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) [letra do cânon]. Na casa, a palavra tem ao menos cinco sentidos: a de Pico, de indeterminação; a de Kant, de autonomia; a de 1948, inerente; a do Manifesto II, valor central da pessoa individual; a de Heidegger, o ser chamado à guarda [leitura do estudo].

“Consciência” ocorre três vezes nos escritos, todas em “a consciência mais funda”: “Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; ver 3.2) [letra do cânon]. A consciência de Kant julga; a “consciência de um homem” de Montaigne (III, 2) é outra palavra; o parentesco com “a consciência mais funda” não se decide [leitura do estudo].

“Razão” ocorre seis vezes nos escritos e nenhuma no Cânon; “autonomia” e “progresso” não ocorrem.

“Fraternidade”, “secular”, “laico”, “salvação”, “formação” e “educação” não ocorrem; “formar” ocorre uma vez, no Catecismo, 20 (“formam exatamente o lema”), sem sentido de pedagogia [leitura do estudo].

“Liberdade” ocorre uma vez nos escritos; “universal”, uma (“universalmente”, na Disputatio); “indivíduo”, 12; “pessoa”, 53. O Cânon diz “pessoal, nunca individual” (“As Águas Comuns”; ver 3.6) [letra do cânon]. O personalismo de Mounier é ouvido pelo Tratado das Águas Comuns, que não o chama de humanismo.

“Transcendência” ocorre cinco vezes nos escritos: “A transcendência passa pela matéria” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV (Corpus)) [letra do cânon]. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

Dos homônimos passa-se ao capítulo 3, onde as duas casas se tocam.

3 ONDE NOS TOCAMOS

3.1 A dignidade inerente e o Pilar I

Este é o toque mais largo da série com o humanismo e o que mais pede a fronteira na mesma frase: a casa diz “dignidade” em mais de um sentido (ver 2.13).

O Cânon diz: “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) [letra do cânon]; e o Catecismo dá a imagem: “Um recém-nascido ainda não conquistou nada e já o tem” (Catecismo, 6) [escrito do cânon]. A palavra do Cânon é “valor”: “dignidade” ocorre oito vezes nos escritos e nenhuma no Cânon, só no Tratado da Luz Interior e na Disputatio. O Tratado, ao ler a linha tomista, diz a dignidade “predicado do ser, não do fazer” e acrescenta que ela não se mede “pelo desempenho de suas faculdades” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”) [escrito do cânon]. A decisão n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo III fixou a estrutura, “a dignidade antes do mérito” [decisão do fundador].

O toque mais próximo é o da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948), instrumento que não pertence a uma morada só: “o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana” (Preâmbulo, primeiro considerando) e “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos” (art. 1) [V-en; versão portuguesa oficial da Organização das Nações Unidas]. O estudo as lê ao lado do Pilar I [leitura do estudo]: em 1948 a dignidade vem “inerente”, anterior a mérito. A fronteira está nas palavras, “inerente” e “família humana” de um lado, “intrínseco” e “pessoa” do outro, já que “humanidade” não ocorre nos escritos e “pessoa” ocorre 53 vezes [contagem do estudo]. O artigo 1 diz ainda que os seres humanos “são dotados de razão e consciência” [V-en; versão portuguesa oficial]; o Pilar I não dota a pessoa de nada.

Pico della Mirandola, renascentista e cristão, põe a grandeza em outro lugar: no *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*, 1486), o Criador diz a Adão que não lhe deu “nem lugar certo, nem rosto próprio” (§ 5; ver 2.4) [V-la; edição a confirmar]. Kant, das Luzes, prende a dignidade ao que a pessoa pode: ela tem por condição a moralidade, “a humanidade enquanto capaz dela” (*Fundamentação da metafísica dos costumes* (*Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*), Akademie-Ausgabe, IV, 435; ver 2.8) [V-de], e “A autonomia é, pois, o fundamento da dignidade” (IV, 436) [V-de].

Em Pico a grandeza está em poder tornar-se; em Kant a dignidade se funda na autonomia; o Pilar I põe o valor antes de qualquer conquista [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ei)).

Da dignidade inerente passa-se à letra que o cânon dá a quem não crê.

3.2 “A consciência mais funda, o verdadeiro em si” e o humanismo secular

Esta é a letra do cânon em que o estudo vê o toque mais próximo do humanismo secular, e a que mais exige o limite dito por inteiro [leitura do estudo].

“Lumen Fluens não pertence a nenhuma religião oficial — e não exclui nenhuma. Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) [letra do cânon]. O Catecismo repete: “Não é preciso nenhum nome religioso para ser fiel à luz” (Catecismo, 27) [escrito do cânon]. A consciência mais funda é o nome que a Independência confessional dá, “para quem não crê”, à Luz; não é o nome que o cânon ou o estudo dá a ela para todos, e o humano, a razão, a natureza humana, a dignidade e o progresso não são nome da Lux.

O humanismo secular organizado diz, em letra, “começamos com os humanos, não com Deus” (*Manifesto Humanista* II (*Humanist Manifesto II*), 1973, primeira tese; ver 2.10) [V-en], e a *Declaração de Amsterdã* (*Amsterdam Declaration*), de 2002, fala no mesmo tom (ver 2.10); o estudo não generaliza a afirmação a toda a casa. O toque é que o cânon deixa ao não crente um lugar onde a fidelidade à luz se diz sem nome religioso; a fronteira, na mesma frase, é que o humanismo secular organizado toma posição sobre Deus e sobre a sanção, e a Independência confessional não toma [leitura do estudo].

A regra de redação (ver 4.3) vale nos dois sentidos, e o cânon “não é teísta, ateu nem agnóstico” (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV) [decisão do fundador]; daí o estudo lê que ele não é humanismo secular nem é contra ele [leitura do estudo]. A palavra “consciência” é ainda homônima: a “consciência de um homem” de Montaigne, renascentista (*Ensaios* (*Essais*), III, 2; ver 2.7) [V-fr], tem a palavra em comum com “a consciência mais funda”, e o estudo não decide o parentesco [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ej)).

Da consciência passa-se à decisão que ninguém toma por ninguém.

3.3 A autonomia moral e a Bússola que “apenas veta”

O humanismo e o cânon coincidem num ponto prático: quem decide é quem caminha; divergem no que dá a lei a essa decisão.

Kant, das Luzes, abre a saída da menoridade com a figura de “um pastor de almas que tem consciência por mim” (“Que é o Esclarecimento?” (“Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?”), 1784, Akademie-Ausgabe, VIII, 35; ver 2.8) [V-de]. O Manifesto II diz que “a ética é autônoma e situacional” (terceira tese; ver 2.10) [V-en], e Lamont, secular organizado, que os seres humanos têm liberdade de escolha e de ação criativa (*A filosofia do humanismo* (*The Philosophy of Humanism*), 8.ª ed., 1997, quarta proposição) [paráfrase; página a confirmar].

O cânon responde: “A Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Cânon v1.2, “A Bússola”) [letra do cânon], e “A decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24) [escrito do cânon]. A escolha entra como lugar da pessoa, não como função da Bússola: “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção” (decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V) [decisão do fundador]; e o veto é “a própria Luz na pessoa, sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X) [decisão do fundador]. O toque é que nenhum pastor decide por ninguém.

A fronteira vem na mesma frase: em Kant, “nada tem valor senão o que a lei lhe determina” (*Fundamentação*, IV, 436) [V-de], e a legislação da vontade racional é a fonte; no cânon, o veto não legisla, porque o valor é anterior e o veto é a Lux na pessoa [leitura do estudo]. A palavra “autonomia” não ocorre nos escritos e “liberdade” ocorre uma vez, no Tratado da Luz Interior; “razão” ocorre seis vezes nos escritos e nenhuma no Cânon (ver 2.13), e a razão não é nome nem juíza da Lux (ver 4.5). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ek)).

Da decisão passa-se ao exame que a precede e a segue.

3.4 O exame de si de Montaigne e o Examinar

O exame de si é o gesto que o cânon e o humanismo mais claramente partilham, e o que cada letra põe como seu objeto é a diferença.

Petrarca, renascentista e cristão, fecha o livro no alto do Ventoso e escreve: “voltei para mim o olhar interior” (*Familiares*, IV, 1; ver 2.3) [V-en: Robinson; página a confirmar]. Montaigne, renascentista e cético, faz do exame uma obra, em que ele mesmo é a matéria (ver 2.7), e escreve: “Eu não ensino, eu conto” (*Ensaios*, III, 2) [V-fr].

O cânon diz: “Examinar. As duas perguntas do pilar I. Encerrar com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível” (Cânon v1.2, Regra de Vida, “Ritmo diário”) [letra do cânon], com as perguntas “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (“Os Quatro Pilares”, I) [letra do cânon]. As Meditações acrescentam: “Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”) [escrito do cânon], e a Revisão do rio nomeia “o que mudou em mim, o que resisti em vão, o que entreguei bem” (Cânon v1.2, Regra de Vida, “Ritmo de estação”) [letra do cânon], que o estudo lê ao lado do que Montaigne chama pintar a passagem [leitura do estudo].

O toque está no exame diário que não é tribunal e na revisão do que passa; a fronteira, na mesma frase, é o objeto: Montaigne diz que, se a alma firmasse pé, ele não se ensaiaria, resolver-se-ia (III, 2) [paráfrase; localização a confirmar], e o que ele pinta é um si em movimento, sem que o estudo lhe atribua luz dada nem a negue [leitura do estudo]. O Examinar pergunta onde a luz de cada um ficou escondida e onde brilhou, de modo que o

exame não a produz [leitura do estudo]. A decisão n.º 3 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV leu o Examinar e a Revisão do rio como articulação da vida [decisão do fundador].

Do exame passa-se à formação de que ele faz parte.

3.5 A formação de si e a Regra de Vida: “Ninguém começa do zero”

A formação é a palavra que o humanismo mais usa e o cânon não usa: “formação” e “educação” não ocorrem nos escritos, e a Regra de Vida diz acender, portar, examinar.

Gélio, antigo relido pelos humanistas, diz que a *humanitas* (humanidade, no sentido de cultura) é “quase o que os gregos chamam *paideía*” (formação, educação) (ver 2.1) [V-la; edição a confirmar]. Os *studia humanitatis* (estudos da humanidade) vêm de Cícero, segundo Kohl [V via secundária: Kohl, 1992; página a confirmar]; Niethammer, em 1808, dá o nome *Humanismus* (humanismo) a um ensino cujo fim é “a formação geral do homem” (ver 2.1) [V-de; página a confirmar]; e Humboldt, das Luzes, faz da *Bildung* (formação) o fim do homem, “a formação mais elevada e mais proporcionada de suas forças num todo” (*Ideias para um ensaio*, cap. II; ver 2.8) [V-de].

O cânon diz: “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II) [letra do cânon], e a Revisão do rio permite “ajustar a regra se necessário — a regra serve à vida, não o contrário” (Regra de Vida, “Ritmo de estação”) [letra do cânon]. Dewey, secular organizado, escreve que nossa é “a responsabilidade de conservar, transmitir, retificar e ampliar a herança de valores que recebemos” (*Uma fé comum* (*A Common Faith*), 1934, cap. III, pp. 86–87) [V-en]. O toque é a herança recebida e passada adiante; a fronteira, na mesma frase, é o sujeito: em Dewey é uma humanidade que se estende ao passado e ao futuro e no cânon é o rio sem dono das Águas Comuns (ver 3.6) [leitura do estudo].

A segunda fronteira é a mais fina. O Estudo VII (2.4) leu que Hegel faz depender da *Bildung* a efetividade do valor, “não o valor mesmo” [paráfrase; via Estudo VII, 2.4], e o Pilar I diz que “a luz não se acende — ela se revela” (ver 3.1). A formação, no humanismo, faz o homem ou o torna efetivo; na Regra de Vida, a “mudança deliberada” (“Ritmo semanal”) [letra do cânon] parte da luz de cada pessoa, já dada [leitura do estudo]. Formar-se e revelar-se são verbos próximos; a fórmula do Estudo V (ver 3.3) não se reabre. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (el)).

Da formação passa-se ao que cada um deve aos outros.

3.6 A *humanitas*, a fraternidade e as Águas Comuns

A *humanitas* é, para a casa, o vínculo entre os homens, e é o toque que mais se pode aproximar do cânon sem que o Cânon use uma só palavra da família; nos escritos, “humano” e “humana” ocorrem 11 vezes, como adjetivo (ver 2.13).

A frase de Terêncio, dita por um personagem de comédia (ver 2.2), e a de Sêneca, estoico lido pelos humanistas, fazem da *humanitas* um dever: “somos membros de um grande corpo” (*Cartas a Lucílio*, 95, 52; ver 2.2) [V-la]. Erasmo, cristão, faz a Paz dizer que bastava “o nome comum de homem” (*Queixa da paz* (*Querela pacis*), V; ver 2.5) [V-la]. A Declaração de 1948 pede que os seres humanos ajam “com espírito de fraternidade” (art. 1) [V-en; versão portuguesa oficial].

O cânon diz: “Ninguém navega um rio privado” e “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) [letra do cânon]. Nos escritos, “fraternidade” e “irmão” não ocorrem, e o Tratado diz que o cânon escolheu “águas comuns, e não comunidade, sociedade ou coletivo, palavras que dariam ao rio um dono” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”) [escrito do cânon]. O toque é o vínculo de que ninguém se retira por inteiro; a fronteira está no que o funda: Cícero e Sêneca fundam-no na natureza comum, e as Águas Comuns dizem “de todos e de ninguém” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) [letra do cânon], sem dizer de quem nem de quê [leitura do estudo].

Arendt, crítica da casa, lê a *humanitas* em Jaspers: “Nunca se ganha a humanidade na solidão” (“Laudatio. Humanitas”, 1958) [V-de; página a confirmar]. O cânon responde que “a margem também é rio” (“As Águas Comuns”) [letra do cânon], e a decisão n.º 8 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV pôs a *humanitas* que não se adquire no estar só ao lado da margem, sem que o rio vire espaço público [decisão do fundador]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (em)).

Da *humanitas* passa-se ao corpo que ela, enfim, reabilitou.

3.7 O corpo reabilitado e o Corpus: “só templo”

O humanismo reabilitou o corpo contra quem o tratava como obstáculo, e o Corpus o põe como instrumento; o toque é largo, e a fronteira passa pela palavra “transcendência”.

Valla, renascentista, identificou, segundo Nauta, caridade e beatitude ao prazer no *Sobre o prazer* (*De voluptate*) (ver 2.3) [paráfrase; V via secundária: Nauta]. A letra é de Montaigne, renascentista e cético: “Não é uma alma, não é um corpo que se adestra: é um homem” (*Ensaios*, I, 26; ver 2.7) [V-fr], e a perfeição está em “fazer bem e devidamente o homem” (III, 13; ver 2.7) [V-fr]. Lamont, secular organizado, funda “todos os valores humanos em experiências e relações terrenas” (*A filosofia do humanismo*, quinta proposição) [V-en].

O cânon diz: “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV (Corpus)) [letra do cânon], e a Prática pede “dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa. Sem tela, sem multitarefa” (idem) [letra do cânon]. “Só templo: o corpo não encobre a luz” (decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X) [decisão

do fundador]. A Disputatio diz que os Pilares III e IV “recusam explicitamente qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida” (Disputatio, 2, “Sed contra”) [escrito do cânon].

O toque é a unidade de quem vive no corpo e a recusa da fuga; a fronteira, na mesma frase, é que Lamont toma a Natureza por “totalidade do ser” (primeira proposição) [V-en] e o mundo terreno por único chão, enquanto o Pilar IV diz que a transcendência passa pela matéria, sem dizer o que há além [leitura do estudo]. “Transcendência” tem ao menos quatro usos, e nenhum é nome da Lux (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV) [decisão do fundador].

Do corpo passa-se à convivência entre crenças.

3.8 A tolerância de Utopo e de Erasmo e a Independência confessional

A casa conhece uma tolerância religiosa escrita com todas as letras, e é a que mais perto passa da Independência confessional; o limite que ela traz vem dito na mesma frase.

More, cristão e renascentista, conta a lei de Utopo que permite a cada um seguir a religião que lhe aprouver (*Utopia*, II, “Das religiões dos utopianos”; ver 2.6) [V-la]. Montaigne vai pelo outro lado: “cada um chama barbárie ao que não é do seu uso” (*Ensaios*, I, 31) [V-fr]. Da letra de Erasmo sobre a tolerância o estudo não tem texto; tem a leitura de Rummel, na *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, que lhe atribui o gosto pelo “consenso, compromisso e cooperação pacífica” na política [V via secundária: Rummel].

O cânon diz que “não pertence a nenhuma religião oficial — e não exclui nenhuma” (ver 3.2) [letra do cânon], e “O nome ‘para o cristão’ continua onde a letra o pôs, com quem crê” (decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII) [decisão do fundador]. O toque é a convivência sem violência entre quem crê de modos diversos.

A fronteira é que Utopo, ao tolerar, ainda decide o que não se tolera: “proibiu santa e severamente” que se pense que as almas morrem com o corpo, e quem assim pensa não é contado entre os homens nem recebe cargo, embora “a nenhum suplício” seja submetido (*Utopia*, II; ver 2.6) [V-la]. O capítulo 4 volta a esse limite (ver 4.11). O Cânon não faz teste doutrinal na letra que este estudo leu: exige “apenas fidelidade à luz” (ver 3.2), e não decide, nem do lado de More nem do lado do humanismo secular, se há Deus [leitura do estudo].

Da tolerância passa-se ao que se diz de todos.

3.9 O universal: “nenhuma pessoa está fora da Lux” e a “família humana”

O cânon diz o universal sem a palavra: “universal” não ocorre nos escritos, salvo como “universalmente”, numa objeção da Disputatio, e o que o sustenta é uma frase da série.

“Nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega” (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII) [decisão do fundador]; e ela vale “também diante da superfluidade” (decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII) [decisão do fundador]. O humanismo diz o universal com a “família humana” da Declaração de 1948 (Preâmbulo; ver 3.1) [V-en; versão portuguesa oficial] e com Beccaria, das Luzes, para quem “um homem não pode chamar-se réu antes da sentença do juiz” (*Dos delitos e das penas* (*Dei delitti e delle pene*), cap. 16) [V-it].

O toque é que ninguém fica de fora; a fronteira, na mesma frase, é onde se ancora o “todos”. A Declaração de 1948 o ancora em uma espécie, a “família humana”, e a espécie pode falhar como âncora: Arendt, crítica da casa, escreve que o homem pode perder os Direitos do Homem “sem perder […] a sua dignidade humana” e que “só a perda da própria comunidade política o expulsa da humanidade” (*As origens do totalitarismo*, cap. 9; ver 2.11) [V-en; via Estudo XIII, 2.11]. O cânon ancora o “todos” numa pessoa, e o Catecismo dá o recém-nascido (ver 3.1) [leitura do estudo].

Beccaria recusa o nome de réu antes do veredito; a decisão n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo III recusou o juízo como condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa “de um veredito”, e deixou “a justiça devida ao lobo” para o tratado [decisão do fundador]. O estudo não as junta. A face oposta, a humanidade dita em graus, é do capítulo 4 (ver 4.11). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (eq)).

Do universal passa-se à paz que a casa pediu aos homens.

3.10 A paz de Erasmo e a Regra da Misericórdia

Este é o toque mais frágil do capítulo, e a cautela vem antes dele: a Regra da Misericórdia é reflexiva, e a paz de Erasmo não é.

Erasmo, cristão, pergunta na *Queixa da paz*: “Por que não antes queres bem, homem ao homem?” (XXIII; ver 2.5) [V-la]. O cânon diz: “Falhar na regra não apaga a luz. Recomeça-se no dia seguinte, sem drama. O rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”) [letra do cânon], e a Disputatio precisa que a Regra “nunca falou do mal cometido contra outrem, apenas do fracasso da própria pessoa consigo mesma” (Disputatio, 4, “Ad tertium”) [escrito do cânon]; a decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX manteve-a reflexiva [decisão do fundador].

O toque, por isso, não está na Misericórdia. Está mais perto do lobo: “diante dele não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro” (Cânon v1.2, “A Vigília”) [letra do cânon], que é também recusa de que a violência dite o valor de alguém [leitura do estudo]. A fronteira, na mesma frase, é que Erasmo funda o bem-querer em dois vínculos, a natureza e Cristo, e o cânon funda o dever em “uma luz devida ao outro”, sem nome divino nem humano; e a recusa da guerra, em Erasmo, não é o resistir que a letra manda diante do lobo [leitura do estudo]. A *Queixa da paz* é material para a

justiça devida ao lobo; a questão (g) segue aberta até o tratado da justiça, e este estudo não a reabre.

Da paz passa-se à noite que a casa também conheceu.

3.11 O humanismo trágico e a Vigília: “presença, não vitória”

A casa não é só confiança: tem uma linhagem que fala da fragilidade, e é nela que o toque com a Vigília se dá, sem que a Vigília seja confiança nem desespero.

Montaigne, renascentista e cético, diz o homem “a mais calamitosa e frágil de todas as criaturas” e, ao mesmo tempo, “a mais orgulhosa” (*Ensaios*, II, 12; ver 2.7) [V-fr]. Russell, secular organizado, assenta a morada da alma sobre “um desespero sem concessão” (“A adoração do homem livre” (“A Free Man’s Worship”), 1903; ver 2.10) [V-en; data a confirmar]. Camus foi lido no Estudo V, e o estudo não o refaz. “Humanismo trágico” é nome do estudo para essa linhagem [leitura do estudo].

O cânon diz: “A luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite. Ela vela: recusa-se a apagar. […] A Vigília promete presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”) [letra do cânon]. O Tratado diz que a Vigília não se chama resistência, nem “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” (Tratado da Vigília, “Definição”) [escrito do cânon]. O cânon “não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” (decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I) [decisão do fundador], e “não diz que a noite é prova” (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II) [decisão do fundador].

O toque é que nenhum dos dois consola com um fim; a fronteira, na mesma frase, é o chão: Russell o põe no desespero, e a Vigília o põe numa “luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”) [escrito do cânon], que não é desespero nem vitória [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (en)).

Dos toques passa-se às separações.

4 ONDE NOS SEPARAMOS

Este capítulo diz onde o cânon e o humanismo se separam, em onze fronteiras, os registros e uma fórmula, e leva ao fundador as perguntas que a letra não responde. Em nenhuma delas o humano, a razão, a consciência, a natureza humana, a dignidade, o progresso ou a Humanidade é nome da Lux.

4.1 O humano como medida, autor ou fonte do valor × a Lux dada

Em várias moradas o humanismo faz do humano a medida, o autor ou a fonte do valor; o cânon diz o valor anterior a qualquer conquista, e é aí que passa a fronteira central.

O humanismo diz, pela voz mais antiga, que “o homem é a medida de todas as coisas”: Sócrates cita Protágoras no *Teeteto* (152a) de Platão [V-gr] (ver 2.2).

Na morada renascentista, Pico della Mirandola, no *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), faz o Criador dizer a Adão que se modele “na forma que preferires” (§ 5) [V-la; edição a confirmar] (ver 2.4). Das Luzes vem a autonomia: Kant a diz “o fundamento da dignidade da natureza humana” e escreve que “nada tem valor senão o que a lei lhe determina” (*Fundamentação da metafísica dos costumes* (*Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*), 1785, Akademie-Ausgabe, IV, 436) [V-de] (ver 2.8). O humanismo secular organizado diz, no *Manifesto Humanista* II (*Humanist Manifesto II*, 1973), primeira tese: “Nenhuma divindade nos salvará” [V-en] (ver 2.10). E o existencialismo de Sartre, como o Estudo V o leu: “escolha, isto é, invente” [V-fr; via Estudo V, 2.5].

O cânon responde no Pilar I: “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) [letra do cânon] (ver 3.1). A mesma frase diz da luz que “não se acende — ela se revela”; a letra não diz de onde o valor vem, e o nome fica a cada um (ver 4.3). “Dignidade” ocorre oito vezes nos escritos e nenhuma no Cânon [contagem do estudo]. Diante de Sartre a fronteira já está fixada: “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção” (decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V), e este estudo a cita sem refazer.

A fronteira é de direção [leitura do estudo]. Em Protágoras, em Kant e no Manifesto II, a medida, a lei e a salvação saem do humano; no Pilar I o valor é anterior a qualquer conquista, e a Bússola “apenas veta” (Cânon v1.2, “A Bússola”; ver 3.3). O estudo não afirma que o cânon negue que o humano possa ser fonte de valor: não o diz.

Questão aberta (ei): a dignidade inerente de Kant (“um valor interno, isto é, dignidade”, *Fundamentação*, IV, 435) [V-de] e a da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* de 1948 (“dignidade inerente a todos os membros da família humana”, Preâmbulo, primeiro considerando; ver 3.1) [V-en; versão oficial das Nações Unidas em português], com a de Pico só pelo título que lhe deram depois, lê-se ao lado do valor que o

Pilar I diz intrínseco, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a dignidade que Kant funda na autonomia e que 1948 reconhece × o valor “anterior a qualquer conquista ou circunstância” —, e sem que “dignidade” seja palavra do Cânon? O estudo pergunta ao fundador.

Do valor passa-se ao nome.

4.2 A Humanidade como nome × nada vira nome da Lux

Comte dá nome à Humanidade; o cânon não deixa nada tomar o nome da Lux.

Na morada positivista, Comte condensa as concepções positivas “na única noção de um ser imenso e eterno, a Humanidade”, e recomenda “substituindo nele Deus pela Humanidade” (*Catecismo positivista* (*Catéchisme positiviste*), 1852, Introdução, p. 19, e terceira parte, pp. 272–273) [V-fr] (ver 2.9). No humanismo secular organizado, o *Manifesto Humanista* I (*A Humanist Manifesto*, 1933) chama a sua posição de “humanismo religioso” (oitava tese) [V-en] (ver 2.10).

O cânon responde pela ausência e pela decisão. “Humanismo” e “humanidade” não ocorrem nos escritos (ver 2.13); “humano” e “humana” ocorrem 11 vezes, como adjetivo, e nenhuma no Cânon [contagem do estudo]. A série fixou que nada toma o lugar do nome da Lux: o Bem de Platão não é nome da Lux, e “a fonte continua sem nome no cânon” (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X); o *ātman* e o *Brahman* são “estrutura, nunca nome da Luz” (decisão n.º 2 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV), e o Tao recebeu o mesmo tratamento (decisão n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI). A Independência confessional deixa o nome a quem o dá: “seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; texto inteiro em 3.2) [letra do cânon].

A fronteira é de gesto [leitura do estudo]. Comte e o humanismo religioso de 1933 dão à Humanidade o nome que a teologia dava a Deus; o cânon não dá nome à Lux, e a Independência deixa o nome a quem a carrega. A consciência mais funda é o nome que a Independência confessional dá à Lux “para quem não crê”; não é o nome que o cânon ou o estudo dá a ela para todos, e o humano, a razão, a natureza humana, a dignidade e o progresso não são nome da Lux. O estudo não aproxima o cânon da religião da Humanidade, do humanismo religioso de 1933, do culto nem da prece.

Questão aberta (eo): a Humanidade como nome, em Comte e no humanismo religioso de 1933, lê-se como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — dar à Humanidade o nome que a teologia dava a Deus × deixar a cada um o nome, “seja qual for o nome que cada um lhe dê” —, e o humano, a razão e a natureza humana ficam como estrutura, na voz de quem os diz, nunca como nome da Lux, como a série fez com o Bem, o *logos*, o *ātman* e o Tao? O estudo pergunta ao fundador.

Do nome passa-se à decisão sobre Deus.

4.3 O humanismo que decide × a Independência confessional que não decide

O humanismo secular organizado parte sem Deus e o humanismo cristão parte com Deus; o cânon fica fora da decisão, nos dois sentidos.

O Manifesto II diz “começamos com os humanos, não com Deus” (primeira tese) [V-en] (ver 2.10). O Manifesto I afirma que a natureza do universo torna inaceitáveis as “garantias sobrenaturais ou cósmicas dos valores humanos” (quinta tese) e que “passou o tempo do teísmo” (sexta) [V-en] (ver 2.10). O estudo não generaliza essas frases a toda a casa secular. O humanismo cristão parte com Deus: Maritain opõe o humanismo teocêntrico, que chama de verdadeiramente cristão, ao antropocêntrico (*Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), edição espanhola, Buenos Aires: Lohlé, 1966, p. 30) [paráfrase].

A tradição lê a divergência como de moldura: Taylor chama de humanismo exclusivo (*exclusive humanism*) o “puramente autossuficiente” (*Uma era secular*, p. 18) [V-en; via Estudo XV, 2.10], e o Estudo XV concluiu que “o cânon fica fora dessa divergência” (6.5) [via Estudo XV, 6.5].

O cânon responde na Independência confessional: “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; texto inteiro em 3.2) [letra do cânon]. A regra de redação a guarda: “nunca apresentar a filosofia como pertencente ou contrária a uma religião” (Cânon v1.2, Parte II, “Tom e estilo”) [letra do cânon]. E o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV).

A fronteira é de posição [leitura do estudo]. O humanismo secular organizado e o cristão decidem, em sentidos opostos, o que o cânon diz que a filosofia não decide. A independência vale nos dois sentidos: o cânon não é humanismo secular nem é contra ele; não é humanismo cristão nem é contra ele. A consciência mais funda é o nome que a Independência confessional dá à Lux “para quem não crê”; não é o nome que o cânon ou o estudo dá a ela para todos, e o humano, a razão, a natureza humana, a dignidade e o progresso não são nome da Lux.

Questão aberta (ej): a “consciência mais funda, o verdadeiro em si”, nome que a Independência confessional dá à Lux “para quem não crê”, lê-se como o nome de quem não crê, e não como adesão do cânon ao humanismo secular nem como o nome que o cânon dá a ela para todos, com “a filosofia não decide isso por ninguém” ao lado e a fronteira dita na mesma frase — o humanismo que começa “com os humanos, não com Deus” × a Independência que não decide —? O estudo pergunta ao fundador.

Da decisão passa-se à suficiência.

4.4 A suficiência e a formação de si × “presença, não vitória” e “ninguém começa do zero”

O humanismo faz da vida humana o todo e o bastante e a vê formar-se a si mesma; o cânon diz que ninguém começa do zero e que a luz se revela.

O humanismo secular organizado diz, no *Manifesto Humanista* III (*Humanism and Its Aspirations*, 2003): “Aceitamos nossa vida como o todo e o bastante”, e a responsabilidade por nossas vidas “é nossa e só nossa” [V-en] (ver 2.10). Lamont recusa elevar a Mente, o Bem, a Liberdade e o Amor, entre dezoito categorias, a “forças controladoras do cosmos como um todo” (*A filosofia do humanismo* (*The Philosophy of Humanism*), 1997) [V-en; edição e páginas a confirmar] (ver 2.10).

A formação de si é a morada mais antiga. Gélio diz que se chamou *humanitas* (humanidade, no sentido de cultura) “quase o que os gregos chamam *paideía*” (formação, educação) (*Noites áticas*, XIII, 17, 1) [V-la; edição a confirmar] (ver 2.1). Humboldt faz da *Bildung* (formação) o fim do homem, “a formação mais elevada e mais proporcionada de suas forças num todo” (*Ideias para um ensaio de determinar os limites da ação do Estado*, cap. II) [V-de; página a confirmar] (ver 2.8).

O cânon responde com a Regra de Vida e com a Vigília. “Ninguém começa do zero” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II) [letra do cânon] (ver 3.5); o Examinar pergunta onde uma luz ficou escondida (ver 3.4); e a mudança deliberada é “um ajuste pequeno e consciente na rotina” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Ritmo semanal) [letra do cânon]. A Vigília “promete presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”) [letra do cânon] (ver 3.11).

A fronteira é dupla [leitura do estudo]. Diante da suficiência, a letra não diz que a vida basta nem que não basta: diz que ninguém começa do zero e que a Vigília não promete vitória. Diante de Lamont, o cânon não funda o valor da pessoa num princípio do cosmos, embora o Tratado da Luz Interior leia a luz interior como “participação nesse princípio comum”, o “princípio racional comum” de Heráclito (“Fundamentação”) [escrito do cânon]; a origem fica em aberto. Diante da formação de si, a Regra de Vida e o Examinar aceitam o exercício; a distância está em que o exercício não acende a luz.

Questão aberta (el): a formação de si — os *studia humanitatis* (estudos da humanidade) de Cícero, a *paideía* de Gélio, a *Bildung* de Humboldt (ver 2.1 e 2.8) e o exame de Montaigne (ver 2.7) — lê-se ao lado da Regra de Vida e do Examinar, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a vida que se forma e se faz suficiente × “a luz não se acende — ela se revela” e “ninguém começa do zero” —, sem que “formação” seja palavra do cânon, que não a diz? O estudo pergunta ao fundador.

Da formação passa-se ao progresso.

4.5 O progresso e a razão × a noite e a Bússola que só veta

O humanismo espera o progresso e confia na razão; o cânon vela sem prometer o amanhecer e veta sem legislar.

Kant diz que impedir uma época de progredir “seria um crime contra a natureza humana, cuja destinação originária consiste justamente nesse progredir” (“Que é o Esclarecimento?” (*Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*), 1784, VIII, 39) [V-de] (ver 2.8). Comte põe “o Progresso por fim” (*Catecismo positivista*, Introdução, p. 19) [V-fr] (ver 2.9).

O cânon responde pela Vigília: “a luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite” (Cânon v1.2, “A Vigília”) [letra do cânon] (ver 3.11). O Tratado da Vigília diz a luz “acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” [escrito do cânon], e o cânon “não diz que a noite é prova” (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II). Diante do Pilar IV (“A transcendência passa pela matéria”, Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV; ver 3.7), a Disputatio lê os Pilares III e IV como exigência de “estar inteiro onde o corpo está, inclusive — e sobretudo — onde o corpo sofre” (Disputatio, 2, “Sed contra”) [escrito do cânon].

A fronteira é de promessa [leitura do estudo]. O humanismo das Luzes e o de Comte fazem do progresso uma promessa da história; a Vigília não promete amanhecer, e a Mutatio diz “mensagem a carregar” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III) [letra do cânon]. Quanto à razão, a Bússola “apenas veta” (ver 3.3), e “a decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24) [escrito do cânon]. “Razão” ocorre seis vezes nos escritos e nenhuma no Cânon, e “progresso” não ocorre [contagem do estudo]; o estudo não afirma que o cânon negue o progresso nem a razão.

Questão aberta (ek): a autonomia moral e a razão de Kant e dos humanismos das Luzes e secular leem-se ao lado da Bússola que “apenas veta”, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a razão que legisla × o veto que é a própria Lux, “sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X) —, sem que a razão seja nome ou juíza da Lux? O estudo pergunta ao fundador.

Questão aberta (en): o progresso e a suficiência (4.4) leem-se ao lado de “presença, não vitória”, da noite e do Pilar IV, lido na Disputatio como exigência de estar inteiro onde o corpo sofre, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a promessa do progresso × a luz que “não precisa do fim para valer” —, sem afirmar que o cânon negue o progresso, nem que a noite seja prova? O estudo pergunta ao fundador.

Do progresso passa-se à transcendência.

4.6 A transcendência negada ou posta na Humanidade × “a transcendência passa pela matéria”

O humanismo exclusivo nega a transcendência, Comte a põe na Humanidade, Maritain a guarda; o Pilar IV diz que ela passa pela matéria.

Taylor, lido pelo Estudo XV, define a era secular como aquela em que “o eclipse de todos os fins além do florescimento humano se torna concebível” (*Uma era secular*, pp. 19–20) [V-en; via Estudo XV, 2.10] (ver 2.11). Comte desloca a transcendência para a Humanidade, que o *Catecismo positivista* (Introdução, p. 19) faz motor imediato de cada existência (ver 2.9) [paráfrase]. Maritain mantém o humanismo aberto ao sobre-humano e recusa defini-lo pela abjuração de toda transcendência (*Humanismo integral*, ed. 1966, p. 12) [paráfrase].

O cânon responde no Pilar IV: “A transcendência passa pela matéria” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV; ver 3.7) [letra do cânon]. O Catecismo, 17, diz “o que vai além de nós” [escrito do cânon]. A palavra ocorre cinco vezes nos escritos, quatro fora da parte do cânon que este estudo não trata (ver 2.13) [contagem do estudo]; a decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV lhe dá ao menos quatro usos, nenhum nome da Lux, e a n.º 8 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV conta o de Taylor como quinto.

A fronteira é de lugar [leitura do estudo]. Há três posições no humanismo: a transcendência eclipsada, deslocada para a Humanidade, guardada acima do humano. O cânon não escolhe entre elas, e o que vai além de nós passa, na sua letra, pela matéria. Esses usos ficam como material, na voz de quem os diz, e nenhum é nome da Lux.

Da transcendência passa-se ao indivíduo.

4.7 O indivíduo autônomo, a *humanitas* e a fraternidade × “pessoal, nunca individual” e as Águas Comuns

O humanismo moderno celebra o indivíduo autônomo e a fraternidade entre os homens; o cânon diz que a luz é pessoal e que ninguém navega um rio privado.

Mill chama a natureza humana de “uma árvore” (*Sobre a liberdade*, cap. III) [V-en] (ver 2.8). O Manifesto II põe “a preciosidade e a dignidade da pessoa individual” como valor central (quinta tese) [V-en], e a *Declaração de Amsterdã* (*Amsterdam Declaration*, revisão de 2002) “afirma o valor, a dignidade e a autonomia do indivíduo” [V-en] (ver 2.10). A Declaração de 1948 pede que os seres humanos ajam “com espírito de fraternidade” (Artigo 1) [V-en; versão oficial das Nações Unidas em português] (ver 3.6). Erasmo, pela voz da Paz, diz que “o nome comum de homem” bastava para os homens se entenderem (*Queixa da paz*, V) [V-la] (ver 2.5).

O cânon responde nas Águas Comuns: “Ninguém navega um rio privado”, e “a luz é pessoal, nunca individual” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”; ver 3.6) [letra do cânon]. “Pessoa” ocorre 53 vezes nos escritos, “indivíduo” 12, “individual” e “individualismo” dez,

e “fraternidade” nenhuma [contagem do estudo]. O Tratado das Águas Comuns diz de Mounier que é “quem está mais perto” (“Fundamentação”) [escrito do cânon], e não diz que o personalismo seja um humanismo.

A fronteira é de sujeito [leitura do estudo]. Em Kant (4.1), em Mill e nos manifestos, o sujeito do valor é o indivíduo que se rege; no cânon, é a pessoa, “pelo que a abre” (ver 3.6). O rio é “de todos e de ninguém”, e a Lux vem antes do Abrigo (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII). O estudo não afirma que o humanismo seja individualista: afirma que o cânon diz “pessoal, nunca individual”.

Questão aberta (em): a *humanitas* e a fraternidade — o “nome comum de homem” de Erasmo, o “espírito de fraternidade” de 1948 — leem-se ao lado das Águas Comuns, e o indivíduo autônomo ao lado de “pessoal, nunca individual”, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — o indivíduo autônomo e a fraternidade entre os homens × a pessoa “pelo que a abre” e o rio “de todos e de ninguém” —, sem que “fraternidade” seja palavra do cânon e sem tomar o personalismo de Mounier por humanismo? O estudo pergunta ao fundador.

Do indivíduo passa-se à laicidade.

4.8 A laicidade × a Independência confessional

A laicidade e a Independência confessional não são a mesma coisa, e o estudo não chama o cânon de laico.

O humanismo secular organizado desfaz a separação: no Manifesto I, “a distinção entre o sagrado e o secular não pode mais ser mantida” (sétima tese) [V-en] (ver 2.10). A laicidade, como regra da ordem pública diante das confissões, é uma terceira coisa, e não há letra do cânon sobre ela neste estudo.

O cânon responde que “secular” e “laico” não ocorrem nos escritos [contagem do estudo]. A Independência confessional diz de uma filosofia diante de religiões: não pertence a nenhuma “religião oficial”, não exclui nenhuma, e nomeia “para o cristão” o “próprio Deus” (ver 3.2). E o cânon não é programa político: “o rio continua sem ser programa político” (decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII).

A fronteira é de objeto [leitura do estudo]. A laicidade regula a relação do Estado com as confissões; a Independência regula o que a filosofia diz de si, e a sua letra nomeia o “próprio Deus” de quem crê, o que uma neutralidade do Estado não faz. O estudo não afirma que o cânon seja laico, nem que não seja: registra que a palavra não é dele.

Da laicidade passa-se às críticas ao humanismo.

4.9 As críticas ao humanismo e o lugar do cânon

O humanismo foi criticado por dentro e por fora; o cânon não ocupa lugar em nenhuma das críticas, porque não toma a palavra.

Heidegger, na morada existencialista, escreve que “todo humanismo ou se funda numa metafísica”, e que o humanismo é contestado porque não coloca a *humanitas* do ser humano alto o bastante (*Carta sobre o humanismo*, pp. 152–153 e 159–161; tradução inglesa de Capuzzi) [V-en: Capuzzi] (ver 2.11). Foucault, no campo crítico, vê no homem uma invenção recente e “talvez o fim próximo” (*As palavras e as coisas*, 1966, final) [V-fr] (ver 2.11). Levinas chama o seu humanismo de “do outro homem”, em que o eu é “refém de todos” (*Humanismo del otro hombre*, 2005, pp. 110–111) [V-es; via Estudo VIII, 1.8]. Fanon, de dentro da morada do colonizado, pede “um novo humanismo, para si e para os outros” (*Os condenados da terra*, “Sobre a cultura nacional”, p. 246) [V-en: Farrington]: não rejeita o homem, pede outro.

O cânon não diz “humanismo” e não toma lado. Esse é o seu lugar, pela letra [leitura do estudo]: fora da disputa em que Heidegger acusa o humanismo de baixo, Foucault anuncia o fim do homem e Fanon o pede refeito. O estudo não aproxima do cânon o “pastor do ser”, cuja dignidade é “ser chamado pelo próprio ser” (*Carta*, pp. 172–173) [V-en: Capuzzi]: a Lux não é “chamada”, e o cânon não diz “ser”.

Das críticas passa-se ao depois.

4.10 O depois

Do que vem depois da vida o humanismo diz pouco, e o cânon é lido sem dizer nada dele.

Comte diz a Humanidade “ser imenso e eterno” (ver 2.9), o que desloca a eternidade para a espécie [leitura do estudo]. O Manifesto I busca o desenvolvimento e o cumprimento da personalidade “no aqui e agora” (oitava tese) [V-en] (ver 2.10). Maritain guarda a transcendência (4.6), e nos trechos conferidos ele não trata do depois. Nenhuma dessas frases responde pelo cânon.

O cânon é lido “sem dizer nada do depois” (decisão n.º 6 de 06/11/2026 sobre o Estudo V). “Eterna” e “imortal” não se dizem da Lux (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V); a parte do cânon em que a palavra ocorre não é tratada neste estudo (ver 2.13); “atemporal” é letra.

Do depois passa-se às fronteiras da série.

4.11 As fronteiras da série diante do humanismo: quem conta como humano

O humanismo disse “homem” com generosidade e também como limiar; o estudo o mede pelo padrão de fronteiras que a série fixou.

O humanismo disse, na morada antiga, que um homem queira o bem de outro “pela única razão de que este é homem” (Cícero, *Dos deveres*, III, 27) [V-la] (ver 2.2). Na casa renascentista há também o contrário. Sepúlveda, humanista de corte, chama os bárbaros do Novo Mundo de “homúnculos” (*Demócrates segundo*, ed. Losada, 1984, pp. 33 e 35) [V

via secundária: Castilla Urbano, 2010] (ver 2.12). Na voz da Estultícia, a mulher que quis passar por sábia “só consegue ser duas vezes estulta” (*Elogio da loucura*, § 17) [V-la; ironia da personagem] (ver 2.12).

No humanismo secular organizado, Huxley chama, em 1946, a desigualdade biológica de “fato-base” da eugenia (*UNESCO: Its Purpose and Its Philosophy*, 1946, p. 21) [V-en; página a confirmar] (ver 2.12). O Manifesto I não contém texto eugênico, e o elo entre os seus signatários e a eugenia não está provado [tese a confirmar]. Em 28/07/1885, Ferry diz na Câmara dos deputados que as raças superiores têm “o dever de civilizar as raças inferiores” [V-fr] (ver 2.12); a ligação de Ferry com o humanismo secular não está dita, e o estudo não a afirma [leitura do estudo].

O cânon responde pelo padrão. A decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI fixou que “a fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série”. A n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII deu a frase própria: “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega” (ver 3.9). A n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII a disse diante de quem perde o lugar no mundo.

A fronteira é de limiar [leitura do estudo]. Em Sepúlveda, “humanidade” é grandeza que se tem em graus; na letra do cânon, nenhuma pessoa está fora da Lux. Na mesma casa, a antiga e a renascentista, há quem diga a igualdade e quem trace o limiar; são autores diferentes, e o estudo registra as duas vozes, sem absolver nem acusar o humanismo inteiro.

Questão aberta (eq): o padrão das fronteiras da série — a obra lida, a biografia anotada, nenhuma resposta posta na boca do autor — estende-se ao humanismo, que nomeia Sepúlveda, a mulher no *Elogio da loucura*, a eugenia de Huxley e a missão civilizadora de 1885, com “nenhuma pessoa está fora da Lux” dita, diante de cada limiar, com a sua própria força, e sem que “humano” ou “humanidade” seja, na voz do estudo, grandeza que se tem em graus? O estudo pergunta ao fundador.

Das fronteiras passa-se aos registros.

4.12 Os registros: a justiça, Abraão e Marx

Três assuntos ficam em registro, e nenhum vira fronteira nova.

Questão aberta (g), herdada, aberta até o tratado da justiça: a *Queixa da paz* de Erasmo, Beccaria (“um homem não pode chamar-se réu antes da sentença do juiz”, *Dos delitos e das penas*, cap. 16) [V-it] e a Declaração de 1948 entram como matéria do tratado, sem fronteira nem toque aqui.

Questão aberta (j), herdada, que segue como está: Kant diante de Abraão — “disso não estou certo e nem posso vir a estar” (*O conflito das faculdades*, 1798, Akademie-Ausgabe, VII, 63, nota) [V-de] — fica lido como a decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V o leu em Moriá: a Bússola “apenas veta”, e o veto é a própria Lux.

Questão aberta (k), herdada, aberta até o estudo de Marx: Marx diz, em 1844, que o comunismo “é, como naturalismo plenamente desenvolvido, humanismo” (*Manuscritos econômico-filosóficos*, terceiro manuscrito) [V-de; localização a confirmar] (ver 2.9); Althusser abre a outra porta, o humanismo como conceito ideológico, em “Marxismo e humanismo” (1964) [paráfrase; frase exata a confirmar].

Dos registros passa-se à fórmula.

4.13 A fórmula

O estudo propõe uma fórmula para a distância entre o humanismo e o cânon, deixa de pé uma alternativa e diz por que cinco candidatas caem.

O estudo propõe: “o Lumen Fluens aceita do humanismo a dignidade e recusa a condição” [hipótese do estudo].

A dignidade é a dignidade inerente: Kant, o que está “acima de todo preço” (*Fundamentação*, Akademie-Ausgabe, IV, 434–436) [V-de] (ver 2.8), e a Declaração de 1948, “dignidade inerente a todos os membros da família humana” (ver 3.1), lidas ao lado de “o valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) [letra do cânon]. “Dignidade” é palavra do humanismo, não do Cânon (ocorre oito vezes nos escritos e nenhuma no Cânon), como “horizonte” era palavra de Taylor e não do cânon no Estudo XV; aceitá-la não adota a hipótese do Estudo VII, que segue “registrada como leitura” (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII: “a Lux do lado da dignidade”), nem adotada nem recusada. *A condição* é que o valor da pessoa dependa de um traço humano — a razão (Kant), a autonomia, a indeterminação (Pico), o reconhecimento — ou de ser contado como homem (Sepúlveda). É a condição que a decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V recusa diante do existencialismo, “a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado”, agora lida diante do humanismo.

A fórmula não diz de onde vem a luz, não diz quem a dá, não nomeia a Lux por contraste (decisão n.º 1 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV) e não fica contra quem crê nem contra quem não crê. A fórmula descreve a distância que o estudo lê entre o humanismo e o cânon; não define a Lux pelo que recusa, e a Lux continua sem nome.

A alternativa que fica de pé, para o fundador: “o Lumen Fluens aceita do humanismo a pessoa e recusa a condição”. “Pessoa” é palavra do Cânon (ocorre 53 vezes nos escritos) e evita “dignidade”; o risco é que “pessoa” não é a palavra do humanismo, que diz “homem” e “humano”, e que “a condição” ao lado de “pessoa” se leia como *conditio humana*.

Cinco candidatas caem, cada uma por razão própria. “Recusa a outorga” pressupõe um outorgante e, lida com “a luz é dada” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII), soa a negar que a luz seja dada, o que o cânon não afirma. “Recusa a medida” é a palavra

do Estudo XI, onde está Protágoras. “Recusa a autoria” repete “recusa a invenção” do Estudo V e esbarra em “a decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24). “Recusa a suficiência” lê-se como motivo teísta, e o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV). “Recusa a origem” seria decidir o que o cânon deixa em aberto: a origem é “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto, respeitando a independência confessional” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”), e a lição do Estudo XV é “recusa o nome”, não “recusa a fonte” (decisão n.º 1 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV).

Questão aberta (eh): a fórmula “o Lumen Fluens aceita do humanismo a dignidade e recusa a condição” entra como proposta do estudo, com a dignidade lida ao lado de “anterior a qualquer conquista ou circunstância” e a condição lida ao lado da recusa do Estudo V, na voz de quem a diz; ou a alternativa com “pessoa” é a que fica; ou a fórmula do Estudo V já cobre o caso, e este capítulo fica sem fórmula própria? O estudo pergunta ao fundador.

Questão aberta (er): o Lumen Fluens é um humanismo? O cânon não diz “humanismo”, e o estudo não responde por ele. O estudo lê que o cânon coincide com os humanismos no valor da pessoa e se separa deles no de onde o valor depende, que o cânon diz “anterior a qualquer conquista ou circunstância”, sem dizer de onde vem; que “humanismo” não é nome que o cânon se dê; e que o registro mais perto da letra é dialogar sem se filiar, como o Tratado das Águas Comuns diz de Mounier, Buber e Arendt: “sem se filiar a nenhuma” [hipótese do estudo]. O estudo não dá nenhuma das três respostas, porque nenhuma tem letra: humanismo secular, humanismo religioso, anti-humanismo; as duas primeiras esbarram na Independência confessional. A palavra é sua para dar, recusar ou deixar fora? O estudo pergunta ao fundador.

Questão aberta (ep): a Ficha do humanismo, tal como proposta em 6.5, é aprovada, emendada ou recusada, e entra na página dos estudos do site, em português, espanhol e inglês? O estudo pergunta ao fundador.

Da fórmula passa-se ao capítulo 5.

5 O HUMANISMO DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE

5.1 Platão e Aristóteles

Este capítulo põe o humanismo diante de cada casa da série, na ordem em que a série as construiu, e abre pelas duas que o Renascimento tentou reunir.

Pico della Mirandola anuncia, no *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), que propôs, em primeiro lugar, “a concórdia de Platão e Aristóteles, crida por muitos antes, provada suficientemente por ninguém” (Pico, *Discurso*, 1486, § 34, edição eletrônica da Latin Library) [V-la; edição a confirmar]. A morada renascentista diz, portanto, que as duas casas se compõem. A série leu cada uma em separado: Platão no Estudo X, com a fórmula “giro/escada” (decisão n.º 1 de 23/10/2026 sobre o Estudo X) [decisão do fundador], e Aristóteles no XI, com “exercício/medida” (decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI) [decisão do fundador]. A concórdia de Pico não tem, na série, letra que a prove nem que a negue; o estudo registra a promessa e não a cumpre [leitura do estudo].

Do outro lado do mesmo Aristóteles, Juan Ginés de Sepúlveda, humanista de corte, escreve no *Demócrates segundo* (*Democrates alter*) que os espanhóis “têm perfeito direito de dominar” os indígenas (ver 2.12) e chama-os de “homenzinhos [*homunculos*] nos quais mal se podem encontrar restos de humanidade” (Sepúlveda, *Demócrates segundo*, ed. Á. Losada, 1984, p. 35, citado em Castilla Urbano, 2010) [V via secundária: Castilla Urbano]. Que o argumento venha do escravo por natureza da *Política* é tese a confirmar, e que Sepúlveda tenha traduzido a *Política* também [tese a confirmar].

O XI leu o escravo por natureza em *Política* I, 3–5 e 12–13 (Estudo XI, 2.11) e fechou a porta ao cânon: “a tese […] não entra no cânon” (Estudo XI, 4.7). A decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI fez da fronteira do escravo por natureza e da mulher a fronteira da série [decisão do fundador]. Diante de Sepúlveda, o cânon responde com o Pilar I: “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) [letra do cânon]. O padrão que o caso revela, um humanismo que desenha a fronteira dentro da própria humanidade, reaparece adiante; se a frase da série e essa fronteira valem diante do humanismo, o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (eq)).

Da Academia e do Liceu passa-se ao Pórtico.

5.2 A Stoa

Da tradição latina, a frase de maior fortuna no humanismo vem da Stoa, e é a casa que a série já leu de perto.

Sêneca escreve: “O homem, coisa sagrada para o homem, já é morto por jogo e brincadeira” (Sêneca, *Cartas a Lucílio* (*Epistulae morales ad Lucilium*), 95, 33) [V-la]. A

carta denuncia os espetáculos de gladiadores; chamar a frase de humanista é leitura da recepção, e não da carta [leitura do estudo]. Na mesma carta vem a imagem de que “somos membros de um grande corpo” (ver 2.2). O humanismo diz, com essas linhas, que a pertença comum precede as diferenças.

O Estudo II leu a “coisa sagrada” (Estudo II, 3.8) e deu à casa a fórmula “exame/consentimento” (decisão n.º 1 de 03/11/2026 sobre o Estudo II) [decisão do fundador]. A decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II deixou nota sobre a escravidão nas *Cartas* 47 [decisão do fundador], de modo que a Stoa chega a este capítulo com a sua própria fronteira já marcada. O cânon responde onde respondeu antes, no valor “anterior a qualquer conquista ou circunstância” (ver 5.1). O estudo não reabre o que o II decidiu.

Da Stoa passa-se a Agostinho e ao Ventoso.

5.3 Agostinho e o Ventoso

Petrarca é o ponto em que o humanismo cita Agostinho, e é por ele que a casa de Agostinho entra neste capítulo.

Na carta *Familiares* IV, 1, Petrarca conta que, no alto do monte Ventoso, abriu as *Confissões* e concluiu que “nada é admirável senão a alma” (ver 2.3). O humanismo diz, aí, que o olhar se volta para dentro. O Estudo XII leu o livro X das *Confissões* (Estudo XII, 2.4) e o *interior intimo meo* (Estudo XII, 3.2), e deu à casa a fórmula “o dentro/exceção” (decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII) [decisão do fundador]. O estudo põe o gesto de Petrarca ao lado dessa leitura e não os identifica [leitura do estudo].

O cânon responde pela fronteira que o XII fixou, com frase própria: “nenhuma pessoa está fora da Lux” (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII, a propósito da *massa damnata*) [decisão do fundador]. Que Erasmo tenha editado Agostinho, em 1529, fica como tese a confirmar [tese a confirmar].

Do Ventoso passa-se às casas do cristianismo.

5.4 O cristianismo

O cristianismo é a casa em que o humanismo mais se confunde com a religião, e por isso é aqui que a Independência confessional pesa mais.

Erasmo, na *Queixa da paz* (*Querela pacis*), descreve o homem como ser “inerme e fraco”, a salvo apenas por “aliança e necessidade mútua” (Erasmo, *Queixa da paz*, texto latino da Latin Library) [V-la; edição a confirmar], e diz que bastava “o nome comum de homem” (ver 2.5). Maritain, em *Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), chama a palavra de “vocábulo ambíguo” (Maritain, *Humanismo integral*, trad. espanhola, Ediciones Carlos Lohlé, Buenos Aires, 1966, p. 12) [V via secundária: edição espanhola de 1966] e propõe um humanismo teocêntrico, que diz ser o verdadeiramente cristão (p. 30 da mesma edição) [paráfrase; localização a confirmar]. Las Casas entra pela leitura do editor

O’Gorman, em paráfrase: todas as nações são de homens, e todos os homens respondem a uma só definição (O’Gorman, estudo introdutório a Las Casas, *Apologética história sumária*, UNAM, 1967, t. I, pp. XLI–XLII) [paráfrase; V via secundária: O’Gorman]. De Las Casas não há letra neste estudo. More não tem letra aqui: a *Utopia* é tratada em 1.6.

O Estudo III leu a imagem de Deus (*imago Dei*) em 2.4, 3.1 e 4.1 e deu à casa a fórmula “anterioridade/juízo” (decisão n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo III) [decisão do fundador]. A decisão n.º 2 de 04/11/2026 sobre o Estudo III lê a *imago Dei* ao lado da dignidade intrínseca [decisão do fundador], e a decisão n.º 11 de 04/11/2026 sobre o Estudo III estende ao cristianismo o padrão das fronteiras: a escravidão e a mulher entram na Ficha como fronteira, com a tradição que as disputou [decisão do fundador]. Las Casas, o III só o traz como nome (Estudo III, 7.3).

O cânon responde com a Independência confessional, que vale nos dois sentidos (ver 3.2): “Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) [letra do cânon]. Do lado de quem crê, a mesma letra diz que, “para o cristão, é o próprio Deus” (ver 3.2). A regra de redação (ver 4.3) vale na mesma direção. O adjetivo de Maritain fica, assim, do lado de Maritain.

Do cristianismo passa-se a Hegel.

5.5 Hegel

Hegel é a casa por onde o humanismo entra no século XIX, e é lida aqui pelo que Feuerbach e Marx fizeram dela.

O Estudo VII leu a *Bildung* (formação) como “formação, educação e cultura” (Estudo VII, 1.5) e o § 209 da *Filosofia do direito*, em que “o homem vale assim porque é homem” (Estudo VII, 1.8). Feuerbach, nos *Princípios da filosofia do futuro*, vê em Hegel “a última grande tentativa de restaurar” um cristianismo perdido (Feuerbach, *Princípios da filosofia do futuro*, § 21, trad. inglesa Hanfi) [V-en: Hanfi]. Marx, nos *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, escreve que Hegel “concebe a auto-criação do homem como um processo” (Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos*, “Crítica da dialética hegeliana”, trad. inglesa Milligan, sem paginação) [V-en: Milligan] e, na sexta das *Teses sobre Feuerbach*, define a essência humana como “o conjunto das relações sociais” (Marx, *Teses sobre Feuerbach*, 1845, tese VI) [V-en; edição e página a confirmar].

O VII deu à casa a fórmula “dialética método/teodiceia” (decisão n.º 1 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII) [decisão do fundador]. A decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII fixou que “a Lux vem antes do Abrigo” e que “a luz é dada antes de qualquer relação” [decisão do fundador]. O estudo lê essa frase ao lado da tese VI de Marx; a decisão não fala de Marx [leitura do estudo]. O que o cânon diz ao humanismo hegeliano é o que o VII disse, e nada além.

Duas perguntas ficam de Hegel e dos seus herdeiros. A primeira é a da formação de si: “formação” e “educação” não ocorrem nos escritos, e o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (el)). A segunda é a de Feuerbach: se a palavra “Humanidade” pode ser nome daquilo que o cânon deixa sem nome. Também ela não ocorre nos escritos, e o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (eo)).

De Hegel passa-se ao existencialismo.

5.6 O existencialismo

O existencialismo é a casa em que o humanismo se declara e também se ataca por dentro, e as vozes dos três autores aqui não coincidem.

Sartre dá a *O existencialismo é um humanismo* (*L’existentialisme est un humanisme*) o título que faz dele casa deste estudo. O Estudo V o leu na tradução de Guedes (Estudo V, 7.2), e o capítulo cita o V sem refazer a leitura. Heidegger responde na *Carta sobre o humanismo* (*Brief über den Humanismus*), 1947: “todo humanismo ou se funda numa metafísica” (ver 2.11). Registra também a objeção de que o humanismo “não coloca a *humanitas* do ser humano alto o bastante” (Heidegger, *Carta sobre o humanismo*, pp. 159–161 de *Wegmarken*, trad. inglesa Capuzzi) [V-en: Capuzzi], com *humanitas* na acepção de humanidade, no sentido de cultura. A frase chega direto da *Carta*; o V traz de Heidegger apenas a “inversão metafísica”.

Camus escreve: “Eu me revolto, logo somos” (Camus, *O homem revoltado* (*L’Homme révolté*), Gallimard, 1951, cap. “L’homme révolté”) [V-fr; capítulo e página a confirmar]. E, sobre a Europa: “a terra do humanismo virou esta Europa, terra inumana”, onde “torturadores humanistas celebram aí seu novo culto” (Camus, *O homem revoltado*, 1951) [V-fr; capítulo e página a confirmar]. O Estudo XV lê esse gesto como humanismo revolucionário (Estudo XV, 5.8).

O cânon responde com o que o V já decidiu: o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção (decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V) [decisão do fundador]. O Catecismo diz: “A decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24) [escrito do cânon]. O estudo não reabre essa decisão.

Do existencialismo passa-se a Levinas.

5.7 Levinas

Levinas é a casa que leva a palavra ao título de um livro, *Humanismo do outro homem*, e por isso é lida só pelo que o Estudo VIII já fixou.

O VIII leu o livro na edição Siglo XXI, de 2005, nas páginas 110–111 e 133 (Estudo VIII, 1.8), e deu à casa a fórmula “dívida/eleição” (decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII) [decisão do fundador]. No Estudo VIII, 4.6, recolhe-se de *Entre nós* uma frase que toca de perto o assunto: “Penso que a ética não é uma invenção da raça branca, da

humanidade que leu os autores gregos nas escolas e que seguiu certa evolução” (Levinas, “Filosofia, justiça e amor”, *Entre nós*, pp. 149–150) [V-pt; via Estudo VIII, 4.6]. O VIII diz que não sabe se os mundos budista, védico e taoísta seriam, para Levinas, “dança”; o capítulo guarda esse não saber e o repete no registro do Oriente (5.12).

O trecho de Levinas toca o padrão de fronteiras de 5.1 [leitura do estudo]. O cânon não acrescenta resposta à fórmula; o estudo não a amplia.

De Levinas passa-se a Ricoeur.

5.8 Ricoeur

Ricoeur é a casa em que o estudo não traz letra do humanismo, e o capítulo diz isso em vez de preencher o espaço.

A fórmula do Estudo IX é “desvio/conquista” (decisão n.º 1 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX) [decisão do fundador], e a decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX fixa que “a Lux é valor; a capacidade é poder” [decisão do fundador]. Isso é tudo o que a série tem, e é a letra do IX, não do humanismo. Que Ricoeur tenha dito algo sobre o humanismo, este estudo não tem letra para mostrar.

De Ricoeur passa-se a Arendt.

5.9 Arendt

Arendt é a casa em que a palavra latina *humanitas* volta com sentido próprio, e é por ela que o humanismo se liga à convivência.

Na *Laudatio* de 1958, Arendt escreve sobre “o que os romanos chamavam *humanitas* […] É o mesmo que Kant e depois Jaspers entendem por humanidade” (Arendt, “Laudatio. Humanitas”, Friedenspreis des Deutschen Buchhandels, 1958) [V-de; página a confirmar] e, adiante: “Nunca se ganha a humanidade na solidão”. Fala também do “reino da *humanitas*, ao qual cada um pode chegar a partir da sua origem própria” (Arendt, “Laudatio. Humanitas”, 1958) [V-de; página a confirmar]. O Estudo XIII leu o primeiro trecho em 2.2 e 2.11, onde “humanismo abstrato” aparece como leitura da tradição crítica, com Lafer, Benhabib e Agamben [tese a confirmar]. Leu também a amizade que Arendt opõe à fraternidade (Estudo XIII, 5.1) e a *humanitas* que não se adquire no estar só (Estudo XIII, 6.2).

A fórmula da casa é “pluralidade/aparição” (decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII) [decisão do fundador]. A decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII diz que a margem é “estar consigo” [decisão do fundador], e a decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII, que a fronteira alcança quem perde o lugar no mundo [decisão do fundador]. O cânon responde com a sua imagem das águas: “Ninguém navega um rio privado” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) [letra do cânon]. “Humanidade” e “fraternidade” não ocorrem nos escritos; o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão

(em)). Entre a *humanitas* de Arendt e a Independência confessional o estudo não põe ligação [leitura do estudo].

De Arendt passa-se a Marcel e a Jaspers.

5.10 Marcel e Jaspers

Marcel e Jaspers são a casa que o Estudo XIV leu em conjunto, e aqui falam pela mediação de outros leitores.

Marcel dá a um livro o título *Os homens contra o humano* (*Les hommes contre l'humain*) e escreve: "quanto mais o homem em geral alcança o domínio da natureza, mais o homem em particular é de fato escravo dessa própria conquista" (Marcel, *Les hommes contre l'humain*, La Colombe, 1951, p. 46, via Duclos) [V-fr; V via secundária: Duclos]. A passagem, como o XIV que a cita, não traz a palavra humanismo. Jaspers, em 1949, diz que o homem é mais do que pode saber de si (Jaspers, "Über Bedingungen und Möglichkeiten eines neuen Humanismus", em *Rechenschaft und Ausblick*, Piper, 1951, pp. 267–268, via Periša) [paráfrase; V via secundária: Periša]. Segundo Periša, Jaspers nomeia o hominismo, toma o humanismo como espaço, critica o autocriar-se a partir do nada e inclui os fundamentos chineses e indianos [paráfrase; V via secundária: Periša]. O estudo põe essa crítica ao lado do que o Estudo V recebeu de Sartre, sem equipará-los [leitura do estudo].

O XIV leu a casa em 3.14, 4.12 e 5.3 e deu a fórmula "presença/cifra" (decisão n.º 1 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV) [decisão do fundador]. A decisão n.º 8 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV trata de *humanitas* e comunicação, e o capítulo a cita sem reabri-la [decisão do fundador]. A decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV fixa que a transcendência é estrutura e que o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico [decisão do fundador]. A Independência confessional vale também diante de Jaspers, como o estudo a leu diante de Maritain (ver 4.8) [leitura do estudo].

De Marcel e Jaspers passa-se a Taylor.

5.11 Taylor

Taylor é autor vivo, e o capítulo cita dele somente o que escreveu, como pede a decisão n.º 10 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV.

Em *Uma era secular*, o humanismo "exclusivo" é aquele "puramente autossuficiente" (Taylor, *Uma era secular*, p. 18, via Estudo XV, 2.10) [V-en; via Estudo XV, 2.10]. O Estudo XV leu essa passagem em 2.10, tratou 3.8 e 4.9, e registrou o humanismo cívico "de Humboldt a Arendt" (Estudo XV, 5.5) e o humanismo revolucionário de Sartre e de Camus (Estudo XV, 5.8). A fórmula da casa é "horizonte/nome" (decisão n.º 1 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV) [decisão do fundador].

O XV não decide entre o teísmo de Taylor e o humanismo exclusivo; o cânon fica fora dessa divergência (Estudo XV, 6.5). "Taylor sem Deus" não é o que a fórmula faz do

cânon. A política do reconhecimento de Taylor é registro, não fronteira nem toque, e a questão (g) segue aberta até o tratado da justiça (decisão n.º 12 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV) [decisão do fundador]. Resta saber o que o cânon diz à suficiência de que Taylor fala; o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (en)).

De Taylor passa-se ao Oriente.

5.12 O Oriente, só como registro

O Oriente entra aqui como registro, sem leitura, porque o estudo não leu o humanismo nessas casas.

Radhakrishnan escreve: “Uma tradição viva influencia nossas faculdades interiores, humaniza nossa natureza e nos eleva a um nível superior” (Radhakrishnan, *The Hindu View of Life*, Allen & Unwin, 1926, p. 18) [V-en]. O “humanismo religioso” que se lhe atribui é tese a confirmar [tese a confirmar]. Taixu formula, em 1928, o budismo para a vida humana (*rensheng fojiao*), e Hsing Yun o desenvolve (Darui Long, “Humanistic Buddhism from Venerable Tai Xu to Grand Master Hsing Yun”, 2000, pp. 53–84) [paráfrase; V via secundária: Darui Long]. De Hsing Yun e de Tu Weiming não há letra neste estudo.

As três casas têm as suas fórmulas, e o capítulo as cita sem lê-las outra vez. Budismo: “atenção/chegada” (decisão n.º 1 de 03/11/2026 sobre o Estudo I) [decisão do fundador], com a frase de que o cânon “não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” (decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I) [decisão do fundador]. Vedanta: “descoberta/dissolução” (decisão n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV) [decisão do fundador]. Taoísmo: o Lumen Fluens aceita a água e recusa o esquecimento de si (decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI) [decisão do fundador]. Nenhuma das três trouxe ao estudo a palavra humanismo.

Do Oriente passa-se às portas que a série ainda não abriu.

5.13 As portas

Cinco portas ficam abertas na saída desta série, Kierkegaard, Spinoza, Kant, Pascal e Marx, e o capítulo as mostra sem atravessá-las.

Kierkegaard é a porta do indivíduo diante da soma dos humanos. Em “A multidão é a inverdade”, escreve que honrar todo ser humano é verdade e temor de Deus, e que reconhecer “a multidão” como última instância é negar Deus (Kierkegaard, “A multidão é a inverdade”, 1846–47, trad. inglesa Bellinger) [V-en: Bellinger]. O texto não é letra de humanismo no sentido da série, e o Estudo XV guarda silêncio sobre Kierkegaard (Estudo XV, 5.9). A questão (j) segue como está, com a leitura da decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V: a Bússola que “apenas veta” (ver 3.3) [decisão do fundador]. O estudo dele será o XVII.

Spinoza traz o dito que ele recolhe da boca de todos: “na boca de quase todos está que o homem é um deus para o homem” (Spinoza, *Ética*, IV, 35, escólio) [V-la]. No corolário, o que é mais útil ao homem é “o homem que vive sob a condução da razão” (Spinoza, *Ética*, IV, 35, corolário I) [V-la]. Em IV, 67: “O homem livre em nada pensa menos do que na morte, e sua sabedoria não é meditação da morte, mas da vida” (Spinoza, *Ética*, IV, 67) [V-la]. De Spinoza o XV registra, em Taylor, que “o Plano fica sem planejador” (Taylor, *Uma era secular*, p. 543, via Estudo XV, 5.9) [V-en; via Estudo XV, 5.9]. O estudo dele será o XVIII.

Kant escreve que o ser racional “existe como fim em si mesmo” (Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes* (*Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*), Akademie-Ausgabe, IV, 428–429) [V-de] e que a “autonomia” é o “fundamento da dignidade” (ver 2.8). “Dignidade” ocorre oito vezes nos escritos e nenhuma no Cânon, onde o Pilar I diz “valor”, e “autonomia” não ocorre [contagem do estudo]. Sobre a dignidade, o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ei)). Sobre a autonomia diante da Bússola, que “apenas veta” (ver 3.3), e do Catecismo já citado em 5.6, o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ek)). O estudo dele será o XIX.

Pascal é a porta contra a medida do homem pelo homem: “Que quimera é pois o homem!” e “o homem passa infinitamente o homem” (Pascal, *Pensées*, ed. Jules Didiot, Desclée de Brouwer, 1896, cap. III, pp. 50–51) [V-fr: Didiot; numeração a confirmar]; contra Montaigne, “o tolo projeto que ele tem de se pintar” (Pascal, *Pensées*, ed. Didiot, cap. II, “De la confusion de Montaigne”) [V-fr: Didiot; numeração a confirmar]. O XV traz de Pascal o “caniço pensante” (Taylor, *Uma era secular*, p. 347, via Estudo XV) [V-en; via Estudo XV]. O estudo dele será o XX.

Marx é a porta que o XV entreabre com o que Taylor cita dele e com a fragmentação. Em 1844, o comunismo põe humanismo e naturalismo como um só (ver 2.9). Althusser, dentro da casa marxista, trata o humanismo como conceito ideológico (Althusser, “Marxismo e humanismo”, 1964, trad. inglesa Brewster) [paráfrase; V-en: Brewster; frase exata a confirmar]. A questão (k) segue aberta até o estudo de Marx (decisão n.º 12 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV) [decisão do fundador].

Das portas passa-se ao padrão e aos silêncios.

5.14 O padrão e os silêncios

Este fecho junta o que as casas mostraram e lista o que o capítulo deixou sem letra.

O padrão é este: em cinco casas o humanismo aparece junto de uma fronteira. Sepúlveda traça a sua dentro da humanidade (5.1); a Stoa chega com a escravidão já anotada (5.2); Camus acusa torturadores que se dizem humanistas (5.6); Levinas lembra a humanidade que leu os gregos (5.7); Arendt vê a fronteira alcançar quem perde o lugar no mundo (5.9). A série respondeu a cada uma com letra própria, e o capítulo as cita [leitura do

estudo]. Se o cânon se diz ou não sob a palavra humanismo é decisão do fundador, e o estudo não a antecipa: o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (er)).

As contagens estão em 2.13; este capítulo acrescenta só a que toca as suas casas. “Transcendência” ocorre cinco vezes nos escritos, quatro fora da parte que este estudo não trata (ver 2.13), e “Deus”, sete vezes nos escritos, fora a parte do cânon que este estudo não trata (ver 2.13) [contagem do estudo]. Nenhuma dessas palavras, nem “humano”, “dignidade”, “razão” e “consciência”, é nome da Lux, que segue sem nome.

Ficam sem letra neste estudo: More (a *Utopia* está em 2.6), Ricoeur, Ficino e Lipsius, Las Casas, o adjetivo “religioso” em Radhakrishnan, Hsing Yun, Tu Weiming, Sepúlveda como tradutor da *Política* e Erasmo como editor de Agostinho.

Das casas da série passa-se ao capítulo seguinte.

6 O QUE A SÉRIE JÁ DISSE E A FICHA PROPOSTA

6.1 As prévias

Oito Estudos tocaram o humanismo sem tratá-lo; cada toque vem com a seção, a letra e a correção, quando há.

No corpo dos quinze Estudos, Pico, Erasmo, Valla, Petrarca, More, Sepúlveda, os *Manifestos Humanistas* e a *Declaração de Amsterdã* (*Amsterdam Declaration*) não ocorrem; Montaigne aparece no Estudo II, como transmissor de uma sentença grega (5.7), e no XIV, como nome de editora [contagem do estudo]. A letra dos humanistas é, portanto, a que os capítulos 2 a 5 reúnem.

O II (3.8) chama o homem, por Sêneca, de "coisa sagrada para o homem" (*Cartas a Lucílio*, 95, 33; ver 2.2) [V-la]. A frase está numa denúncia dos espetáculos de gladiadores, em que o homem "já é morto por jogo e brincadeira", e não numa tese sobre a dignidade [leitura do estudo]. O II não diz "humanismo" nem *humanitas* (humanidade, no sentido de cultura).

O Estudo III (2.4) lê na *imago Dei* (imagem de Deus) "uma letra e uma escola" da dignidade, mede em 3.1 que "dignidade" é palavra do Tratado e da Disputatio, não do Cânon, e diz "humanidade" uma só vez, sob dois nomes, Adão e Cristo (2.5). Las Casas entra só como nome, sem letra (4.12). A decisão n.º 2 de 04/11/2026 sobre o Estudo III lê a *imago Dei* ao lado da dignidade intrínseca.

O Estudo V diz "humanismo" quase só pelo título de Sartre, *O existencialismo é um humanismo* (*L'existentialisme est un humanisme*): "a existência precede a essência" (p. 17) e "escolha, isto é, invente" (p. 46) (2.2 e 2.5) [V-fr; V-pt: Guedes; via Estudo V, 2.2]. De Heidegger, na *Carta sobre o humanismo* (*Brief über den Humanismus*), 1947, tem só a paráfrase de que a tese de Sartre é uma inversão metafísica (2.2) [V-en: Capuzzi; paráfrase]. O que este estudo acrescenta: a letra de Heidegger, "todo humanismo ou se funda numa metafísica" (ver 2.11) [V-en: Capuzzi], não está no V, que também não diz, em voz própria, que o existencialismo "é um humanismo". Nenhuma correção: a decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V, "o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção", fica citada, não refeita.

O Estudo VII lê a *Bildung* (formação, 2.5) e traz de Hegel que o homem, no cristianismo, "é fim em si, tem em si mesmo valor infinito" (2.8; *Lições sobre a Filosofia da História*) e que "o homem vale assim porque é homem, não porque é judeu, católico, protestante, alemão, italiano etc." (*Linhas fundamentais da filosofia do direito*, § 209, Observação; 4.1) [via Estudo VII; localização a confirmar]. No VII, o que depende da formação é a efetividade do valor, não o valor (3.4); o "fim em si" é de Hegel, Kant não é citado no corpo do VII, e a fórmula kantiana é deste estudo (ver 2.8).

O Estudo VIII cita *Humanismo do outro homem* (*Humanisme de l’autre homme*) em edição espanhola (Siglo XXI, 2005) e não discute o humanismo: a palavra é o título. O Estudo XIII registra, na voz da tradição, uma leitura de Arendt como crítica do “humanismo abstrato” (2.11; 4.5) e diz que não escolhe entre as leituras nem as harmoniza (resumo, 3); a humanidade, diz Arendt, está “não na fraternidade, mas na amizade” (5.1) [V-en; via Estudo XIII, 5.1]. O Estudo XIV diz *humanitas* 31 vezes e nenhuma “humanismo”, e a mede contra a margem (3.14; 4.12); a decisão n.º 8 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV a leu ao lado da margem “sem que o rio vire espaço público”.

O Estudo XV dá o nome por Taylor: o humanismo exclusivo (*exclusive humanism*), “puramente autossuficiente” (*Uma era secular*, 2007, p. 18; 2.10) [V-en; via Estudo XV, 2.10], e o humanismo cívico “de Humboldt a Arendt” (*Argumentos filosóficos*, 1995, cap. 1; 2.8) [V-en; via Estudo XV, 2.8; página a confirmar]. Registra que “humanismo” e “secular” não ocorrem nos escritos (2.12), que “não decide entre o teísmo de Taylor e o humanismo exclusivo” (2.10) e que o cânon “fica fora dessa divergência” (6.5; 7.2). Nenhuma das prévias pede correção.

Das prévias passa-se às decisões herdadas.

6.2 As decisões herdadas que tocam o humanismo

Estas decisões do fundador tocam o humanismo e não se reabrem aqui.

A Lux é dada e é valor: “A luz é dada antes de qualquer relação; o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII); “A Lux é valor; a capacidade é poder” (decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX); “A Lux admite graus de visão, nunca de valor” (decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X). A anterioridade entra “como estrutura”: “a dignidade antes do mérito, que o cânon diz ‘anterior a qualquer conquista ou circunstância’ e que a *imago Dei* ensinou” (decisão n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo III). São as decisões que o estudo põe diante de Pico, de Kant e de 1948.

A Lux fica sem nome: “o Bem não é nome da Luz” e “a fonte continua sem nome no cânon” (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X); “‘Transcendência’ tem ao menos quatro usos, e nenhum é nome da Lux”, e “o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico” (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV); a recusa é “do nome, não da fonte” (decisão n.º 1 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV). A escolha “entra como lugar da pessoa”, não como função da Bússola (decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V).

A Vigília e as fronteiras: “a Vigília promete presença, não vitória, e o cânon não diz que a noite é prova” (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II); “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” (decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I). O padrão das fronteiras tem duas peças: a do escravo por natureza e da mulher é “fronteira da série” (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI), e a frase própria, “nenhuma pessoa está

fora da Lux” (ver 3.9), vale como padrão para os clássicos cristãos (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII). A decisão n.º 10 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV estendeu o padrão a Taylor, autor vivo: a obra lida, a biografia anotada, nenhuma resposta posta na boca do autor. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (eq)) se o padrão se estende ao humanismo, dos mortos e dos vivos, e se a frase da série ganha força própria diante de Sepúlveda, da eugenia e de quem não conta como homem.

Das decisões passa-se ao que o cânon não diz.

6.3 O que o cânon não diz e o que diz em sentido restrito

O cânon tem poucas das palavras do humanismo, e a contagem nos sete escritos diz quais (ver 2.13).

“Humanismo”, “humanista”, “humanidade” e *humanitas* não ocorrem nos escritos. “Dignidade” ocorre oito vezes nos escritos e nenhuma no Cânon, que diz o valor intrínseco. De “salvação”, que não ocorre, o cânon “não diz nada” (decisão n.º 9 de 04/11/2026 sobre o Estudo III). “Deus” ocorre sete vezes nos escritos, uma delas na parte do cânon que este estudo não trata (ver 2.13); nas demais, no nome que a Independência confessional deixa a quem crê, em Agostinho e nos títulos de Weil, e nenhuma diz que há ou que não há [leitura do estudo]. “Pessoa” ocorre 53 vezes e “indivíduo”, 12 [contagem do estudo]. As demais contagens estão em 1.13.

A frase “a filosofia não exige crença” não é letra, porque “crença” não ocorre nos escritos. A letra é a Independência confessional (ver 3.2): “Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) [letra do cânon]; e, no Catecismo, a filosofia “pode ser vivida por quem crê e por quem não crê” (5), e “não é preciso nenhum nome religioso para ser fiel à luz” (27) [escrito do cânon]. A regra de redação vale nos dois sentidos (ver 4.3). O cânon não é humanismo secular nem é contra ele, não é humanismo cristão nem é contra ele, e não é teísta, ateu nem agnóstico (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV).

Do que o cânon diz e não diz passa-se à pergunta de frente.

6.4 A pergunta de frente

A série tocou o humanismo oito vezes e nunca perguntou ao fundador, de frente, o que esta seção pergunta.

A pergunta é esta: o Lumen Fluens é um humanismo? O estudo a formula e não a responde. A palavra não ocorre nos escritos, e a casa que a usa é plural: Maritain, que a reclama para o cristianismo, escreve que “a palavra humanismo é um vocábulo ambíguo” (*Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), trad. esp., 1966, p. 12) [V via secundária:

Maritain]. Dizer “é” ou “não é” seria decidir pela doutrina, e só o fundador a altera; e a Independência confessional vale nos dois sentidos (ver 6.3).

A leitura do estudo sobre a pergunta, com as três respostas que ele não dá (a do humanismo secular, a do humanismo religioso e a do anti-humanismo), mora em 4.13; aqui fica só o que o capítulo 6 acrescenta, a forma. A Ficha de 6.5 descreve toques e fronteiras, sem dizer “é” nem “não é”, e não responde à pergunta. O estudo pergunta ao fundador (ver 4.13 e 7.3, questão (er)) o que ele diz.

Da pergunta passa-se à Ficha proposta.

6.5 A Ficha proposta

A Ficha abaixo foi proposta pelo estudo e aprovada pelo fundador (decisão n.º 9 de 21 de novembro sobre o Estudo XVI); é a primeira do humanismo: não há Ficha de outubro.

Segue a forma da Ficha do Estudo XV (6.4 e 6.5): “Toques — proposta”, com “—” entre a letra do humanismo e a do cânon, e “Fronteiras — proposta”, com “×”; uma letra do cânon por linha, a morada de cada autor dita, nenhuma linha dando nome à Lux.

> Fórmula — adotada pelo fundador (decisão n.º 1 de 21 de novembro sobre o Estudo XVI; ver 4.13): “o Lumen Fluens aceita do humanismo a dignidade e recusa a condição”.

> Toques — proposta

>

> - A dignidade inerente e o valor intrínseco: “dignidade inerente a todos os membros da família humana” (*Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948, Preâmbulo, primeiro considerando) [V-en] — “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) [letra do cânon; hipótese do estudo].

> - A moral sem sanção externa e a consciência mais funda: “a moral é parte intrínseca da natureza humana […] sem necessitar de sanção externa” (*Declaração de Amsterdã*, 2002, secular organizado) [V-en] — “Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) [letra do cânon; leitura do estudo, sem adesão ao humanismo secular; ver 3.2].

> - A saída da menoridade e a escolha: “um pastor de almas que tem consciência por mim” (Kant, “Que é o Esclarecimento?” (*Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*), 1784, Akademie-Ausgabe, VIII, 35, das Luzes) [V-de] — “A decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24) [escrito do cânon; hipótese do estudo].

> - O exame de si e o Examinar: “Não pinto o ser. Pinto a passagem” (Montaigne, *Ensaios* (*Essais*), III, 2, renascentista) [V-fr; página a confirmar] — “Examinar. As duas

perguntas do pilar I” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Ritmo diário; ver 3.4) [letra do cânon; hipótese do estudo].

> - A *humanitas* e as Águas Comuns: “bastava o nome comum de homem para que os homens se entendessem” (Erasmo, *Queixa da paz* (*Querela pacis*), cristão) [V-la] — “Ninguém navega um rio privado” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) [letra do cânon; hipótese do estudo].

> - O corpo e o Corpus: “Não é uma alma, não é um corpo que se adestra: é um homem” (Montaigne, *Ensaios*, I, 26) [V-fr; página a confirmar] — “A transcendência passa pela matéria” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV (Corpus)) [letra do cânon; hipótese do estudo].

> Fronteiras — proposta

>

> - O homem que se faz × a luz que se revela (a fronteira central): “Nem lugar certo, nem rosto próprio […] te demos, ó Adão” (Pico, *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486, § 5, renascentista) [V-la; edição a confirmar] × “A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) [letra do cânon; hipótese do estudo].

> - A autonomia como fundamento da dignidade × a Lux dada: “A autonomia é, pois, o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda natureza racional” (Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes* (*Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*), 1785, IV, 436) [V-de] × “A luz é dada antes de qualquer relação” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII) [decisão do fundador; hipótese do estudo].

> - A Humanidade como nome × nada vira nome da Lux: “substituindo nele Deus pela Humanidade” (Comte, *Catecismo positivista* (*Catéchisme positiviste*), 1852, III, pp. 272–273, positivista) [V-fr] × “a fonte continua sem nome no cânon” (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X) [decisão do fundador; hipótese do estudo].

> - O humanismo que toma posição, dos dois lados × a Independência confessional: “Nenhuma divindade nos salvará; precisamos salvar a nós mesmos” (*Manifesto Humanista* II (*Humanist Manifesto II*, 1973), Primeira tese, secular organizado) [V-en]; Maritain opõe o humanismo teocêntrico, o cristão, ao antropocêntrico (*Humanismo integral*, p. 30, cristão) [V via secundária: Maritain; paráfrase] × “A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) [letra do cânon; hipótese do estudo].

> - O florescimento que basta e o progresso × presença, não vitória: “Aceitamos nossa vida como o todo e o bastante”; “filosofia de vida progressista” (*Manifesto Humanista* III (*Humanism and Its Aspirations*), 2003) [V-en] × “A Vigília promete presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”) [letra do cânon; hipótese do estudo].

> - O indivíduo autônomo × “pessoal, nunca individual”: “Afirma o valor, a dignidade e a autonomia do indivíduo” (*Declaração de Amsterdã*, 2002) [V-en] × “a luz é

pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns") [letra do cânon; hipótese do estudo].

> - A servidão natural × a frase da série: "homenzinhos [*homunculos*] nos quais mal se podem encontrar restos de humanidade" (Sepúlveda, *Demócrates segundo*, ed. Losada, 1984, p. 35, renascentista; ver 2.12) [V via secundária: Castilla Urbano, 2010] × "nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte" (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII) [decisão do fundador; hipótese do estudo].

> - A eugenia: "A desigualdade biológica é, evidentemente, o fato-base sobre o qual toda a eugenia se assenta" (Huxley, *UNESCO: Its Purpose and Its Philosophy*, 1946, secular organizado) [V-en; página a confirmar] × "A Lux admite graus de visão, nunca de valor" (decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, tomada diante de Platão; o estudo a lê ao lado de Huxley) [decisão do fundador; leitura do estudo].

> - Registro, não decisão (g): Erasmo, Beccaria e a Declaração de 1948 seguem como matéria do tratado da justiça; (g) segue aberta até o tratado [leitura do estudo].

> - Registro, não decisão (j): Moriá segue como está, com a leitura da decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V; Kant diante de Abraão fica registrado, sem leitura adicional [leitura do estudo].

> - Registro, não decisão (k): o humanismo marxista e Althusser ficam na porta do mal estrutural; (k) segue aberta até o estudo de Marx [leitura do estudo].

O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ep)) se a Ficha, tal como proposta em 6.5, é aprovada, emendada ou recusada, e se entra na página dos estudos do site, em português, espanhol e inglês.

Da Ficha passa-se à síntese, no capítulo 7.

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS

7.1 O que o estudo encontrou

O capítulo reúne o que os cinco anteriores mostraram e o põe diante do fundador. O estudo partiu sem Ficha e de uma tese — o humanismo toca o cânon onde põe no centro a pessoa e o valor que nada lhe tira, e separa-se dele onde faz do humano a medida, o autor, a fonte ou o nome desse valor — e chegou a onze seções de fronteira no capítulo 4 e, na Ficha, a oito fronteiras, seis toques e três linhas de registro (6.5) [leitura do estudo].

A primeira coisa que o estudo encontrou é que as duas casas põem a pessoa no centro, e que isso não as faz uma só. A Declaração de 1948 diz "dignidade inerente a todos os membros da família humana" (*Declaração Universal dos Direitos Humanos*, Preâmbulo, primeiro considerando; ver 2.10) [V-en], e Kant diz que no reino dos fins tudo tem "ou um preço ou uma dignidade" (*Fundamentação da metafísica dos costumes*, 1785, Akademie-Ausgabe, IV, 434; ver 2.8) [V-de]; o Pilar I diz "O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I) (3.1).

A fronteira passa mais fina: em Kant, "A autonomia é, pois, o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda natureza racional" (IV, 436; ver 2.8) [V-de]; em Pico, o Criador diz a Adão que se modele "na forma que preferires" (*Discurso sobre a dignidade do homem*, 1486, § 5; ver 2.4) [V-la; edição a confirmar]; no cânon, "A luz não se acende — ela se revela", e a letra não diz de onde o valor vem (4.1) [leitura do estudo]. "Dignidade" ocorre oito vezes nos escritos e nenhuma no Cânon, que diz "valor" (2.13).

A segunda é o nome. Comte condensa as concepções positivas "na única noção de um ser imenso e eterno, a Humanidade" (*Catecismo positivista*, 1852; ver 4.2) e recomenda "substituindo nele Deus pela Humanidade" (ver 2.9) [V-fr]; o *Manifesto Humanista* I chama a sua posição de "humanismo religioso" (1933, oitava tese; ver 4.2) [V-en]. O cânon não dá nome à Lux: "a fonte continua sem nome no cânon" (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), e a Independência confessional deixa o nome a quem a carrega, "seja qual for o nome que cada um lhe dê" (Cânon v1.2, "Independência confessional"). Comte e o humanismo religioso de 1933 dão à Humanidade o nome que a teologia dava a Deus; o cânon não dá nome, e o estudo não aproxima o cânon da religião da Humanidade, do culto nem da prece (4.2) [leitura do estudo].

A terceira é a decisão sobre Deus, e traz a letra do cânon mais exigente do estudo. O Manifesto II diz "começamos com os humanos, não com Deus" (1973, primeira tese; ver 2.10) [V-en]; Maritain opõe o humanismo teocêntrico ao antropocêntrico (*Humanismo integral*, ed. 1966, p. 30) [paráfrase]. O cânon diz: "Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém" (Cânon v1.2, "Independência confessional"; ver 3.2). A consciência mais funda é o nome que a Independência dá à Lux

“para quem não crê”; não é o nome que o cânon ou o estudo dá a ela para todos. A independência vale nos dois sentidos: o cânon não é humanismo secular nem é contra ele, não é humanismo cristão nem é contra ele, e não é teísta, ateu nem agnóstico (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV) (3.2, 4.3) [leitura do estudo].

A quarta é a suficiência e a formação de si. O Manifesto III diz “Aceitamos nossa vida como o todo e o bastante” (2003; ver 2.10) [V-en]; Gélio chama *humanitas* (humanidade, no sentido de cultura) “quase o que os gregos chamam *paideía*” (*Noites áticas*, XIII, 17, 1; ver 2.1) [V-la; edição a confirmar], e Humboldt faz da *Bildung* (formação) o fim do homem (ver 2.8) [V-de; página a confirmar]. O cânon diz “Ninguém começa do zero” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II) e que a Vigília “promete presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”); a letra não diz que a vida basta nem que não basta, e a Regra de Vida aceita o exercício, com a distância de que o exercício não acende a luz (3.5, 4.4) [leitura do estudo].

A quinta é o progresso e a razão. Kant diz que impedir uma época de progredir “seria um crime contra a natureza humana” (“Que é o Esclarecimento?”, 1784, Akademie-Ausgabe, VIII, 39; ver 2.8) [V-de], e Comte põe “o Progresso por fim” (ver 2.9) [V-fr]; a Vigília diz que “a luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite” (Cânon v1.2, “A Vigília”), e a Bússola “apenas veta” (Cânon v1.2, “A Bússola”). “Razão” ocorre seis vezes nos escritos e nenhuma no Cânon, e “progresso” não ocorre; o estudo não afirma que o cânon negue o progresso nem a razão (3.3, 3.11, 4.5) [leitura do estudo].

A sexta é o indivíduo. A *Declaração de Amsterdã* “afirma o valor, a dignidade e a autonomia do indivíduo” (2002; ver 2.10) [V-en], e 1948 pede “espírito de fraternidade” (Artigo 1) [V-en]; o cânon diz “Ninguém navega um rio privado” e que “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). “Pessoa” ocorre 53 vezes nos escritos, “indivíduo” 12, “fraternidade” nenhuma; o estudo não afirma que o humanismo seja individualista (3.6, 4.7) [leitura do estudo].

A sétima é a transcendência, a laicidade e as críticas, que o estudo registra sem tomar lado: a transcendência eclipsada, deslocada para a Humanidade ou guardada acima do humano, e o Pilar IV, “A transcendência passa pela matéria” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV) (4.6); a laicidade, que regula o Estado diante das confissões, e a Independência, que regula o que a filosofia diz de si — o estudo não chama o cânon de laico (4.8); Heidegger, para quem “todo humanismo ou se funda numa metafísica” (*Carta sobre o humanismo*, 1947; ver 2.11) [V-en: Capuzzi], Foucault e Fanon, diante dos quais o cânon não toma a palavra, porque não diz “humanismo” (4.9) [leitura do estudo].

A oitava é o depois, que o estudo registra e não pergunta. Comte diz a Humanidade “ser imenso e eterno” (ver 4.2), e o Manifesto I busca o cumprimento da personalidade “no aqui e agora” (ver 4.2) [V-en]; o cânon é lido “sem dizer nada do depois” (decisão n.º 6 de

06/11/2026 sobre o Estudo V), e “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux (decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V); a parte do cânon em que a palavra ocorre não é tratada neste estudo (ver 2.13) (4.10).

A nona é quem conta como humano, e é a que a série já tinha padrão para medir. Cícero quer que um homem queira o bem de outro “pela única razão de que este é homem” (*Dos deveres*, III, 27; ver 2.2) [V-la]; Sepúlveda chama os bárbaros do Novo Mundo de “homenzinhos [*homunculos*] nos quais mal se podem encontrar restos de humanidade” (*Demócrates segundo*, c. 1545; ver 2.12) [V via secundária: Castilla Urbano, 2010]; Huxley chama a desigualdade biológica de “fato-base” da eugenia (1946; ver 2.12) [V-en; página a confirmar]. A frase da série responde: “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega” (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII). Na mesma casa há quem diga a igualdade e quem trace o limiar; são autores diferentes, e o estudo registra as duas vozes sem absolver nem acusar o humanismo inteiro (2.12, 4.11) [leitura do estudo].

O que o estudo encontrou de inesperado foi quanto a palavra “dignidade” carrega sem ser do Cânon. A casa inteira se reconhece nela, em ao menos cinco sentidos (2.13); o Estudo VII leu a Lux do lado da dignidade, e a hipótese segue “registrada como leitura” (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII); o Estudo III mediu que a palavra é do Tratado e da Disputatio, não do Cânon (6.1). E a letra de Pico, em que a tradição lê a dignidade por antonomásia, diz *dignitas* duas vezes, no corpo; o título é posterior, e a frase corrente “poderás ser o que quiseres” não está no latim lido (2.4). O achado mede a fórmula: a dignidade que o estudo propõe aceitar é a de 1948 e a de Kant, “acima de todo preço” (ver 4.13), e não a de Pico [leitura do estudo].

Oito Estudos tocaram o humanismo sem o tratar (II, III, V, VII, VIII, XIII, XIV e XV), e nenhum pede correção; o que este estudo acrescenta é a letra de Heidegger, “todo humanismo ou se funda numa metafísica”, que o Estudo V não tinha, e a letra de Hegel em *Linhas fundamentais da filosofia do direito*, § 209, que o VII citou com localização a confirmar (6.1).

Três registros ficaram ditos como registro, e não como fronteira. A *Queixa da paz* de Erasmo, Beccaria e a Declaração de 1948 são matéria do tratado da justiça, e (g) segue aberta até o tratado. Kant diante de Abraão — “disso não estou certo e nem posso vir a estar” (*O conflito das faculdades*, 1798, Akademie-Ausgabe, VII, 63, nota; ver 4.12) [V-de] — fica lido como a decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V leu Moriá, e (j) segue como está. Marx, para quem o comunismo “é, como naturalismo plenamente desenvolvido, humanismo” (*Manuscritos econômico-filosóficos*, 1844; ver 2.9) [V-de; localização a confirmar], e Althusser vão à porta de (k), que segue aberta até o estudo de Marx (4.12).

7.2 A fórmula

A série dá a cada casa uma fórmula de duas metades: o que o Lumen Fluens aceita dela e o que recusa. O estudo propôs, e o fundador a adotou (decisão n.º 1 de 21 de novembro sobre o Estudo XVI): **o Lumen Fluens aceita do humanismo a dignidade e recusa a condição** (4.13).

A dignidade aceita é a inerente: Kant, o que está “acima de todo preço” (*Fundamentação*, Akademie-Ausgabe, IV, 434–436; ver 4.13), e a Declaração de 1948, “dignidade inerente a todos os membros da família humana” (ver 2.10; 3.1), lidas ao lado de “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). “Dignidade” é palavra do humanismo, não do Cânon — ocorre oito vezes nos escritos e nenhuma no Cânon —, como “horizonte” era palavra de Taylor e não do cânon no Estudo XV; aceitá-la não adota a hipótese do Estudo VII, que segue “registrada como leitura” (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII), nem adotada nem recusada (4.1, 4.13).

A condição recusada é que o valor da pessoa dependa de um traço humano — a razão (Kant), a autonomia, a indeterminação (Pico), o reconhecimento — ou de ser contado como homem (Sepúlveda). É a condição que a decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V recusa diante do existencialismo, “a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado”, agora lida diante do humanismo. A fórmula não diz de onde vem a luz, não diz quem a dá, não nomeia a Lux por contraste (decisão n.º 1 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV) e não fica contra quem crê nem contra quem não crê. Descreve a distância que o estudo lê entre o humanismo e o cânon; não define a Lux pelo que recusa, e a Lux continua sem nome (4.11, 4.13) [leitura do estudo].

Uma alternativa ficou de pé até a decisão, e não foi adotada: “o Lumen Fluens aceita do humanismo a pessoa e recusa a condição”. “Pessoa” é palavra do Cânon, que a diz 53 vezes nos escritos, e evita “dignidade”; o risco é que “pessoa” não é a palavra do humanismo, que diz “homem” e “humano”, e que “a condição” ao lado de “pessoa” se leia como *conditio humana* (4.13).

Cinco candidatas caem, com a razão em uma frase cada. “Recusa a outorga”: pressupõe um outorgante e, lida com “a luz é dada” (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII), soa a negar que a luz seja dada, o que o cânon não afirma. “Recusa a medida”: é a palavra do Estudo XI, onde está Protágoras. “Recusa a autoria”: repete “recusa a invenção” do Estudo V e esbarra em “A decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24). “Recusa a suficiência”: lê-se como motivo teísta, e o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico (decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV). “Recusa a origem”: decidiria o que o cânon deixa em aberto — a origem é “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto, respeitando a independência confessional” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”) —, e a lição do Estudo XV é “recusa o nome”, não “recusa a fonte”

(decisão n.º 1 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV). A escolha foi a pergunta (eh), decidida pelo fundador [leitura do estudo].

7.3 Questões abertas

As perguntas deste estudo vão de (eh) a (er) e seguem as do Estudo XV, que vão de (dx) a (eg). As herdadas (g), (j) e (k) vêm pelo nome. Nenhuma reabre decisão tomada; toda extensão de decisão ao humanismo é hipótese ou leitura do estudo; todas são do estudo, e só o fundador decide. O fundador decidiu em 21 de novembro de 2026; cada questão leva a marca da decisão.

(eh) A fórmula. A fórmula “o Lumen Fluens aceita do humanismo a dignidade e recusa a condição” entra como proposta do estudo, com a dignidade lida ao lado de “anterior a qualquer conquista ou circunstância” e a condição lida ao lado da recusa do Estudo V, na voz de quem a diz; ou a alternativa com “pessoa” é a que fica; ou a fórmula do Estudo V já cobre o caso, e este estudo fica sem fórmula própria? Cinco candidatas caem, com a razão em 3.13. O estudo pergunta ao fundador. (4.1, 4.13, 7.2) [Decidida pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 1): a fórmula está adotada: o Lumen Fluens aceita do humanismo a dignidade e recusa a condição; a dignidade inerente lida ao lado de “anterior a qualquer conquista ou circunstância”; a condição é que o valor dependa de um traço humano ou de ser contado como homem; a alternativa com “pessoa” não foi adotada.]

(ei) A dignidade inerente e o Pilar I. A dignidade inerente de Kant (“um valor interno, isto é, dignidade”, *Fundamentação*, IV, 435; ver 2.8) [V-de] e a da Declaração de 1948 (“dignidade inerente a todos os membros da família humana”; ver 2.10) [V-en], com a de Pico só pelo título que lhe deram depois, lê-se ao lado do valor que o Pilar I diz intrínseco, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a dignidade que Kant funda na autonomia e que 1948 reconhece × o valor “anterior a qualquer conquista ou circunstância” —, sem que “dignidade” seja palavra do Cânon, e sem adotar nem recusar a hipótese do Estudo VII, que segue registrada como leitura (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII)? O estudo pergunta ao fundador. (2.4, 2.8, 3.1, 4.1, 5.13) [Decidida pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 2): como leitura, com a fronteira dita; “dignidade” não passa a letra do Cânon; a hipótese do VII segue registrada como leitura.]

(ej) A consciência mais funda e o humanismo secular. A “consciência mais funda, o verdadeiro em si”, nome que a Independência confessional dá à Lux “para quem não crê”, lê-se como o nome de quem não crê, e não como adesão do cânon ao humanismo secular nem como o nome que o cânon dá a ela para todos, com “a filosofia não decide isso por ninguém” ao lado e a fronteira dita na mesma frase — o humanismo que começa “com os humanos, não com Deus” × a Independência que não decide —? A “consciência de um homem” de Montaigne (*Ensaios*, III, 2; ver 2.7) é homônimo, e o estudo não decide o parentesco. O estudo pergunta ao fundador. (3.2, 4.3, 6.3) [Decidida pelo fundador em

21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 3): o nome de quem não crê, nunca adesão ao humanismo secular nem nome da Lux para todos; sempre com “a filosofia não decide isso por ninguém”.]

(ek) A autonomia, a razão e a Bússola. A autonomia moral e a razão de Kant e dos humanismos das Luzes e secular leem-se ao lado da Bússola que “apenas veta”, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a razão que legisla × o veto que é a própria Lux, “sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X) —, sem que a razão seja nome ou juíza da Lux? “Razão” ocorre seis vezes nos escritos e nenhuma no Cânon. O estudo pergunta ao fundador. (3.3, 4.5, 5.13) [Decidida pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 4): como leitura, com a fronteira dita; a razão não é nome nem juíza da Lux.]

(el) A formação de si e a Regra de Vida. A formação de si — os *studia humanitatis* (estudos da humanidade) de Cícero, a *paideía* de Gélio, a *Bildung* de Humboldt (ver 2.1 e 2.8) e o exame de Montaigne (ver 2.7) — lê-se ao lado da Regra de Vida, de “Ninguém começa do zero” e do Examinar, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a vida que se forma e se faz suficiente × “a luz não se acende — ela se revela” —, sem que “formação” seja palavra do cânon, que não a diz? O estudo pergunta ao fundador. (3.4, 3.5, 4.4, 5.5) [Decidida pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 5): como leitura, com a fronteira dita; “formação” não passa a letra do cânon; o exercício não acende a luz.]

(em) A *humanitas*, a fraternidade e as Águas Comuns. A *humanitas* e a fraternidade — o “nome comum de homem” de Erasmo (*Queixa da paz*; ver 2.5) [V-la], o “espírito de fraternidade” de 1948 — leem-se ao lado das Águas Comuns, e o indivíduo autônomo ao lado de “pessoal, nunca individual”, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — o indivíduo autônomo e a fraternidade entre os homens × a pessoa “pelo que a abre” e o rio “de todos e de ninguém” —, sem que “fraternidade” seja palavra do cânon e sem tomar o personalismo de Mounier por humanismo? O estudo pergunta ao fundador. (3.6, 4.7, 5.9) [Decidida pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 6): como leitura, com a fronteira dita; “fraternidade” não passa a letra do cânon; o personalismo de Mounier não se toma por humanismo.]

(en) O progresso, a suficiência e a Vigília. O progresso e a suficiência — “Aceitamos nossa vida como o todo e o bastante” (*Manifesto Humanista* III; ver 2.10) [V-en] — leem-se ao lado de “presença, não vitória”, da noite e do Pilar IV, lido na Disputatio como exigência de estar inteiro onde o corpo sofre, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a promessa do progresso × a luz que “não precisa do fim para valer” (Tratado da Vigília) —, sem afirmar que o cânon negue o progresso, nem que a noite seja prova (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II)? O estudo pergunta ao fundador. (3.11, 4.4, 4.5, 5.11) [Decidida pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 7): como

leitura, com a fronteira dita; o cânon não nega o progresso nem a razão, e a noite não é prova.]

(eo) A Humanidade como nome. A Humanidade como nome, em Comte ("substituindo nele Deus pela Humanidade"; ver 2.9) [V-fr] e no humanismo religioso de 1933, lê-se como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — dar à Humanidade o nome que a teologia dava a Deus × deixar a cada um o nome, "seja qual for o nome que cada um lhe dê" —, e o humano, a razão e a natureza humana ficam como estrutura, na voz de quem os diz, nunca como nome da Lux, como a série fez com o Bem, o *logos*, o *ātman* e o Tao (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; n.º 2 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV; n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI)? O estudo pergunta ao fundador. (2.9, 4.2, 5.5) [Decidida pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 8): como leitura, com a fronteira dita; a Humanidade, o humano, a razão e a natureza humana ficam como estrutura, nunca nome da Lux.]

(ep) A Ficha proposta. Não há Ficha de outubro do humanismo. O estudo propõe, em 6.5, seis toques e oito fronteiras, mais três linhas de registro, com a fórmula como proposta do estudo; o fundador aprova, emenda ou recusa a Ficha, e decide se ela entra na página dos estudos do site, em português, espanhol e inglês? (4.13, 6.5) [Decidida pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 9): a Ficha está aprovada como proposta em 6.5 — seis toques, oito fronteiras e três linhas de registro — e entra na página dos estudos do site nas três línguas; os sem letra ficam no estudo, não na Ficha.]

(eq) O padrão das fronteiras diante do humanismo. O padrão da série — a obra lida, a biografia anotada, nenhuma resposta posta na boca do autor (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV; n.º 11 de 06/11/2026 sobre os Estudos V e VI; n.º 11 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV; n.º 10 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV) — estende-se ao humanismo, casa de muitos autores, que nomeia Sepúlveda, a mulher no *Elogio da loucura*, a carta de Erasmo a Capito, a eugenia de Huxley e a missão civilizadora de 1885, com a frase da série, "nenhuma pessoa está fora da Lux" (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII), dita diante de cada limiar com a sua própria força, e sem que "humano" ou "humanidade" seja, na voz do estudo, grandeza que se tem em graus? O estudo pergunta ao fundador. (2.12, 3.9, 4.11, 5.1, 6.2) [Decidida pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 10): o padrão estende-se ao humanismo, casa de muitos autores: obra lida, biografia anotada, nenhuma resposta posta na boca de quem escreveu; a frase da série vale diante de cada limiar com a sua própria força.]

(er) O Lumen Fluens é um humanismo? A série tocou a casa oito vezes e nunca perguntou de frente. O cânon não diz "humanismo", e o estudo não responde por ele; lê que o cânon coincide com os humanismos no valor da pessoa e se separa deles no de que o valor depende, que o cânon diz "anterior a qualquer conquista ou circunstância" sem dizer

de onde vem; que “humanismo” não é nome que o cânon se dê; e que o registro mais perto da letra é dialogar sem se filiar, como o Tratado das Águas Comuns diz de Mounier, Buber e Arendt [hipótese do estudo]. O estudo não dá nenhuma das três respostas — humanismo secular, humanismo religioso, anti-humanismo —, porque nenhuma tem letra e as duas primeiras esbarram na Independência confessional. A palavra é do fundador para dar, recusar ou deixar fora? O estudo pergunta ao fundador. (2.13, 4.13, 5.14, 6.4) [Decidida pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 11): o Lumen Fluens não se diz humanismo: “humanismo” não é nome que o cânon se dê; dialoga com a casa sem se filiar a ela, como o Tratado das Águas Comuns faz com Mounier, Buber e Arendt; não é humanismo secular, religioso nem anti-humanismo.]

(g) A justiça devida ao lobo. A *Queixa da paz* de Erasmo, Beccaria (“um homem não pode chamar-se réu antes da sentença do juiz”, *Dos delitos e das penas*, cap. 16) [V-it] e a Declaração de 1948 entram como matéria do tratado da justiça, sem fronteira nem toque aqui; o rio “continua sem ser programa político” (decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). Registra-se, sem decidir, e (g) segue aberta até o tratado da justiça. (3.10, 4.12) [Registrada pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 12): registro adotado: Erasmo, Beccaria e 1948 são matéria do tratado da justiça; (g) segue aberta até o tratado.]

(j) Moriá. A questão recebeu uma leitura na decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V. Kant diante de Abraão — “disso não estou certo e nem posso vir a estar” (*O conflito das faculdades*, 1798, Akademie-Ausgabe, VII, 63, nota) [V-de] — fica registrado como a decisão leu Moriá: a Bússola “apenas veta”, e o veto é a própria Lux. O estudo não acrescenta leitura, e (j) segue como está. (4.12, 5.13) [Registrada pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 12): registro adotado: (j) segue como está, com a leitura da n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V.]

(k) O mal estrutural. A porta para Marx recebe do humanismo a frase de 1844 — o comunismo “é, como naturalismo plenamente desenvolvido, humanismo” (*Manuscritos econômico-filosóficos*; ver 2.9) [V-de; localização a confirmar] —, a tese VI sobre Feuerbach e Althusser, para quem o humanismo é conceito ideológico (“Marxismo e humanismo”, 1964) [paráfrase; frase exata a confirmar]. (k) segue aberta até o estudo de Marx. (2.9, 4.12, 5.5) [Registrada pelo fundador em 21/11/2026 (Estudo XVI, n.º 12): registro adotado: o humanismo marxista e Althusser vão à porta; (k) segue aberta até o estudo de Marx.]

7.4 O que o humanismo oferece

Ao Pilar I, o humanismo oferece a palavra com que o mundo moderno diz o valor da pessoa: “dignidade inerente a todos os membros da família humana”, e, em Kant, o que está “acima de todo preço”. “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” tem nelas as suas letras mais próximas fora do cânon, com a

fronteira de que o Cânon diz “valor” e não “dignidade”, e de que o valor, nele, não depende de traço nenhum (3.1, 4.1) [leitura do estudo].

À Independência confessional, o humanismo oferece a prova de que ela vale nos dois sentidos: o secular organizado parte sem Deus, o cristão parte com Deus, e o cânon “não decide isso por ninguém”. Oferece também a letra que mais se parece com “a consciência mais funda” — a moral “sem necessitar de sanção externa” da *Declaração de Amsterdã* —, e a fronteira de que o cânon não diz, por isso, que não há Deus: deixa o nome a cada um (3.2, 4.3, 4.8) [leitura do estudo].

À Bússola, o humanismo oferece a saída da menoridade — “um pastor de almas que tem consciência por mim” é o que Kant recusa — e a autonomia que legisla; a Bússola responde que “A decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24) e que ela “apenas veta”, sem legislar e sem voz externa (3.3, 4.5) [leitura do estudo].

À Regra de Vida e ao Pilar II, o humanismo oferece a formação de si, dos *studia humanitatis* à *Bildung*, e o exame de si de Montaigne, que pinta a passagem; o Examinar e “Ninguém começa do zero” têm aí letras vizinhas, com a fronteira de que o exercício não acende a luz (3.4, 3.5, 4.4) [leitura do estudo].

Às Águas Comuns, o humanismo oferece a *humanitas* e a fraternidade — “o nome comum de homem” de Erasmo, o “espírito de fraternidade” de 1948 —; “Ninguém navega um rio privado” tem aí a sua letra mais próxima, com a fronteira de que o cânon diz “pessoal, nunca individual”, e o humanismo moderno diz o indivíduo (3.6, 4.7) [leitura do estudo].

À Vigília, o humanismo oferece, por contraste, o progresso como promessa da história e a vida “como o todo e o bastante”; a Vigília responde com “presença, não vitória” e com a luz que “não promete o amanhecer nem finge que não é noite”. Oferece também o humanismo trágico de Russell, que constrói “sobre o fundamento firme de um desespero sem concessão” (ver 2.10) [V-en], que é o toque mais próximo da noite (3.11, 4.4, 4.5) [leitura do estudo].

À série, o humanismo oferece a primeira casa sem autor no centro, e com ela a prova do padrão das fronteiras diante de muitas vozes: na mesma casa, quem diz “pela única razão de que este é homem” e quem traça o limiar de quem conta como homem (4.11). As fórmulas já fixadas têm duas metades — o budismo, a atenção e não a chegada; a Stoa, o exame e não o consentimento; o cristianismo, a anterioridade e não o juízo; o Vedanta, a descoberta e não a dissolução; o existencialismo, a escolha e não a invenção; Marcel e Jaspers, a presença e não a cifra; Taylor, o horizonte e não o nome —, e esta diz: a dignidade, e não a condição.

Deixa também portas abertas: Marx, pela questão (k); Kant, de quem este estudo leu a dignidade e a autonomia e que terá estudo próprio; Pascal, Spinoza e Kierkegaard, que a

casa toca pelas bordas. A ordem seguinte, decidida pelo fundador em 21/11/2026, é Kierkegaard (XVII), Spinoza (XVIII), Kant (XIX) e Pascal (XX).

7.5 A lamparina

A série termina cada estudo com a lamparina: a de museu, a guardada do vento, a posta no rio. Nos textos que o estudo leu, o humanismo não traz a imagem; traz o homem que se modela “na forma que preferires”, a dignidade “acima de todo preço”, a Humanidade a que se dá o nome de Deus, e a vida aceita “como o todo e o bastante”. O cânon diz que o valor é “anterior a qualquer conquista ou circunstância”, que “A luz não se acende — ela se revela”, e que a filosofia “não decide isso por ninguém”. Entre a dignidade e a condição passa a fronteira que o estudo propõe, e o que está dos dois lados dela é a pessoa cujo valor nada tira, lida ao lado do Pilar I como leitura do estudo.

O cânon não é um humanismo sem a palavra, e o humanismo não é o Lumen Fluens com o homem no lugar da luz; o fundador o disse (decisão n.º 11 de 21 de novembro sobre o Estudo XVI). As duas casas põem a pessoa no centro; o humanismo diz de onde lhe vem o valor, ou quem o dá, ou qual traço o funda; o cânon diz que o valor é anterior, não diz de onde vem, e deixa o nome a cada um. Se o Lumen Fluens é um humanismo, o estudo perguntou, e o fundador respondeu que o cânon não se diz humanismo e dialoga sem se filiar (decisão n.º 11 de 21 de novembro sobre o Estudo XVI). A fórmula foi adotada pelo fundador (decisão n.º 1 de 21 de novembro sobre o Estudo XVI): o Lumen Fluens aceita do humanismo a dignidade e recusa a condição. A lamparina posta no rio, entre outras lamparinas; e o valor, de que o cânon não diz a origem [hipótese do estudo].

REFERÊNCIAS

Bibliografia

Referências no formato simplificado da norma brasileira de referências: SOBRENOME, Nome. *Título*. Tradução. Cidade: Editora, ano. A numeração é contínua e corresponde aos blocos abaixo; as notas entre colchetes dizem como cada obra chegou ao estudo e em que seções ela é citada. Uma entrada por obra, e não por citação. Três estados são distinguidos: **edição de consulta** (a edição, a tradução ou o texto em linha de que o estudo tirou a passagem, conferida no texto), **intermediário** (o leitor, a tese ou o Estudo por cujo texto a passagem chegou) e **nomeada, não aberta** (a obra aparece no estudo, mas nenhuma edição foi aberta). Onde falta um dado, está escrito [dados a completar]; a cidade só aparece quando as Fontes a dão. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

As marcas entre colchetes são as das Fontes. [V-la], [V-de], [V-gr], [V-fr], [V-en], [V-es], [V-it], [V-nl] e [V-pt] dizem que a passagem foi verificada no texto em latim, alemão, grego, francês, inglês, espanhol, italiano, neerlandês ou português; o nome depois dos dois pontos (Capuzzi, Robinson, Farrington e outros) é o da tradução ou da edição usada. [V via secundária: …] diz que a passagem foi lida dentro de outro texto, que fica nomeado; [V via Estudo …] diz que ela chegou por um Estudo anterior da série. "… a confirmar" e [paráfrase] estão desdobrados no arquivo de conferências pendentes.

O humanismo é aqui o objeto do estudo, e não um autor: o bloco "O humanismo" reúne as obras das moradas do capítulo 1, na ordem do capítulo — antiga, renascentista, cristã, das Luzes, positivista e marxista, secular organizada, existencialista e os críticos. Duas escolhas de arrumação: a Fonte de Niethammer (1808) entra na morada das Luzes por data, embora o capítulo 1 a cite em 1.1; e Hegel, que a Fonte do capítulo 5 lista no bloco do cânon, entra na das Luzes por ser obra de autor. O bloco "A tradição" reúne os intérpretes e as enciclopédias (a *Stanford Encyclopedia of Philosophy* entra verbete por verbete, pelo nome do autor). O bloco "O cânon e os escritos" reúne o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações Práticas, o Glossário, os Estudos Comparados I a XV e as decisões do fundador, por data. As versões dos Estudos I a XIV seguem a bibliografia do Estudo XV, porque as Fontes deste estudo não as dão. As siglas aparecem por extenso na primeira vez (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad Nacional Autónoma de México; Marx-Engels-Werke).

Total: 121 obras: 63 em "O humanismo" (antiga 6, renascentista 5, cristã 7, das Luzes 9, positivista e marxista 6, secular organizada 12, existencialista e críticos 18), 17 em "A tradição" e 41 em "O cânon e os escritos". (A entrada de remissão à *Stanford Encyclopedia of Philosophy* não conta como obra.)

O humanismo

A morada antiga

1. GÉLIO, Aulo. *Noites áticas* (*Noctes Atticae*), XIII, 17, 1. Texto latino em linha da The Latin Library. [Edição de consulta, em latim [V-la]; a edição não é indicada: "edição a confirmar". 1.1, 2.5, 3.4, 6.1.]

1. CÍCERO, Marco Túlio. *Em defesa do poeta Árquias* (*Pro Archia poeta*), 2. Texto latino em linha da The Latin Library. [Edição de consulta, em latim [V-la]. 1.1.]

1. CÍCERO, Marco Túlio. *Sobre os deveres* (*De officiis*), I, 50 e III, 27. Texto latino em linha da The Latin Library. [Edição de consulta, em latim [V-la]. 1.2, 3.11, 6.1.]

1. TERÊNCIO. *Heautontimorumenos*, v. 77 (numeração corrente). Texto latino em linha da The Latin Library. [Edição de consulta, em latim [V-la]. 1.2.]

1. SÊNECA. *Cartas a Lucílio* (*Epistulae ad Lucilium*), 95, 33 e 52–53. Duas vias: texto latino da Wikisource latina, sem edição crítica (1.2 e 5.1: [V-la; edição a confirmar]), e texto da The Latin Library (2.6, 95, 52: [V-la]). [Edição de consulta, em latim. 1.2, 2.6, 5.1.]

1. PLATÃO. *Teeteto* (*Theaetetus*), 152a (Sócrates cita Protágoras). Texto grego da Wikisource grega, edição não indicada. [Edição de consulta, em grego [V-gr]. Prólogo, 1.2, 3.1.]

A morada renascentista

1. PETRARCA, Francesco. *Familiares*, IV, 1, carta a Dionigi da Borgo San Sepolcro. Tradução inglesa de J. H. Robinson, no Internet Medieval Sourcebook da Fordham (as Fontes do capítulo 2 o chamam Fordham Internet History Sourcebook). [Edição de consulta, em inglês [V-en: Robinson]; página a confirmar. Título em português: o estudo mantém *Familiares*. 1.3, 2.4.]

1. PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486. Texto latino em linha da The Latin Library, sem edição crítica indicada; citados os §§ 1, 5, 6, 7, 10, 20 e 34 (parágrafos 1–2, 17–23, 24–31, 32–34, 50–53 e 109 da numeração em linha). [Edição de consulta, em latim [V-la; edição a confirmar]; a contagem de *dignitas* (§ 10) foi feita no texto em linha. Prólogo, 1.4, 2.1, 3.1, 4.1, 5.5, 6.1, 6.5.]

1. MORE, Thomas. *Utopia*, 1516, livro II, “De religionibus Utopiensium” e “De re militari”. Texto latino em linha da The Latin Library, sem edição indicada e sem numeração (citado pela rubrica). [Edição de consulta, em latim [V-la]. 1.6, 2.8.]

1. MONTAIGNE, Michel de. *Ensaios* (*Essais*), 1580: “Ao leitor”; I, 26 (“Da educação das crianças”); I, 31 (“Dos canibais”); II, 12 (“Apologia de Raymond Sebond”); III, 2 (“Do arrepender-se”); III, 13 (“Da experiência”). Exemplar de Bordeaux, edição em linha da Wikisource (base da edição de Villey e Saulnier; a página de Villey fica a confirmar). [Edição de consulta, em francês [V-fr; página a confirmar]. 1.7, 2.2, 2.4, 2.7, 2.8, 2.11, 5.5, 6.3.]

1. SEPÚLVEDA, Juan Ginés de. *Demócrates segundo* (*Democrates alter*), c. 1545. Duas vias: seleção em *Introduction to Contemporary Civilization in the West*, 3.ª ed., Columbia University Press, 1960, vol. I, pp. 523–529, com nota introdutória de Duffy (n.º 74) [V-en]; e a edição de Á. Losada, Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1984, pp. 33 e 35, que só chega citada por Castilla Urbano (n.º 76) [V via secundária: Castilla Urbano, 2010]. [Edição de consulta, em inglês, para a seleção; intermediário, para a p. 35. Prólogo, 1.12, 3.11, 4.1, 5.5, 6.1.]

A morada cristã

1. ERASMO de Roterdã. *Paráclesis* (*Paraclesis*), 1516. Tradução inglesa anônima, Antuérpia, 1529, ed. F. Luttmer, sem numeração. [Edição de consulta, em inglês [V-en]. 1.5.]

1. ERASMO de Roterdã. Colóquio *O abade e a letrada* (*Abbatis et eruditae*). In: *The Colloquies of Erasmus*, trad. N. Bailey, ed. E. Johnson, Londres, 1878, vol. I. [Edição de consulta, em inglês [V-en: Bailey]. 1.5.]

1. ERASMO de Roterdã. *Queixa da paz* (*Querela pacis*), 1517, V e XXIII. Texto latino em linha da The Latin Library; a Fonte 3 do capítulo 4 deixa “edição de Basileia e paginação a confirmar”. [Edição de consulta, em latim [V-la; edição a confirmar]. Prólogo, 1.5, 2.6, 2.10, 3.7, 4.4, 5.5, 6.4.]

1. ERASMO de Roterdã. *Elogio da loucura* (*Moriae encomium*), 1511, § 17. Texto latino em linha da The Latin Library; quem fala é a Estultícia, não Erasmo em voz própria. [Edição de consulta, em latim [V-la]. 1.12, 3.11.]

1. ERASMO de Roterdã. Carta a Wolfgang Capito, Lovaina, 13 de março de 1518, carta 798. In: *De correspondentie van Desiderius Erasmus*, vol. V, Digitale Bibliotheek voor de Nederlandse Letteren, 2008, p. 265. [Edição de consulta, em neerlandês [V-nl]. 1.12.]

1. ERASMO de Roterdã (atribuição). Frase atribuída a Erasmo, sem obra nem edição. [Nomeada, não aberta: “atribuição a confirmar”; obra e localização: dados a completar. 1.12.]

1. MARITAIN, Jacques. *Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), 1936. Edição espanhola, Buenos Aires: Ediciones Carlos Lohlé, 1966, pp. 12 e 30 (tradutor não identificado na edição). [Intermediário, [V via secundária: Maritain, em espanhol]: o francês de 1936 não foi conferido; a p. 30 (o humanismo teocêntrico oposto ao antropocêntrico) vai em paráfrase. Prólogo, 1.1, 3.3, 3.6, 4.4, 5.4, 5.5, 6.1.]

A morada das Luzes

1. KANT, Immanuel. Que é o Esclarecimento? (*Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*), 1784. Akademie-Ausgabe, VIII, 35 e 39. [Edição de consulta, em alemão [V-de]. Prólogo, 1.8, 2.3, 3.5, 5.5, 6.1, 6.4.]

1. KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes* (*Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*), 1785. Akademie-Ausgabe, IV, 428–429, 434, 435 e 436. [Edição de consulta, em alemão [V-de]. Prólogo, 1.8, 2.1, 2.3, 3.1, 3.13, 4.13, 5.5, 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 6.5.]

1. KANT, Immanuel. *O conflito das faculdades* (*Der Streit der Fakultäten*), 1798. Akademie-Ausgabe, VII, 63, nota. [Edição de consulta, em alemão [V-de]. 3.12, 6.1, 6.3.]

1. HUMBOLDT, Wilhelm von. *Ideias para um ensaio de determinar os limites da ação do Estado* (*Ideen zu einem Versuch, die Grenzen der Wirksamkeit des Staats zu bestimmen*), cap. II. Edição de Breslau: Trewendt, 1851, fac-símile do Internet Archive. [Edição de consulta, em alemão [V-de; página a confirmar]. 1.8, 2.5, 3.4, 6.1.]

1. NIETHAMMER, Friedrich Immanuel. *A disputa entre o filantropinismo e o humanismo na teoria do ensino educativo do nosso tempo* (*Der Streit des Philanthropinismus und Humanismus in der Theorie des Erziehungs-Unterrichts unsrer Zeit*). Jena, 1808, I, 1. Excerto do German History in Documents and Images (capítulo 1); o capítulo 2 diz German History Intersections, doc. 132: a coleção fica a conferir. [Edição de consulta, em alemão [V-de; página a confirmar]. A cunhagem alemã do termo; entra na morada das Luzes por data, e a Fonte a cita em 1.1. 1.1, 2.5.]

1. BECCARIA, Cesare. *Dos delitos e das penas* (*Dei delitti e delle pene*), 1764, cap. 16, “Da tortura”. LiberLiber, 2003, a partir da edição Mursia, 1973. [Edição de consulta, em italiano [V-it; parágrafo a confirmar]. 2.9, 3.12, 6.3.]

1. MILL, John Stuart. *Sobre a liberdade* (*On Liberty*), 1859, cap. III. Standard Ebooks, a partir do texto de 1859. [Edição de consulta, em inglês [V-en; localização e § a confirmar]. 1.8, 3.7.]

1. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Lições sobre a Filosofia da História*. [Edição: dados a completar.] [Intermediário, [V via Estudo VII, 1.8]: a Fonte a lista no bloco do cânon e dos escritos; entra aqui por ser obra de autor. 5.1.]

1. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Linhas fundamentais da filosofia do direito*, § 209, Observação. [Edição: dados a completar.] [Intermediário, [V via Estudo VII, 3.1; localização a confirmar]. 5.1.]

A morada positivista e marxista

1. FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo* (*Das Wesen des Christentums*), 1841: Prefácio; I, cap. 2; I, cap. 16; “Schlußanwendung”. Edição Reclam, 1988, sem paginação, em projekt-gutenberg.org. [Edição de consulta, em alemão [V-de; página a confirmar]. 1.9.]

1. FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da filosofia do futuro*, § 21. Tradução inglesa de Hanfi, Marxists Internet Archive. [Edição de consulta, em inglês [V-en: Hanfi]; título alemão: dados a completar. 4.5.]

1. MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos* (*Ökonomisch-philosophische Manuskripte*), 1844. Duas vias: terceiro manuscrito, Marx-Engels-Werke, vol. 40, pp. 536 e 538, texto em linha do Marxists Internet Archive [V-de; tese ou localização a confirmar]; e “Crítica da dialética hegeliana”, tradução inglesa de Milligan, Marxists Internet Archive, sem paginação [V-en: Milligan]. [Edição de consulta. 1.9, 3.12, 4.5, 6.1, 6.3.]

1. MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*, 1845, tese VI. [Edição de consulta, em inglês [V-en; edição e página a confirmar]. 4.5.]

1. COMTE, Auguste. *Catecismo positivista* (*Catéchisme positiviste*), 1852: Introdução, pp. 3 e 19; terceira parte, pp. 272–273. Fac-símile do Internet Archive. [Edição de consulta, em francês [V-fr; página a confirmar]. Prólogo, 1.9, 3.2, 3.5, 3.6, 3.10, 5.5, 6.1, 6.3, 6.5.]

1. ALTHUSSER, Louis. Marxismo e humanismo (*Marxisme et humanisme*), 1964. Tradução inglesa de Brewster, Marxists Internet Archive. [Edição de consulta, em inglês [V-en: Brewster], mas citada em paráfrase, com “frase exata a confirmar”. 3.12, 4.13, 6.3.]

A morada secular organizada

1. RUSSELL, Bertrand. A adoração do homem livre (*A Free Man’s Worship*), 1903. In: *Mysticism and Logic*. Londres: Allen & Unwin, 1917. Cópia do Internet Modern History Sourcebook da Fordham, sem paginação. [Edição de consulta, em inglês [V-en; data a confirmar]. 1.10, 2.11, 6.4.]

1. HUXLEY, Julian. *Religião sem revelação* (*Religion without Revelation*). Londres e Nova York: Harper, 1927, Prefácio, pp. 9 e 18. [Edição de consulta, em inglês [V-en; página a confirmar]. 1.10.]

1. HUXLEY, Julian. *UNESCO: seu propósito e sua filosofia* (*UNESCO: Its Purpose and Its Philosophy*). Comissão Preparatória da Organização das Nações Unidas para

a Educação, a Ciência e a Cultura (é dela a sigla UNESCO que o título traz), 1946, p. 21 e seguintes. [Edição de consulta, em inglês [V-en; página a confirmar]. 1.12, 3.11, 5.5, 6.1.]

1. DEWEY, John. *Uma fé comum* (*A Common Faith*). New Haven: Yale University Press, 1934, cap. II, p. 42, e cap. III, pp. 86–87. [Edição de consulta, em inglês [V-en; página a confirmar no cap. II]. 1.10, 2.5.]

1. LAMONT, Corliss. *A filosofia do humanismo* (*The Philosophy of Humanism*), 8.ª ed. Amherst: Humanist Press, 1997: pp. 190–191 (lista) e as proposições primeira, quarta e quinta (pp. 13–15, a confirmar). [Edição de consulta, em inglês [V-en; página a confirmar]; o cabeçalho “191” interrompe a lista no item 10. 1.10, 2.3, 2.7, 3.4.]

1. *Manifesto Humanista* I (*A Humanist Manifesto*), 1933, redigido por Raymond B. Bragg; teses 5, 6, 7 e 8 e lista de 34 signatários (contagem do estudo). Texto em linha da American Humanist Association. [Edição de consulta, em inglês [V-en]. 1.10, 3.2, 3.3, 3.8, 3.10, 6.1.]

1. *Declaração de Amsterdã* (*Amsterdam Declaration*), 1952 (parágrafo inicial) e revisão de 2002, Congresso de Noordwijkerhout. Humanists International, texto em linha. [Edição de consulta, em inglês [V-en]; a lista de delegados de 1952 não foi conferida. Prólogo, 1.10, 3.7, 5.5, 6.1, 6.4.]

1. *Manifesto Humanista* II (*Humanist Manifesto II*), American Humanist Association, 1973: Prefácio de Paul Kurtz e Edwin H. Wilson; teses primeira, terceira e quinta; lista de cerca de 260 assinaturas (contagem do estudo). Texto em linha. [Edição de consulta, em inglês [V-en]. Prólogo, 1.10, 2.2, 2.3, 3.1, 3.3, 3.7, 5.5, 6.1, 6.3, 6.4, 6.5.]

1. *Manifesto Humanista* III (*Humanism and Its Aspirations*), American Humanist Association, 2003. Texto em linha. [Edição de consulta, em inglês [V-en]. 3.4.]

1. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (*Universal Declaration of Human Rights*), resolução 217 A (III) da Assembleia Geral, 10/12/1948, Preâmbulo (primeiro considerando) e art. 1. Versão oficial em português das Nações Unidas. [Edição de consulta, [V-en], com a versão oficial em português. Prólogo, 1.10, 2.1, 2.6, 3.1, 3.7, 3.13, 5.5, 6.1, 6.2, 6.3, 6.4.]

1. FERRY, Jules. Discurso na Câmara dos Deputados, 28 de julho de 1885. *Journal officiel*, texto em linha. [Edição de consulta, em francês [V-fr]. 1.12, 3.11.]

1. CLEMENCEAU, Georges. Discurso na Câmara dos Deputados, 30 de julho de 1885. *Journal officiel*. [Edição de consulta, em francês [V-fr]. 1.12.]

A morada existencialista e os críticos

1. HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo* (*Brief über den Humanismus*), 1947. Tradução inglesa de Frank A. Capuzzi (*Pathmarks*), com a paginação de *Wegmarken*, pp. 152–153, 159–161 e 172–173. [Edição de consulta, em inglês [V-en: Capuzzi; página a confirmar]; a Fonte 4 do capítulo 5 vem em paráfrase e via Estudo V, 1.2. 1.11, 3.9, 4.6, 5.1, 6.1.]

1. SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo* (*L'existentialisme est un humanisme*), 1946. Paris: Nagel, 1970, pp. 17, 22 e 46; tradução de Rita Correia Guedes. [Intermediário, [V-fr; V-pt: Guedes], via Estudo V, 1.2 e 1.5. 1.11, 3.1, 5.1.]

1. FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas* (*Les mots et les choses*). Paris: Gallimard, 1966, Avant-propos e fecho (a letra traz "on peut bien parier"). [Edição de consulta, em francês [V-fr; página a confirmar]. 1.11, 3.9.]

1. LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo del otro hombre*. Madri: Siglo XXI, 2005, pp. 110–111 e 133. [Intermediário, em espanhol [V-es], via Estudo VIII, 1.8 e 4.6. 1.11, 3.9.]

1. LEVINAS, Emmanuel. Filosofia, justiça e amor. In: *Entre nós*, tradução da editora Vozes, pp. 149–150. [Intermediário, em português [V-pt], via Estudo VIII, 4.6. 4.7.]

1. ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo*, cap. 9. [Edição: dados a completar.] [Intermediário, em inglês [V-en; página a confirmar], via Estudo XIII, 1.11. 1.11, 2.9.]

1. ARENDT, Hannah. Laudatio. Humanitas, 1958, discurso do Friedenspreis des Deutschen Buchhandels. [Edição: dados a completar.] [Edição de consulta, em alemão [V-de; página a confirmar]. 2.6, 4.9.]

1. ARENDT, Hannah. Sobre a humanidade em tempos sombrios. In: *Homens em tempos sombrios*. [Edição: dados a completar.] [Intermediário, em inglês [V-en], via Estudo XIII, 4.1. 5.1.]

1. TAYLOR, Charles. *Uma era secular* (*A Secular Age*), 2007, pp. 18, 19–20, 347 e 543. [Intermediário, em inglês [V-en], via Estudo XV, 1.10 e 4.9; o volume não foi aberto neste estudo. 1.11, 3.3, 3.6, 4.11, 4.13, 5.1.]

1. TAYLOR, Charles. *Argumentos filosóficos* (*Philosophical Arguments*). Harvard University Press, 1995, cap. 1. [Intermediário, em inglês [V-en; página a confirmar],

via Estudo XV, 1.8. 5.1.]

1. FANON, Frantz. *Os condenados da terra* (*The Wretched of the Earth*). Nova York: Grove Press, 1963, tradução de Farrington: “Sobre a cultura nacional”, p. 246, e Conclusão, p. 311. [Edição de consulta, em inglês [V-en: Farrington]. 1.11, 3.9.]

1. CAMUS, Albert. *O homem revoltado* (*L’Homme révolté*). Paris: Gallimard, 1951, cap. “L’homme révolté”; digitalização com reconhecimento óptico. [Edição de consulta, em francês [V-fr; capítulo e página a confirmar]. 4.6.]

1. MARCEL, Gabriel. *Les hommes contre l’humain*. La Colombe, 1951, p. 46. [Intermediário, em francês [V-fr; V via secundária: Duclos], pela tese de Duclos (Ottawa; n.º 77). Título em português: o estudo mantém o original. 4.10.]

1. JASPERS, Karl. Über Bedingungen und Möglichkeiten eines neuen Humanismus (Genebra, 1949). In: *Rechenschaft und Ausblick*. Piper, 1951, pp. 265–292 (267–268, 284 e 286). [Intermediário, [V via secundária: Periša] e em paráfrase, pelo artigo de Periša (n.º 78). 4.10.]

1. RADHAKRISHNAN, Sarvepalli. *The Hindu View of Life*. Allen & Unwin, 1926 (Upton Lectures), p. 18. [Edição de consulta, em inglês [V-en]; “humanismo religioso”: tese a confirmar. Título em português: o estudo mantém o original. 4.12.]

1. KIERKEGAARD, Søren. A multidão é a inverdade, 1846–1847. Tradução inglesa de Bellinger, Christian Classics Ethereal Library. [Edição de consulta, em inglês [V-en: Bellinger]. 4.13.]

1. SPINOZA, Baruch. *Ética* (*Ethica*), IV, 35 (escólio e corolário I) e IV, 67. [Edição de consulta, em latim [V-la]; a edição em linha não é indicada. 4.13.]

1. PASCAL, Blaise. *Pensées*, ed. Jules Didiot. Desclée de Brouwer, 1896, cap. III, pp. 50–51, e cap. II, “De la confusion de Montaigne”. [Edição de consulta, em francês [V-fr: Didiot; numeração a confirmar]: as equivalências Lafuma 131 e Brunschvicg 434, e Lafuma 780 e Brunschvicg 62, ficam a confirmar. 4.13.]

A tradição

1. KOHL, Benjamin G. The changing concept of the studia humanitatis in the early Renaissance, 1992. [Veículo e página: dados a completar.] [Intermediário, [V via secundária: Kohl; página a confirmar]: a expressão *studia humanitatis* a partir do *Pro Archia*, popularizada por Salutati na década de 1370. 1.1, 2.5.]

1. KRISTELLER, Paul Oskar. [Obra e página: a confirmar.] [Intermediário, [V via secundária: Kristeller; obra e página a confirmar]: o humanismo renascentista como

programa de cultura retórica e literária, não como filosofia. 1.3.]

1. HANKINS, [prenome: dados a completar]. [Obra e página a confirmar.] [Intermediário, [V via secundária: Hankins]: signatário do *Manifesto Humanista* I e crítico do nordicismo em *The Racial Basis of Civilization* (1926). 1.12.]

1. COPENHAVER, Brian P. Giovanni Pico della Mirandola. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, revisto em 21 de agosto de 2024, §§ 2.1 e 2.4 (“Oratory but not Dignity”). [Intermediário, [V via secundária: Copenhaver]; o texto nunca foi proferido nem publicado em vida (§ 2.1, em paráfrase); a *Oratio* “foi escrita, e ainda está sendo escrita, por nós, pós-kantianos”. Prólogo, 1.4, 6.1.]

1. NAUTA, Lodi. Lorenzo Valla. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, revisto em 2026, sobre o *De voluptate* (1431). [Intermediário, [V via secundária: Nauta], em paráfrase; localização a confirmar. 1.3, 2.7.]

1. RUMMEL, Erika. Erasmus. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, revisto em 19 de setembro de 2025, § 2. [Intermediário, [V via secundária: Rummel]. 1.5, 2.8.]

1. FOGLIA, Marc; FERRARI, Emiliano. Michel de Montaigne. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, revisto em 8 de agosto de 2026. [Intermediário, [V via secundária: Foglia e Ferrari]. 1.7.]

1. CASINI, Lorenzo. Juan Luis Vives. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, revisto em 2025; e The National Archives (Reino Unido), recurso “Medieval women”. Para Vives, *A educação da mulher cristã* (*De institutione feminae Christianae*), 1524, e Christine de Pizan, *A cidade das damas* (*Le livre de la Cité des dames*), 1405. [Intermediário, [V via secundária: Casini]; em paráfrase. 1.12.]

1. LUTERO, Martinho. *Sobre o arbítrio servo* (*De servo arbitrio*), 1525, seções XXXVIII e XLI (esta, citando Erasmo, *Sobre o livre-arbítrio*, *De libero arbitrio*, 1524). Tradução inglesa do Christian Classics Ethereal Library. [Seção XXXVIII: [V-en]; seção XLI: intermediário, [V via secundária: Lutero]. 1.5.]

1. COPSON, Andrew. What Is Humanism? In: COPSON, Andrew; GRAYLING, A. C. (orgs.). *The Wiley Blackwell Handbook of Humanism*. Wiley, 2015, p. 5 e p. 6, n. 26. [Edição de consulta, em inglês [V-en]; a p. 5 vai em paráfrase. 1.1, 1.10.]

1. DUFFY, [prenome: dados a completar]. Nota introdutória a Sepúlveda. In: *Introduction to Contemporary Civilization in the West*, 3.ª ed. Columbia University Press, 1960. [Intermediário, [V via secundária: Duffy]. 1.12.]

1. O’GORMAN, Edmundo. Estudo introdutório (preliminar) a Las Casas, *Apologética historia sumaria*. Universidad Nacional Autónoma de México, 1967, t. I, pp. XLI–

XLII, com apoio em Cícero, *De legibus* I. [Intermediário, [V via secundária: O’Gorman]; em paráfrase; página a confirmar. O título de Las Casas está grafado de dois modos nas Fontes (1.12: “historia sumaria”; 4.4: “história sumária”): uniformizar. 1.12, 4.4.]

1. CASTILLA URBANO, Francisco. [Título: dados a completar.] *Pensamiento*, Madri, v. 66, n.º 247, 2010, pp. 83–107. [Intermediário, [V via secundária: Castilla Urbano, 2010], para a p. 35 do *Demócrates segundo* (n.º 11). Citado nas seções: Prólogo, 1.12, 3.11, 4.1, , 6.1, .]

1. DUCLOS, [prenome: dados a completar]. [Título: dados a completar.] Tese. Ottawa: [universidade: dados a completar]. [Intermediário, [V via secundária: Duclos], de Marcel, p. 46 (n.º 58). 4.10.]

1. PERIŠA, [prenome: dados a completar]. Humanizam i sloboda kod Karla Jaspersa. Hrčak. [Ano e veículo: dados a completar.] [Intermediário, [V via secundária: Periša], de Jaspers (n.º 59). 4.10.]

1. DARUI LONG. Humanistic Buddhism from Venerable Tai Xu to Grand Master Hsing Yun. *Hsi Lai Journal of Humanistic Buddhism*, [cidade a completar], v. 1, 2000, pp. 53–84. [Intermediário, [V via secundária: Darui Long]; em paráfrase. A Fonte a lista no bloco “O humanismo”; entra aqui por ser leitura de um intérprete. 4.12.]

1. HUXLEY, Julian. Presidência da British Eugenics Society (1959–1962). [Dado biográfico, não obra: “tese a confirmar”; fonte do dado: dados a completar. 1.12.]

1. STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Os verbetes citados são os de Copenhaver (n.º 67), Nauta (n.º 68), Rummel (n.º 69), Foglia e Ferrari (n.º 70) e Casini (n.º 71); cada um entra pelo nome do autor. [Esta entrada não é obra distinta: serve só para a remissão.]

O cânon e os escritos

1. LUMEN FLUENS. *Cânon do Lumen Fluens*, versão 1.2. Agosto de 2026. [Autoridade final; carregado da bibliografia do Estudo XV, porque as Fontes deste estudo só dão a versão. Seções citadas: “Os Quatro Pilares” (I, Lux; II, Flumen; III, Mutatio; IV, Corpus); “A Bússola”; “As Águas Comuns”; “A Vigília”; “A Regra da Misericórdia”; “Independência confessional”; Parte II, “Tom e estilo”; “Regra de Vida” (Ritmo diário, Ritmo semanal e Ritmo de estação). Prólogo, 1.13, 2.1, 2.2, 2.3, 2.4, 2.5, 2.6, 2.7, 2.10, 2.11, 3.1, 3.2, 3.3, 3.4, 3.5, 3.6, 3.7, 3.8, 3.13, 4.1, 4.4, 4.9, 5.3, 5.5, 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 6.5.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Luz Interior*. [Seção citada: “Fundamentação”. 2.1, 3.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Vigília*. [Seções citadas: “Definição” e “Objeção provável e resposta breve” (segunda objeção); a Fonte 38 do capítulo 6 cita o tratado sem seção. 2.11, 3.5, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado das Águas Comuns*. [Seções citadas: “Definição” e “Fundamentação”. 2.6, 3.7, 3.13, 6.2, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Disputatio sobre a luz interior e o mal*. [Seções citadas: “2. Sed contra” e “4. Ad tertium”. 2.7, 2.10, 3.5, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Catecismo*. Validado em 18/10/2026 (data tirada da bibliografia do Estudo XV). [Citadas as perguntas 5, 6, 17, 20, 24 e 27. Prólogo, 1.13, 2.1, 2.2, 2.3, 3.5, 3.6, 3.13, 4.6, 5.3, 5.5, 6.2, 6.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Meditações Práticas*. [Citada “O Examinar da noite” (2.4); nas contagens de vocabulário, o conjunto dos escritos. 2.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Glossário*. Versão 1.0, validada em 4/11/2026 (data tirada da bibliografia do Estudo XV). [Nomeado só nas contagens de vocabulário do estudo (“humanismo”, “humano”, “dignidade”, “consciência”, “razão”, “liberdade”, “universal”, “indivíduo”, “pessoa”, “transcendência”, “autonomia” e “Deus”), junto com o Cânon, o Catecismo, os Tratados, a Disputatio e as Meditações; nenhuma passagem é citada. Contagens: 1.13, 4.13, 4.14.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado I*. Versão 1.1, 3/11/2026. [Validação: decisões do fundador de 03/11/2026. Só pela lista de decisões. Citado pelas seções do presente estudo: 4.12.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado II*. Versão 1.1, 3/11/2026. [Validação: decisões do fundador de 03/11/2026. Seções do Estudo citadas: 2.8. Citado pelas seções do presente estudo: 4.2, 5.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado III*. Versão de 4/11/2026. [Validação: decisões do fundador de 04/11/2026. Seções do Estudo citadas: 1.4, 2.1, 3.1, 6.3. Citado pelas seções do presente estudo: 4.4, 5.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IV*. Versão de 4/11/2026. [Validação: decisões do fundador de 04/11/2026. Só pela lista de decisões. Citado pelas seções do presente estudo: 4.12.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado V*. Versão de 6/11/2026. [Validação: decisões do fundador de 06/11/2026. Seções do Estudo citadas: 1.2, 1.5, 6.2. Citado pelas seções do presente estudo: 3.1, 4.6, 4.13, 5.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VI*. Versão de 6/11/2026. [Validação: decisões do fundador de 06/11/2026. Só pela lista de decisões. Citado pelas seções do presente estudo: 4.12.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VII*. Sem linha de versão. [Validação: decisões do fundador de 17/10/2026. Seções do Estudo citadas: 1.5, 1.8, 2.4, 3.1. Citado pelas seções do presente estudo: 2.5, 4.5, 5.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VIII*. Versão de 19/10/2026. [Validação: decisões do fundador de 19/10/2026. Seções do Estudo citadas: 1.8, 4.6. Citado pelas seções do presente estudo: 3.9, 4.7.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IX*. Versão 1.1 de 23/10/2026 (1.0 em 22/10). [Validação: decisões do fundador de 23/10/2026. Só pela lista de decisões. Citado pelas seções do presente estudo: 4.8.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado X*. Versão de 23/10/2026. [Validação: decisões do fundador de 23/10/2026. Seções do Estudo citadas: 6.2. Citado pelas seções do presente estudo: 4.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XI*. Versão de 31/10/2026 (1.0 em 30/10). [Validação: decisões do fundador de 31/10/2026. Seções do Estudo citadas: 1.11, 3.7. Citado pelas seções do presente estudo: 4.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XII*. Versão de 31/10/2026 (1.0 em 30/10). [Validação: decisões do fundador de 31/10/2026. Seções do Estudo citadas: 1.4, 2.2. Citado pelas seções do presente estudo: 4.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XIII*. Versão de 31/10/2026. [Validação: decisões do fundador de 31/10/2026. Seções do Estudo citadas: 1.2, 1.11, 4.1, 5.2. Citado pelas seções do presente estudo: 2.9, 4.9, 5.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XIV*. Versão 1.1 de 12/11/2026 (1.0, para validação, na mesma data). [Validação: decisões do fundador de 12/11/2026. Seções do Estudo citadas: 2.14, 3.12, 4.3. Citado pelas seções do presente estudo: 4.10.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XV*. [versão: dados a completar]. [Validação: decisões do fundador de 20/11/2026. Seções do Estudo citadas: 1.8, 1.10, 3.8, 3.9, 4.5, 4.8, 4.9, 5.5, 6.2. Citado pelas seções do presente estudo: 3.3, 3.6, 4.6, 4.11, 4.13, 5.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 17/10/2026* (Estudo VII). [N.º 1 e 3. Prólogo, 3.7, 3.13, 4.5, 5.2, 6.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 19/10/2026* (Estudo VIII). [N.º 1. 4.7.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026* (Estudo IX). [N.º 1, 2 e 3. 2.10, 4.8, 5.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026* (Estudo X). [N.º 1, 2, 3, 6 e 7. Prólogo, 2.3, 2.7, 3.2, 3.5, 4.1, 5.2, 6.1, 6.2, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026* (Estudo XI). [N.º 1 e 7. 1.12, 3.11, 4.1, 5.2, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026* (Estudo XII). [N.º 1, 2 e 6. 1.12, 2.8, 2.9, 3.11, 4.3, 5.2, 6.1, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026* (Estudo XIII). [N.º 1, 4, 8, 9 e 11. Prólogo, 2.9, 3.8, 3.11, 3.13, 4.9, 6.1, 6.2, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026* (Estudo I). [N.º 1 e 6. 2.11, 4.12, 5.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026* (Estudo II). [N.º 1, 7 e 11. 2.11, 3.5, 4.2, 5.2, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 04/11/2026* (Estudo III). [N.º 1, 2, 9 e 11. 2.1, 2.9, 4.4, 5.2, 5.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 04/11/2026* (Estudo IV). [N.º 1 e 2. 3.2, 4.12, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 04/11/2026* (Estudos III e IV). [N.º 11. 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 06/11/2026* (Estudo V). [N.º 1, 6, 9 e 12. Prólogo, 1.11, 2.3, 3.1, 3.10, 3.12, 3.13, 4.6, 4.13, 5.1, 5.2, 6.1, 6.2, 6.3, 6.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 06/11/2026* (Estudo VI). [N.º 1 e 4. 3.2, 4.12.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 06/11/2026* (Estudos V e VI). [N.º 11. 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 12/11/2026* (Estudo XIV). [N.º 1, 8, 9 e 11. Prólogo, 1.13, 2.2, 2.6, 2.7, 3.3, 3.6, 3.13, 4.10, 5.1, 5.2, 6.1, 6.2, 6.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 20/11/2026* (Estudo XV). [N.º 1, 3, 8, 10 e 12. Prólogo, 2.4, 3.6, 3.13, 4.11, 5.2, 6.2, 6.3, 6.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisão do fundador de 21/11/2026* sobre a ordem da série. [Sem número: o humanismo passa a XVI, como casa inteira, e Kierkegaard, Spinoza, Kant e Pascal descem para XVII a XX. Prólogo, 6.4.]

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO

Nos apêndices, as seções são numeradas como na edição de leitura (Prólogo e capítulos 1 a 6); nesta edição, some-se 1 ao número do capítulo (1.8 da edição de leitura = 2.8 desta).

Prólogo

O humanismo

1. Prólogo · *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (*Universal Declaration of Human Rights*), Organização das Nações Unidas, 1948, Preâmbulo, primeiro considerando · “dignidade inerente a todos os membros da família humana” · «inherent dignity and of the equal and inalienable rights of all members of the human family» · [V-en; versão oficial das Nações Unidas em português]
2. Prólogo · Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes* (*Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*), 1785, Akademie-Ausgabe, IV, 434 · “ou um preço ou uma dignidade” · «Im Reiche der Zwecke hat alles entweder einen Preis, oder eine Würde» · [V-de]
3. Prólogo · Kant, *Fundamentação*, 1785, Akademie-Ausgabe, IV, 436 · “fundamento da dignidade da natureza humana” · «Autonomie ist also der Grund der Würde der menschlichen und jeder vernünftigen Natur» · [V-de]
4. Prólogo · Platão, *Teeteto*, 152a (Protágoras) · “o homem é a medida de todas as coisas” · «πάντων χρημάτων μέτρον ἄνθρωπον εἶναι» · [V-gr]
5. Prólogo · Comte, *Catecismo positivista* (*Catéchisme positiviste*), 1852, terceira parte, pp. 272–273 · “substituindo nele Deus pela Humanidade” · «en y remplaçant Dieu par l’Humanité» · [V-fr]
6. Prólogo · *Declaração de Amsterdã* (*Amsterdam Declaration*), Humanists International, revisão de 2002 · “a moral é parte intrínseca da natureza humana […] sem necessitar de sanção externa” · «morality is an intrinsic part of human nature based on understanding and a concern for others, needing no external sanction» · [V-en]
7. Prólogo · Kant, “Que é o Esclarecimento?” (*Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*), 1784, Akademie-Ausgabe, VIII, 35 · “um pastor de almas que tem consciência por mim” · «einen Seelsorger, der für mich Gewissen hat» · [V-de]
8. Prólogo · Erasmo, *Queixa da paz* (*Querela pacis*), 1517, V · “o nome comum de homem” · «commune hominis vocabulum» · [V-la]
9. Prólogo · Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486, § 5 · “na forma que preferires” · «in quam malueris tute formam effingas» · [V-la; edição a confirmar]
10. Prólogo · Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem*, 1486, § 6 · ter o que deseja, ser o que quer · «Cui datum id habere quod optat, id esse quod velit» · [V-la; edição a confirmar]
11. Prólogo · Sepúlveda, *Demócrates segundo* (*Democrates alter*), c. 1545, ed. Losada, 1984, p. 35 · “homenzinhos [*homunculos*] nos quais mal se podem encontrar restos de humanidade” · «hombrecillos [homunculos] en los que apenas se pueden encontrar restos de humanidad» · [V via secundária: Castilla Urbano, 2010]
12. Prólogo · *Manifesto Humanista* II (*Humanist Manifesto II*), American Humanist Association, 1973, primeira tese · “começamos com os humanos, não com Deus” · «we

begin with humans not God» · [V-en]

13. Prólogo · Maritain, *Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), edição espanhola, Buenos Aires: Lohlé, 1966, p. 30 · o humanismo teocêntrico oposto ao antropocêntrico · «—» · [paráfrase; V via secundária: Maritain, em espanhol]
14. Prólogo · *Manifesto Humanista* III (*Humanism and Its Aspirations*), American Humanist Association, 2003 · “Aceitamos nossa vida como o todo e o bastante” · «We accept our life as all and enough» · [V-en]

A tradição

1. Prólogo · Copenhaver, “Giovanni Pico della Mirandola”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy* · a *Oratio* da dignidade “foi escrita, e ainda está sendo escrita, por nós, pós-kantianos, não por Giovanni Pico” · «—» · [V via secundária: Copenhaver]

O cânon e os escritos

1. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I (Lux) · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela” · — · «—» · [letra do cânon]
2. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II (Flumen) · “Ninguém começa do zero” · — · «—» · [letra do cânon]
3. Prólogo · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” · — · «—» · [letra do cânon]
4. Prólogo · Cânon v1.2, Parte II, “Tom e estilo” · “nunca apresentar a filosofia como pertencente ou contrária a uma religião” · — · «—» · [letra do cânon]
5. Prólogo · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta” · — · «—» · [letra do cânon]
6. Prólogo · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”; “pessoal, nunca individual” · — · «—» · [letra do cânon]
7. Prólogo · Cânon v1.2, “A Vigília” · “promete presença, não vitória” · — · «—» · [letra do cânon]
8. Prólogo · Catecismo, 24 · “A decisão é sempre de quem caminha” · — · «—» · [escrito do cânon]
9. Prólogo · Catecismo, 5 e 27 · “pode ser vivida por quem crê e por quem não crê”; “não é preciso nenhum nome religioso para ser fiel à luz” · — · «—» · [escrito do cânon]
10. Prólogo · decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · a luz “dada antes de qualquer relação” · — · «—» · [decisão do fundador]
11. Prólogo · decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a hipótese do VII “registrada como leitura” · — · «—» · [decisão do fundador]
12. Prólogo · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “a fonte continua sem nome no cânon” · — · «—» · [decisão do fundador]
13. Prólogo · decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção”; “a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado” · — · «—» · [decisão do fundador]
14. Prólogo · decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux; “atemporal” é letra · — · «—» · [decisão do fundador]

15. Prólogo · decisões n.º 1 e n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · a Lux não se nomeia por contraste; o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico · — · «—» · [decisão do fundador]
16. Prólogo · decisão n.º 1 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV · a recusa é “do nome, não da fonte” · — · «—» · [decisão do fundador]
17. Prólogo · decisão do fundador de 21/11/2026 sobre a ordem da série · o humanismo passa a XVI, como casa inteira; Kierkegaard, Spinoza, Kant e Pascal descem para XVII a XX · — · «—» · [decisão do fundador]

Capítulo 1 — O humanismo em sua melhor forma

O humanismo

1. 1.1 · Gélio, *Noites áticas* (*Noctes Atticae*), XIII, 17, 1, The Latin Library · “quase o que os gregos chamam *paideía*, e nós dizemos instrução e formação nas boas artes” · «id propemodum, quod Graeci paideian vocant, nos eruditionem institutionemque in bonas artis dicimus» · [V-la; edição a confirmar]
2. 1.1 · Cícero, *Em defesa do poeta Árquias* (*Pro Archia poeta*), 2, The Latin Library · “artes que dizem respeito à humanidade” · «artes, quae ad humanitatem pertinent» · [V-la]
3. 1.1 · Niethammer, *Der Streit des Philanthropinismus und Humanismus in der Theorie des Erziehungs-Unterrichts unsrer Zeit*, Jena, 1808, I, 1, excerto do German History in Documents and Images · “O ensino de formação tem um fim próprio, existente por si, a formação geral do homem” · «Der Erziehungsunterricht hat einen eignen für sich bestehenden Zweck, allgemeine Bildung des Menschen.» · [V-de; página a confirmar]
4. 1.1 · Maritain, *Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), 1936, edição espanhola, Ediciones Carlos Lohlé, Buenos Aires, 1966, p. 12 · “a palavra humanismo é um vocábulo ambíguo” · «la palabra humanismo es un vocablo ambiguo» · [V via secundária: Maritain, em espanhol]
5. 1.2 · Terêncio, *Heautontimorumenos*, v. 77 (numeração corrente), The Latin Library · “sou homem: nada do que é humano julgo alheio a mim” · «homo sum: humani nil a me alienum puto» · [V-la]
6. 1.2 · Sêneca, *Cartas a Lucílio* (*Epistulae ad Lucilium*), 95, 52–53, texto latino da Wikisource latina, sem edição crítica · “somos membros de um grande corpo. A natureza nos fez parentes, ao nos gerar dos mesmos [elementos] e para os mesmos [fins]” · «membra sumus corporis magni. Natura nos cognatos edidit, cum ex isdem et in eadem gigneret» · [V-la; edição a confirmar]
7. 1.2 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 95, 33, texto latino da Wikisource latina, sem edição crítica · “O homem, coisa sagrada para o homem, já é morto por jogo e brincadeira” · «Homo, sacra res homini, iam per lusum ac iocum occiditur» · [V-la; edição a confirmar]
8. 1.2 · Cícero, *Sobre os deveres* (*De officiis*), I, 50, The Latin Library · “O vínculo [da sociedade de todo o gênero humano] é a razão e a palavra, que, ensinando, aprendendo, comunicando, discutindo, julgando, reúne os homens entre si” · «Eius autem vinculum est ratio et oratio, quae docendo, discendo, communicando, disceptando, iudicando conciliat inter se homines» · [V-la]
9. 1.2 · Cícero, *Sobre os deveres*, III, 27, The Latin Library · “um homem, quem quer que seja, queira o bem de outro homem pela única razão de que este é homem” · «ut homo homini, quicumque sit, ob eam ipsam causam, quod is homo sit, consultum velit» · [V-la]

10. 1.2 · Platão, *Teeteto*, 152a (Sócrates cita Protágoras), Wikisource grega, edição não indicada · “o homem é a medida de todas as coisas: das que são, que são; das que não são, que não são” · «πάντων χρημάτων μέτρον ἄνθρωπον εἶναι, τῶν μὲν ὄντων ὡς ἔστι, τῶν δὲ μὴ ὄντων ὡς οὐκ ἔστιν» · [V-gr]
11. 1.3 · Petrarca, *Familiares*, IV, 1, a Dionigi da Borgo San Sepolcro, trad. J. H. Robinson, Internet Medieval Sourcebook da Fordham · “E os homens vão admirar os cumes das montanhas, e as grandes ondas do mar, e o vasto curso dos rios, e a volta do oceano, e a revolução dos astros, e a si mesmos não consideram” · «And men go about to wonder at the heights of the mountains, and the mighty waves of the sea, and the wide sweep of rivers, and the circuit of the ocean, and the revolution of the stars, but themselves they consider not» · [V-en: Robinson; página a confirmar]
12. 1.3 · Petrarca, *Familiares*, IV, 1, trad. Robinson · “que nada é admirável senão a alma, a qual, quando é grande, nada encontra de grande fora de si” · «that nothing is wonderful but the soul, which, when great itself, finds nothing great outside itself» · [V-en: Robinson; página a confirmar]
13. 1.3 · Petrarca, *Familiares*, IV, 1, trad. Robinson · “voltei para mim o olhar interior” · «I turned my inward eye upon myself» · [V-en: Robinson; página a confirmar]
14. 1.4 · Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486, texto latino da Latin Library, sem edição crítica, § 1, pars. 1–2 · “Grande milagre, ó Asclépio, é o homem” · «Magnum, o Asclepi, miraculum est homo» · [V-la; edição a confirmar]
15. 1.4 · Pico, *Discurso*, § 5, pars. 17–18 · “Nem lugar certo, nem rosto próprio, nem dom algum peculiar te demos, ó Adão, para que o lugar, o rosto, os dons que tu mesmo desejares, os tenhas e possuas segundo o teu voto e o teu parecer” · «Nec certam sedem, nec propriam faciem, nec munus ullum peculiare tibi dedimus, o Adam, ut quam sedem, quam faciem, quae munera tute optaveris, ea, pro voto, pro tua sententia, habeas et possideas» · [V-la; edição a confirmar]
16. 1.4 · Pico, *Discurso*, § 5, pars. 19–23 · “Tu, não coagido por limite algum, defini-la-ás para ti, segundo o teu arbítrio” · «Tu, nullis angustiis cohercitus, pro tuo arbitrio […] tibi illam prefinies» · [V-la; edição a confirmar]
17. 1.4 · Pico, *Discurso*, § 5, pars. 19–23 · “para que, de ti mesmo quase árbitro e honrado escultor e plasmador, te modeles na forma que preferires” · «ut tui ipsius quasi arbitrarius honorariusque plastes et fictor, in quam malueris tute formam effingas» · [V-la; edição a confirmar]
18. 1.4 · Pico, *Discurso*, § 6, pars. 24–31 · “A quem foi dado ter o que deseja, ser o que quer” · «Cui datum id habere quod optat, id esse quod velit» · [V-la; edição a confirmar]
19. 1.4 · Pico, *Discurso*, § 6 · “as que cada um cultivar” · «Quae quisque excoluerit» · [V-la; edição a confirmar]
20. 1.4 · Pico, *Discurso*, § 6 · “se recolher no centro da sua unidade, feito um só espírito com Deus” · «in unitatis centrum suae se receperit, unus cum Deo spiritus factus» · [V-la; edição a confirmar]
21. 1.4 · Pico, *Discurso*, § 7, pars. 32–34 · “Quem não admirará este nosso camaleão?” · «Quis hunc nostrum chamaeleonta non admiretur?» · [V-la; edição a confirmar]
22. 1.4 · Pico, *Discurso*, § 10, pars. 50–53 · “na dignidade e na glória” · «horum nos iam cedere nescii et secundarum impatientes et dignitatem et gloriam emulemur» · [V-la; edição a confirmar; contagem de *dignitas* feita no texto em linha]

23. 1.4 · Pico, *Discurso*, § 20, par. 109 · “as vantagens e a dignidade” · «liberalium artium et emolumenta nobis et dignitatem ostendit» · [V-la; edição a confirmar]
24. 1.5 · Erasmo, *Paráclesis* (*Paraclesis*), 1516, trad. inglesa anônima, Antuérpia, 1529, ed. F. Luttmer, sem numeração · “Esta filosofia frutuosa […] aplica-se por igual a todos os homens. […] Ela não recusa idade, nem gênero, nem fortuna, nem estado ou condição” · «—» · [V-en]
25. 1.5 · Erasmo, *Paráclesis*, trad. inglesa de 1529 · “Eu quisera que todas as mulheres lessem o Evangelho e as epístolas de Paulo, e prouvesse a Deus que fossem traduzidos para as línguas de todos os homens” · «—» · [V-en]
26. 1.5 · Erasmo, colóquio *O abade e a letrada* (*Abbatis et eruditae*), em *The Colloquies of Erasmus*, trad. N. Bailey, ed. E. Johnson, Londres, 1878, vol. I · “pelos bens da mente” · «—» · [V-en: Bailey]
27. 1.5 · Erasmo, *Queixa da paz* (*Querela pacis*), 1517, V, texto latino da Latin Library · “Ainda que nada mais se tivesse acrescentado, bastava o nome comum de homem para que os homens se entendessem” · «Ut nihil etiam accesserit, satis erat commune hominis vocabulum, ut inter homines conveniret» · [V-la]
28. 1.5 · Erasmo, *Queixa da paz*, XXIII · “Por que não antes queres bem, homem ao homem? Cristão ao cristão? Por que uma coisa frívola pode mais junto deles do que tantos laços da natureza? tantos vínculos de Cristo?” · «Cur non potius bene vis homo homini? Christianus Christiano? Cur res frivola plus apud istos potest, quam tot naturae nexus? tot Christi vincula?» · [V-la]
29. 1.6 · More, *Utopia*, 1516, II, “De religionibus Utopiensium”, texto latino da Latin Library, sem edição indicada · “decretou antes de tudo que seja lícito a cada um seguir a religião que lhe aprouver” · «in primis sanxit, uti quam cuique religionem libeat sequi liceat» · [V-la]
30. 1.6 · More, *Utopia*, II, “De religionibus Utopiensium” · “com razões, com brandura e modéstia” · «placide, ac modeste suam rationibus astruat» · [V-la]
31. 1.6 · More, *Utopia*, II, “De religionibus Utopiensium” · “como quem não sabe se Deus, desejando culto vário e múltiplo, inspira uma coisa a um e outra a outro” · «velut incertum habens, an varium ac multiplicem expetens cultum deus, aliud inspiret alii» · [V-la]
32. 1.6 · More, *Utopia*, II, “De religionibus Utopiensium” · “proibiu santa e severamente que alguém degenere tanto da dignidade da natureza humana a ponto de pensar que as almas morrem com o corpo ou que o mundo anda ao acaso” · «sancte ac severe vetuit, ne quis usque adeo ab humanae naturae dignitate degeneret, ut animas quoque interire cum corpore, aut mundum temere ferri […] putet» · [V-la]
33. 1.6 · More, *Utopia*, II, “De religionibus Utopiensium” · “nem sequer o contam no número dos homens” · «ne in hominum quidem ducunt numero» · [V-la]
34. 1.6 · More, *Utopia*, II, “De religionibus Utopiensium” · “mas a nenhum suplício o submetem” · «nullo afficiunt supplicio» · [V-la]
35. 1.6 · More, *Utopia*, II · “assim chamam os condenados” · «et servos item—sic enim damnatos vocant—arma contingere» · [V-la]
36. 1.6 · More, *Utopia*, II, “De re militari” · “coisa plenamente bestial” · «bellum utpote rem plane beluinam» · [V-la]
37. 1.6 · More, *Utopia*, II, “De re militari” · “não só os homens, mas também as mulheres” · «neque id viri modo, sed feminae quoque» · [V-la]
38. 1.6 · More, *Utopia*, II · “como mais fracas, tratam das mais leves” · «hae velut imbecilliores, leviora tractant» · [V-la]

39. 1.7 · Montaigne, *Ensaios* (*Essais*), “Ao leitor”, 1580, Exemplar de Bordeaux, edição em linha da Wikisource · “É aqui um livro de boa-fé, leitor. […] é a mim que pinto. […] Assim, leitor, eu mesmo sou a matéria do meu livro” · «C’Est icy vn liure de bonne foy, lecteur. […] car c’est moy que ie peins. […] Ainsi, lecteur, ie suis moy-mesmes la matiere de mon liure» · [V-fr; página a confirmar]
40. 1.7 · Montaigne, *Ensaios*, III, 2, “Do arrepender-se” · “Não pinto o ser. Pinto a passagem” · «Je ne peints pas l’estre. Je peints le passage» · [V-fr; página a confirmar]
41. 1.7 · Montaigne, *Ensaios*, III, 2 · “a minha consciência se contenta consigo: não como a consciência de um anjo ou de um cavalo, mas como a consciência de um homem” · «ma conscience se contente de soy : non comme de la conscience d’un ange ou d’un cheval, mais comme de la conscience d’un homme» · [V-fr; página a confirmar]
42. 1.7 · Montaigne, *Ensaios*, I, 26, “Da educação das crianças” · “Saber de cor não é saber” · «Sçavoir par cœur n’est pas sçavoir» · [V-fr; página a confirmar]
43. 1.7 · Montaigne, *Ensaios*, I, 26 · “Não é uma alma, não é um corpo que se adestra: é um homem; não se deve fazer dele dois” · «Ce n’est pas une ame, ce n’est pas un corps qu’on dresse : c’est un homme ; il n’en faut pas faire à deux.» · [V-fr; página a confirmar]
44. 1.7 · Montaigne, *Ensaios*, II, 12, “Apologia de Raymond Sebond” · “A presunção é a nossa doença natural e originária. A mais calamitosa e frágil de todas as criaturas é o homem, e ao mesmo tempo a mais orgulhosa” · «La presomption est nostre maladie naturelle et originelle. La plus calamiteuse et fragile de toutes les creatures c’est l’homme, et quant et quant, la plus orgueilleuse.» · [V-fr; página a confirmar]
45. 1.7 · Montaigne, *Ensaios*, II, 12 · “Que sei eu?” · «Que sçay-je ?» · [V-fr; página a confirmar]
46. 1.7 · Montaigne, *Ensaios*, II, 12 · “quem sabe se ela não passa o tempo comigo mais do que eu com ela?” · «qui sçait, si elle passe son temps de moy plus que je ne fay d’elle ?» · [V-fr; página a confirmar]
47. 1.7 · Montaigne, *Ensaios*, III, 13, “Da experiência” · “Não há nada tão belo e legítimo quanto fazer bem e devidamente o homem” · «Il n’est rien si beau et legitime que de faire bien l’homme et deuement» · [V-fr; página a confirmar]
48. 1.7 · Montaigne, *Ensaios*, III, 13 · “É uma absoluta perfeição, e como divina, saber gozar lealmente do seu ser” · «C’est une absolue perfection, et comme divine, de scavoyr jouyr loiallement de son estre.» · [V-fr; página a confirmar]
49. 1.8 · Kant, “Que é o Esclarecimento?” (*Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*), 1784, Akademie-Ausgabe, VIII, 35 · “O Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado” · «Aufklärung ist der Ausgang des Menschen aus seiner selbst verschuldeten Unmündigkeit» · [V-de]
50. 1.8 · Kant, “Que é o Esclarecimento?”, Akademie-Ausgabe, VIII, 35 · “*Sapere aude!* Tem a coragem de te servires de teu próprio entendimento!” · «sapere aude! habe Muth dich deines eigenen Verstandes zu bedienen!» · [V-de]
51. 1.8 · Kant, “Que é o Esclarecimento?”, Akademie-Ausgabe, VIII, 35 · “um pastor de almas que tem consciência por mim” · «einen Seelsorger, der für mich Gewissen hat» · [V-de]
52. 1.8 · Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes* (*Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*), Akademie-Ausgabe, IV, 428 · “o homem e, em geral, todo ser racional existe como fim em si mesmo” · «der Mensch und überhaupt jedes vernünftige Wesen existirt als Zweck an sich selbst» · [V-de]

53. 1.8 · Kant, *Fundamentação*, Akademie-Ausgabe, IV, 434 · “No reino dos fins tudo tem ou um preço ou uma dignidade” · «Im Reiche der Zwecke hat alles entweder einen Preis, oder eine Würde» · [V-de]
54. 1.8 · Kant, *Fundamentação*, Akademie-Ausgabe, IV, 435 · “a humanidade enquanto capaz dela” · «Sittlichkeit und die Menschheit, so fern sie derselben fähig ist, dasjenige, was allein Würde hat» · [V-de]
55. 1.8 · Kant, *Fundamentação*, Akademie-Ausgabe, IV, 436 · “A autonomia é, pois, o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda natureza racional” · «Autonomie ist also der Grund der Würde der menschlichen und jeder vernünftigen Natur» · [V-de]
56. 1.8 · Humboldt, *Ideias para um ensaio de determinar os limites da ação do Estado* (*Ideen zu einem Versuch, die Grenzen der Wirksamkeit des Staats zu bestimmen*), cap. II, ed. Breslau, Trewendt, 1851, fac-símile do Internet Archive · “O verdadeiro fim do homem […] é a formação mais elevada e mais proporcionada de suas forças num todo. Para essa formação a liberdade é a primeira e indispensável condição” · «ist die höchste und proportionirlichste Bildung seiner Kräfte zu einem Ganzen. Zu dieser Bildung ist Freiheit die erste und unerlässliche Bedingung.» · [V-de; página a confirmar]
57. 1.8 · Mill, *Sobre a liberdade* (*On Liberty*), cap. III, Standard Ebooks, a partir do texto de 1859 · “não é uma máquina a ser construída segundo um modelo […], mas uma árvore, que precisa crescer e desenvolver-se por todos os lados” · «Human nature is not a machine to be built after a model […] but a tree, which requires to grow and develop itself on all sides» · [V-en; localização a confirmar]
58. 1.9 · Feuerbach, *A essência do cristianismo* (*Das Wesen des Christentums*), 1841, I, cap. 2, Reclam, 1988, sem paginação, projekt-gutenberg.org · “A consciência de Deus é a autoconsciência do homem, o conhecimento de Deus é o autoconhecimento do homem” · «Das Bewußtsein Gottes ist das Selbstbewußtsein des Menschen, die Erkenntnis Gottes die Selbsterkenntnis des Menschen» · [V-de; página a confirmar]
59. 1.9 · Feuerbach, *A essência do cristianismo*, Prefácio, mesma edição · “o segredo da teologia é a antropologia” · «das Geheimnis der Theologie die Anthropologie ist» · [V-de; página a confirmar]
60. 1.9 · Feuerbach, *A essência do cristianismo*, I, cap. 16, mesma edição · “O homem é Deus para o homem” (citação interna do próprio autor) · «Der Mensch ist dem Menschen Gott.» · [V-de; página a confirmar]
61. 1.9 · Feuerbach, *A essência do cristianismo*, “Schlußanwendung”, mesma edição · “*Homo homini Deus est* — este é o princípio prático supremo, este é o ponto de virada da história universal” · «Homo homini Deus est – dies ist der oberste praktische Grundsatz – dies der Wendepunkt der Weltgeschichte.» · [V-de; página a confirmar]
62. 1.9 · Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos* (*Ökonomisch-philosophische Manuskripte*), 3.º manuscrito, *Marx-Engels-Werke*, vol. 40, p. 536, texto em linha do Marxists Internet Archive · “Esse comunismo é, como naturalismo plenamente desenvolvido, humanismo, e, como humanismo plenamente desenvolvido, naturalismo” · «Dieser Kommunismus ist als vollendeter Naturalismus Humanismus, als vollendeter Humanismus Naturalismus» · [V-de; tese a confirmar: o sinal de igualdade da fórmula corrente não aparece no texto em linha]
63. 1.9 · Marx, *Manuscritos*, 3.º manuscrito, *Marx-Engels-Werke*, vol. 40, p. 538 · “o naturalismo realizado do homem e o humanismo realizado da natureza” · «der durchgeführte Naturalismus des Menschen und der durchgeführte Humanismus der Natur» · [V-de]

64. 1.9 · Comte, *Catecismo positivista* (*Catéchisme positiviste*), 1852, Introdução, p. 3, fac-símile do Internet Archive · “A religião consiste, pois, em regular cada natureza individual e em reunir todas as individualidades” · «La religion consiste donc à régler chaque nature individuelle et à rallier toutes les individualités» · [V-fr; página a confirmar]
65. 1.9 · Comte, *Catecismo positivista*, Introdução, p. 19 · “O Amor por princípio, a Ordem por base, e o Progresso por fim” · «L’Amour pour principe, l’Ordre pour base, et le Progrès pour but» · [V-fr]
66. 1.9 · Comte, *Catecismo positivista*, III, pp. 272–273 · “substituindo nele Deus pela Humanidade” · «en y remplaçant Dieu par l’Humanité» · [V-fr; página a confirmar]
67. 1.10 · Russell, “A adoração do homem livre” (*A Free Man’s Worship*), 1903, em *Mysticism and Logic*, Londres, Allen & Unwin, 1917, Internet Modern History Sourcebook da Fordham, sem paginação · “o Homem é produto de causas que não previam o fim que realizavam” · «That Man is the product of causes which had no prevision of the end they were achieving» · [V-en; data a confirmar]
68. 1.10 · Russell, “A adoração do homem livre”, mesma cópia · “sobre o fundamento firme de um desespero sem concessão” · «only on the firm foundation of unyielding despair» · [V-en; data a confirmar]
69. 1.10 · Huxley, *Religião sem revelação* (*Religion without Revelation*), Londres e Nova York, Harper, 1927, Prefácio, p. 9 · “uma nova habitação para o seu espírito […] sobre a base de um humanismo científico. O século XVIII tentou-o e falhou. A Razão não bastava” · «a new habitation for his spirit, new from the foundations up, on the basis of a scientific humanism. The eighteenth century attempted it, but failed. Reason was not enough» · [V-en; página a confirmar]
70. 1.10 · Huxley, *Religião sem revelação*, 1927, Prefácio, p. 18 · “o controle humano por esforço humano, de acordo com ideais humanos” · «human control by human effort in accordance with human ideals» · [V-en; página a confirmar]
71. 1.10 · Dewey, *Uma fé comum* (*A Common Faith*), New Haven, Yale University Press, 1934, cap. II, p. 42 · “a unidade de todos os fins ideais que nos movem ao desejo e à ação” · «it denotes the unity of all ideal ends arousing us to desire and actions» · [V-en; página a confirmar]
72. 1.10 · *Manifesto Humanista* I (*A Humanist Manifesto*), 1933, redigido por Raymond B. Bragg, lista de signatários, texto em linha da American Humanist Association · 34 signatários (Dewey, Charles Francis Potter, Edwin H. Wilson, muitos pastores unitários e universalistas, um rabino e professores) · «—» · [V-en; contagem do estudo]
73. 1.10 · *Manifesto Humanista* I, 1933, quinta tese · “inaceitáveis quaisquer garantias sobrenaturais ou cósmicas dos valores humanos” · «makes unacceptable any supernatural or cosmic guarantees of human values» · [V-en]
74. 1.10 · *Manifesto Humanista* I, 1933, sexta tese · “passou o tempo do teísmo, do deísmo, do modernismo” · «the time has passed for theism, deism, modernism» · [V-en]
75. 1.10 · *Manifesto Humanista* I, 1933, sétima tese · “A religião consiste nas ações, propósitos e experiências humanamente significativos. Nada humano é alheio ao religioso. […] A distinção entre o sagrado e o secular não pode mais ser mantida” · «Religion consists of those actions, purposes, and experiences which are humanly significant. Nothing human is alien to the religious. […] The distinction between the sacred and the secular can no longer be maintained.» · [V-en]

76. 1.10 · *Declaração de Amsterdã* (*Amsterdam Declaration*), 1952, parágrafo inicial, Humanists International, texto em linha · “às religiões que dizem fundar-se em revelação, de um lado, e aos sistemas totalitários, de outro” · «an alternative to the religions which claim to be based on revelation on the one hand, and totalitarian systems on the other» · [V-en; lista de delegados não conferida]
77. 1.10 · *Declaração de Amsterdã*, revisão de 2002, Congresso de Noordwijkerhout, Humanists International, texto em linha · “Afirma o valor, a dignidade e a autonomia do indivíduo” · «It affirms the worth, dignity and autonomy of the individual» · [V-en]
78. 1.10 · *Declaração de Amsterdã*, revisão de 2002 · “a moral é parte intrínseca da natureza humana, baseada na compreensão e na preocupação com os outros, sem necessitar de sanção externa” · «morality is an intrinsic part of human nature based on understanding and a concern for others, needing no external sanction» · [V-en]
79. 1.10 · *Manifesto Humanista* II (*Humanist Manifesto II*), 1973, Prefácio de Paul Kurtz e Edwin H. Wilson, texto em linha da American Humanist Association · “visões que apenas rejeitam o teísmo não equivalem ao humanismo” · «views that merely reject theism are not equivalent to humanism» · [V-en]
80. 1.10 · *Manifesto Humanista* II, 1973, Prefácio · “a crença positiva nas possibilidades do progresso humano” · «the positive belief in the possibilities of human progress» · [V-en]
81. 1.10 · *Manifesto Humanista* II, 1973, primeira tese · “Como não teístas, começamos com os humanos, não com Deus” · «As nontheists, we begin with humans not God, nature not deity.» · [V-en]
82. 1.10 · *Manifesto Humanista* II, 1973, primeira tese · “Nenhuma divindade nos salvará; precisamos salvar a nós mesmos” · «No deity will save us; we must save ourselves.» · [V-en]
83. 1.10 · *Manifesto Humanista* II, 1973, terceira tese · “A ética é autônoma e situacional, sem necessitar de sanção teológica ou ideológica” · «Ethics is autonomous and situational needing no theological or ideological sanction.» · [V-en]
84. 1.10 · *Manifesto Humanista* II, 1973, quinta tese · “A preciosidade e a dignidade da pessoa individual são um valor humanista central” · «The preciousness and dignity of the individual person is a central humanist value.» · [V-en]
85. 1.10 · *Manifesto Humanista* II, 1973, lista de signatários · cerca de 260 assinaturas · «—» · [V-en; contagem do estudo]
86. 1.10 · *Manifesto Humanista* III, *Humanismo e suas aspirações* (*Humanism and Its Aspirations*), 2003, texto em linha da American Humanist Association · “Estamos comprometidos a tratar cada pessoa como tendo valor e dignidade inerentes” · «We are committed to treating each person as having inherent worth and dignity» · [V-en]
87. 1.10 · *Manifesto Humanista* III, 2003 · “Aceitamos nossa vida como o todo e o bastante” · «We accept our life as all and enough» · [V-en]
88. 1.10 · Lamont, *A filosofia do humanismo* (*The Philosophy of Humanism*), 8.ª ed., Amherst, Humanist Press, 1997, pp. 190–191 · “últimos irredutíveis” (Mente, Amor, Bem e Liberdade, entre dezoito categorias) · «Humanism rejects as irreducible ultimates or as final principles of explanation for existence as such. 1. Mind (Reason, Intelligence, Consciousness) […] 8. Love 9. Good (Value, Morality) […] 14. Freedom» · [V-en; página a confirmar: o cabeçalho “191” interrompe a lista no item 10]
89. 1.10 · Copson, “What Is Humanism?”, em Copson e Grayling (orgs.), *The Wiley Blackwell Handbook of Humanism*, Wiley, 2015, p. 6, n. 26 · “uma postura de vida democrática e ética

que afirma que os seres humanos têm o direito e a responsabilidade de dar sentido e forma às suas próprias vidas” · «Humanism is a democratic and ethical life stance, which affirms that human beings have the right and responsibility to give meaning and shape to their own lives.» · [V-en]

90. 1.10 · Copson, “What Is Humanism?”, 2015, p. 6, n. 26 · “Não é teísta” · «It is not theistic» · [V-en]
91. 1.10 · *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948, Preâmbulo, primeiro considerando, versão oficial em português · “dignidade inerente a todos os membros da família humana” · «inherent dignity and of the equal and inalienable rights of all members of the human family» · [V-en]
92. 1.11 · Heidegger, *Carta sobre o humanismo* (*Brief über den Humanismus*), 1947, trad. inglesa de Frank A. Capuzzi, com a paginação de *Wegmarken*, pp. 152–153 · “Todo humanismo ou se funda numa metafísica ou é ele mesmo posto como fundamento de uma” · «Every humanism is either grounded in a metaphysics or is itself made to be the ground of one.» · [V-en: Capuzzi; página a confirmar]
93. 1.11 · Heidegger, *Carta sobre o humanismo*, trad. Capuzzi, pp. 159–161 · “O humanismo é contestado porque não coloca a *humanitas* do ser humano alto o bastante” · «Humanism is opposed because it does not set the humanitas of the human being high enough.» · [V-en: Capuzzi; página a confirmar]
94. 1.11 · Heidegger, *Carta sobre o humanismo*, trad. Capuzzi, pp. 172–173 · “O ser humano é o pastor do ser” · «The human being is the shepherd of being.» · [V-en: Capuzzi; página a confirmar]
95. 1.11 · Heidegger, *Carta sobre o humanismo*, trad. Capuzzi, pp. 172–173 · “consiste em ser chamado pelo próprio ser à guarda da verdade do ser” · «whose dignity consists in being called by being itself into the preservation of being’s truth» · [V-en: Capuzzi; página a confirmar]
96. 1.11 · Foucault, *As palavras e as coisas* (*Les mots et les choses*), Paris, Gallimard, 1966, Avant-propos · “é apenas uma invenção recente […], uma simples dobra em nosso saber” · «l’homme n’est qu’une invention récente, une figure qui n’a pas deux siècles, un simple pli dans notre savoir» · [V-fr; página a confirmar]
97. 1.11 · Foucault, *As palavras e as coisas*, 1966, fecho · “pode-se apostar que o homem se apagaria, como na orla do mar um rosto de areia” · «l’homme s’effacerait, comme à la limite de la mer un visage de sable» · [V-fr; página a confirmar; a letra traz “on peut bien parier”]
98. 1.11 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo* (*L’existentialisme est un humanisme*), 1946, p. 22 · “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo” · «—» · [V-fr; V-pt: Guedes; via Estudo V, 1.2]
99. 1.11 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, 1946, p. 46 · “Escolha, isto é, invente” · «—» · [V-fr; V-pt: Guedes; via Estudo V, 1.5]
100. 1.11 · Levinas, *Humanismo del otro hombre*, Siglo XXI, 2005, pp. 110–111 · “O eu voltado a si, responsável pelo Outro — isto é, refém de todos” · «—» · [V-es; via Estudo VIII, 1.8]
101. 1.11 · Arendt, *As origens do totalitarismo*, cap. 9 · “pode perder todos os chamados Direitos do Homem sem perder a sua qualidade essencial de homem, a sua dignidade humana. Só a perda da própria comunidade política o expulsa da humanidade” · «—» · [V-en; via Estudo XIII, 1.11]

102. 1.11 · Taylor, *Uma era secular* (*A Secular Age*), 2007, p. 18 · “puramente autossuficiente” · «—» · [V-en; via Estudo XV, 1.10]
103. 1.11 · Fanon, *Os condenados da terra* (*The Wretched of the Earth*), Grove Press, 1963, trad. Farrington, “Sobre a cultura nacional”, p. 246 · “Esta nova humanidade não pode senão definir um novo humanismo, para si e para os outros” · «This new humanity cannot do otherwise than define a new humanism both for itself and for others» · [V-en: Farrington]
104. 1.11 · Fanon, *Os condenados da terra*, trad. Farrington, Conclusão, p. 311 · “Deixemos esta Europa que não termina de falar do Homem, e no entanto assassina os homens em toda parte” · «Leave this Europe where they are never done talking of Man, yet murder men everywhere […]» · [V-en: Farrington]
105. 1.12 · Sepúlveda, *Demócrates segundo* (*Democrates alter*), c. 1545, seleção em *Introduction to Contemporary Civilization in the West*, 3.ª ed., Columbia University Press, 1960, I, pp. 523–529 · “os espanhóis têm perfeito direito de dominar esses bárbaros do Novo Mundo […], que em prudência, engenho, virtudes e humanidade são tão inferiores aos espanhóis como as crianças aos adultos, ou as mulheres aos homens” · «—» · [V-en]
106. 1.12 · Sepúlveda, *Demócrates segundo*, ed. Losada, p. 35, citado em Castilla Urbano, 2010 · “homenzinhos [*homunculos*] nos quais mal se podem encontrar restos de humanidade” · «hombrecillos [homunculos] en los que apenas se pueden encontrar restos de humanidad» · [V via secundária: Castilla Urbano]
107. 1.12 · Erasmo, *Elogio da loucura* (*Moriae encomium*), 1511, § 17, texto latino da Latin Library; fala a Estultícia, não Erasmo em voz própria · “animal sem dúvida estulto e inepto, mas risível e suave” · «animal, videlicet, stultum quidem illud atque ineptum, verum ridiculum et suave» · [V-la]
108. 1.12 · Erasmo, *Elogio da loucura*, § 17 · “se alguma mulher quis passar por sábia, só consegue ser duas vezes estulta” · «Quod si qua forte mulier sapiens haberi voluit, ea nihil aliud agit quam ut bis stulta sit» · [V-la]
109. 1.12 · Erasmo, carta a Wolfgang Capito, Lovaina, 13 de março de 1518, ep. 798, *De correspondentie van Desiderius Erasmus*, V, Digitale Bibliotheek voor de Nederlandse Letteren, 2008, p. 265 · “Vejo que esse povo está cheio das histórias mais insípidas e quase nada espalha senão fumaça: o Talmude, a Cabala, o Tetragrama, a Porta da Luz e semelhantes palavras vazias. […] A Itália tem muitos judeus, a Espanha mal tem cristãos. Temo que, neste caso, a peste, há muito reprimida, volte a levantar a cabeça” · «—» · [V-nl]
110. 1.12 · Frase atribuída a Erasmo · “se é próprio do cristão detestar os judeus, somos todos cristãos de sobra” · «—» · [atribuição a confirmar]
111. 1.12 · Huxley, *UNESCO: seu propósito e sua filosofia* (*UNESCO: Its Purpose and Its Philosophy*), Comissão Preparatória, 1946, p. 21 e seguintes · “A desigualdade biológica é, evidentemente, o fato-base sobre o qual toda a eugenia se assenta” · «Biological inequality is, of course, the bedrock fact on which all of eugenics is predicated» · [V-en; página a confirmar]
112. 1.12 · Ferry, Câmara dos Deputados, 28 de julho de 1885, *Journal officiel* · “Há para as raças superiores um direito, porque há um dever para elas. Têm o dever de civilizar as raças inferiores” · «il y a pour les races supérieures un droit, parce qu’il y a un devoir pour elles. Elles ont le devoir de civiliser les races inférieures» · [V-fr]
113. 1.12 · Clemenceau, Câmara dos Deputados, 30 de julho de 1885, *Journal officiel* · “Falar a esse propósito de civilização é juntar à violência a hipocrisia” · «Parler à ce propos de civilisation, c’est joindre à la violence, l’hypocrisie» · [V-fr]

A tradição

1. 1.1 · Kohl, “The changing concept of the studia humanitatis in the early Renaissance”, 1992 · *studia humanitatis* a partir do *Pro Archia*; popularizada por Salutati na década de 1370 · «—» · [V via secundária: Kohl; página a confirmar]
2. 1.1 · Copson, “What Is Humanism?”, 2015, p. 5 · a cunhagem de “humanismo” é contada sem nomear o primeiro usuário da palavra · «—» · [V-en; paráfrase]
3. 1.3 · Kristeller, obra e página a confirmar · o humanismo renascentista como programa de cultura retórica e literária, não como filosofia · «—» · [V via secundária: Kristeller; obra e página a confirmar]
4. 1.3 · Nauta, “Lorenzo Valla”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 2026, sobre o *De voluptate* · o diálogo identifica ao prazer a caridade cristã · «—» · [V via secundária: Nauta; paráfrase; localização a confirmar]
5. 1.4 · Copenhaver, “Giovanni Pico della Mirandola”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 21 de agosto de 2024, § 2.1 · o texto nunca foi proferido nem publicado em vida; *de dignitate hominis* aparece discretamente em 1504 e o título impresso, em Basileia, em 1557 · «—» · [V via secundária: Copenhaver; paráfrase]
6. 1.4 · Copenhaver, “Giovanni Pico della Mirandola”, § 2.4, “Oratory but not Dignity” · “não é humano de modo algum: é ser anjo” · «—» · [V via secundária: Copenhaver]
7. 1.4 · Copenhaver, “Giovanni Pico della Mirandola”, § 2.4 · “foi escrita, e ainda está sendo escrita, por nós, pós-kantianos, não por Giovanni Pico” · «the Oration on the Dignity of Man that located the human condition in freedom and dignity was written—and still is being written—by us post-Kantians, not by Giovanni Pico» · [V via secundária: Copenhaver]
8. 1.5 · Lutero, *Sobre o arbítrio servo* (*De servo arbitrio*), 1525, seção XLI, citando Erasmo, *Sobre o livre-arbítrio* (*De libero arbitrio*), 1524, trad. inglesa do Christian Classics Ethereal Library · “um poder da vontade humana, pelo qual o homem pode aplicar-se às coisas que levam à salvação […] ou afastar-se delas” · «—» · [V via secundária: Lutero]
9. 1.5 · Lutero, *Sobre o arbítrio servo*, 1525, seção XXXVIII, mesma tradução · “que nem vê o que vê, nem ouve o que ouve, e muito menos entende e busca” · «—» · [V-en]
10. 1.5 · Rummel, “Erasmus”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 19 de setembro de 2025, § 2 · “tornou-se sinônimo” · «—» · [V via secundária: Rummel]
11. 1.5 · Rummel, “Erasmus”, § 2 · “fé simples e devoção” · «—» · [V via secundária: Rummel]
12. 1.7 · Foglia e Ferrari, “Michel de Montaigne”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 8 de agosto de 2026 · “poderia ter sido classificado entre os humanistas mais eruditos do século XVI” · «—» · [V via secundária: Foglia e Ferrari]
13. 1.12 · Duffy, nota introdutória a Sepúlveda, em *Introduction to Contemporary Civilization in the West*, 1960 · “mas as guerras continuaram” · «—» · [V via secundária: Duffy]
14. 1.12 · O’Gorman, estudo preliminar à *Apologética historia sumaria*, de Las Casas, UNAM, 1967 · todas as nações são de homens, de uma só definição, entes racionais · «—» · [paráfrase; V via secundária: O’Gorman; página a confirmar]
15. 1.12 · Casini, “Juan Luis Vives”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 2025; The National Archives (Reino Unido), recurso “Medieval women” · Vives, *A educação da mulher cristã* (*De institutione feminae Christianae*), 1524; Christine de Pizan, *A cidade das damas* (*Le livre de la Cité des dames*), 1405 · «—» · [V via secundária: Casini; paráfrase]

16. 1.12 · Huxley, presidência da British Eugenics Society (1959–1962) · — · «—» · [tese a confirmar]
17. 1.12 · Hankins, signatário do *Manifesto Humanista* I, crítica do nordicismo em *The Racial Basis of Civilization* (1926) · — · «—» · [V via secundária: Hankins; obra e página a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 1.11 · Decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V (“A fórmula”) · “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção” · «—» · [decisão do fundador]
2. 1.12 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux” · «—» · [decisão do fundador]
3. 1.12 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI (“A fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série”) · o padrão das fronteiras, para os clássicos que virão · «—» · [decisão do fundador]
4. 1.13 · Decisão n.º 8 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV (“A comunicação e a *humanitas*”) · — · «—» · [decisão do fundador; contagem do estudo]
5. 1.13 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I (Lux) · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” · «—» · [letra do cânon]
6. 1.13 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém” · «—» · [letra do cânon]
7. 1.13 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “pessoal, nunca individual” · «—» · [letra do cânon]
8. 1.13 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV (Corpus) · “A transcendência passa pela matéria” · «—» · [letra do cânon]
9. 1.13 · Catecismo, 20 · “formam exatamente o lema” · «—» · [escrito do cânon]
10. 1.13 · Contagens de “humanismo”, “humano”, “dignidade”, “consciência”, “razão”, “liberdade”, “universal”, “indivíduo”, “pessoa” e “transcendência” nos escritos (Cânon v1.2, Catecismo, Tratados, Disputatio, Meditações, Glossário) · — · «—» · [contagem do estudo]

Capítulo 2 — Onde nos tocamos

O humanismo

1. 2.1 · *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948, Preâmbulo, primeiro considerando; versão portuguesa oficial da Organização das Nações Unidas · “o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana” · «Whereas recognition of the inherent dignity and of the equal and inalienable rights of all members of the human family is the foundation of freedom, justice and peace in the world» · [V-en; versão portuguesa oficial da Organização das Nações Unidas]
2. 2.1 · *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948, art. 1; versão portuguesa oficial da Organização das Nações Unidas · “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos” · «All human beings are born free and equal in dignity and rights.» · [V-en; versão portuguesa oficial da Organização das Nações Unidas]

3. 2.1 · *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948, art. 1; versão portuguesa oficial da Organização das Nações Unidas · “são dotados de razão e consciência” · «They are endowed with reason and conscience» · [V-en; versão portuguesa oficial da Organização das Nações Unidas]
4. 2.6 · *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948, art. 1; versão portuguesa oficial da Organização das Nações Unidas · “com espírito de fraternidade” · «in a spirit of brotherhood» · [V-en; versão portuguesa oficial da Organização das Nações Unidas]
5. 2.1 · Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486, § 5; texto digital da The Latin Library, sem edição crítica indicada · “nem lugar certo, nem rosto próprio” · «Nec certam sedem, nec propriam faciem» · [V-la; edição a confirmar]
6. 2.1 · Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes* (*Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*), 1785, Akademie-Ausgabe, IV, 435 · “a humanidade enquanto capaz dela” · «die Menschheit, so fern sie derselben fähig ist» · [V-de]
7. 2.1 · Kant, *Fundamentação*, Akademie-Ausgabe, IV, 436 · “A autonomia é, pois, o fundamento da dignidade” · «Autonomie ist also der Grund der Würde der menschlichen und jeder vernünftigen Natur» · [V-de]
8. 2.2 · *Manifesto Humanista* II (*Humanist Manifesto II*), 1973, primeira tese · “começamos com os humanos, não com Deus” · «we begin with humans not God» · [V-en]
9. 2.2 · Montaigne, *Ensaios* (*Essais*), III, 2, “Do arrepender-se”; Exemplar de Bordeaux, em linha (base da edição Villey–Saulnier; página de Villey a confirmar) · “a consciência de um homem” · «de la conscience d’un homme» · [V-fr]
10. 2.3 · Kant, “Que é o Esclarecimento?” (“Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?”), 1784, Akademie-Ausgabe, VIII, 35 · “um pastor de almas que tem consciência por mim” · «einen Seelsorger, der für mich Gewissen hat» · [V-de]
11. 2.3 · *Manifesto Humanista* II, 1973, terceira tese · “a ética é autônoma e situacional” · «Ethics is autonomous and situational» · [V-en]
12. 2.3 · Lamont, *A filosofia do humanismo* (*The Philosophy of Humanism*), 8.ª ed., Amherst: Humanist Press, 1997, quarta proposição (pp. 13–15, páginas a confirmar) · — · «—» · [paráfrase; página a confirmar]
13. 2.3 · Kant, *Fundamentação*, Akademie-Ausgabe, IV, 436 · “nada tem valor senão o que a lei lhe determina” · «es hat nichts einen Werth als den, welchen ihm das Gesetz bestimmt» · [V-de]
14. 2.4 · Petrarca, carta a Dionigi da Borgo San Sepolcro, *Familiares*, IV, 1; tradução inglesa de J. H. Robinson, Fordham Internet History Sourcebook · “voltei para mim o olhar interior” · «—» · [V-en: Robinson; página a confirmar]
15. 2.4 · Montaigne, *Ensaios*, III, 2; Exemplar de Bordeaux, em linha · “Eu não ensino, eu conto” · «Je n’enseigne poinct, je raconte» · [V-fr; página a confirmar]
16. 2.4 · Montaigne, *Ensaios*, III, 2 · — · «—» · [paráfrase; localização a confirmar]
17. 2.5 · Gélio, *Noites áticas*, XIII, 17, 1; The Latin Library · “quase o que os gregos chamam *paideía*” · «quod Graeci paideian vocant» · [V-la; edição a confirmar]
18. 2.5 · Niethammer, *A disputa entre o filantropinismo e o humanismo*, 1808, I, 1; excerto do German History Intersections, doc. 132 · “a formação geral do homem” · «allgemeine Bildung des Menschen» · [V-de; página a confirmar]

19. 2.5 · Humboldt, *Ideias para um ensaio de determinar os limites da ação do Estado*, cap. II, ed. 1851 · “a formação mais elevada e mais proporcionada de suas forças num todo” · «die höchste und proportionirlichste Bildung seiner Kräfte zu einem Ganzen» · [V-de]
20. 2.5 · Dewey, *Uma fé comum* (*A Common Faith*), 1934, cap. III, pp. 86–87 · “a responsabilidade de conservar, transmitir, retificar e ampliar a herança de valores que recebemos” · «the responsibility of conserving, transmitting, rectifying and expanding the heritage of values we have received» · [V-en]
21. 2.6 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 95, 52; The Latin Library · “somos membros de um grande corpo” · «membra sumus corporis magni» · [V-la]
22. 2.6 · Erasmo, *Queixa da paz* (*Querela pacis*), V; The Latin Library · “o nome comum de homem” · «commune hominis vocabulum» · [V-la]
23. 2.6 · Arendt, “Laudatio. Humanitas”, 1958 · “Nunca se ganha a humanidade na solidão” · «Gewonnen wird die Humanität nie in der Einsamkeit […]» · [V-de; página a confirmar]
24. 2.7 · Montaigne, *Ensaios*, I, 26; Exemplar de Bordeaux, em linha · “Não é uma alma, não é um corpo que se adestra: é um homem” · «Ce n’est pas une ame, ce n’est pas un corps qu’on dresse : c’est un homme» · [V-fr; página a confirmar]
25. 2.7 · Montaigne, *Ensaios*, III, 13; Exemplar de Bordeaux, em linha · “fazer bem e devidamente o homem” · «faire bien l’homme et deuement» · [V-fr; página a confirmar]
26. 2.7 · Lamont, *A filosofia do humanismo*, 1997, quinta proposição · “todos os valores humanos em experiências e relações terrenas” · «all human values in this-earthly experiences and relationships» · [V-en; página a confirmar]
27. 2.7 · Lamont, *A filosofia do humanismo*, 1997, primeira proposição · “totalidade do ser” · «the totality of being» · [V-en; página a confirmar]
28. 2.8 · More, *Utopia*, II, “Das religiões dos utopianos”; The Latin Library, sem numeração (citado pela rubrica) · — · «—» · [V-la]
29. 2.8 · Montaigne, *Ensaios*, I, 31, “Dos canibais”; Exemplar de Bordeaux, em linha · “cada um chama barbárie ao que não é do seu uso” · «chacun appelle barbarie ce qui n’est pas de son usage» · [V-fr; página a confirmar]
30. 2.8 · More, *Utopia*, II, mesma rubrica · “proibiu santa e severamente”; “a nenhum suplício” · «sancte ac severe vetuit […] nullo afficiunt supplicio» · [V-la]
31. 2.9 · Beccaria, *Dos delitos e das penas* (*Dei delitti e delle pene*), cap. 16, “Della tortura”; LiberLiber, 2003, a partir de Mursia, 1973 · “um homem não pode chamar-se réu antes da sentença do juiz” · «Un uomo non può chiamarsi reo prima della sentenza del giudice» · [V-it; parágrafo a confirmar]
32. 2.9 · Arendt, *As origens do totalitarismo*, cap. 9, via Estudo XIII, 1.11 · “sem perder […] a sua dignidade humana”; “só a perda da própria comunidade política o expulsa da humanidade” · «—» · [V-en; via Estudo XIII, 1.11; página a confirmar]
33. 2.10 · Erasmo, *Queixa da paz*, XXIII; The Latin Library · “Por que não antes queres bem, homem ao homem?” · «Cur non potius bene vis homo homini?» · [V-la]
34. 2.11 · Montaigne, *Ensaios*, II, 12; Exemplar de Bordeaux, em linha · “a mais calamitosa e frágil de todas as criaturas”; “a mais orgulhosa” · «La plus calamiteuse et fragile de toutes les creatures c’est l’homme, et quant et quant, la plus orgueilleuse.» · [V-fr; página a confirmar]
35. 2.11 · Russell, “A adoração do homem livre” (“A Free Man’s Worship”), 1903; lido em *Mysticism and Logic*, Londres: Allen & Unwin, 1917 · “um desespero sem concessão” ·

«unyielding despair» · [V-en; data a confirmar]

A tradição

1. 2.5 · Kohl, 1992, sobre Cícero, *Em defesa do poeta Árquias*, 2 · origem da expressão *studia humanitatis* · «—» · [V via secundária: Kohl, 1992; página a confirmar]
2. 2.7 · Nauta, “Lorenzo Valla”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 2026, sobre *De voluptate* (1431) · caridade e beatitude identificadas ao prazer · «—» · [paráfrase; V via secundária: Nauta]
3. 2.8 · Rummel, “Erasmus”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy* · “consenso, compromisso e cooperação pacífica” · «—» · [V via secundária: Rummel]

O cânon e os escritos

1. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I (Lux) · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela” · «—» · [letra do cânon]
2. 2.1 · Catecismo, 6 · “Um recém-nascido ainda não conquistou nada e já o tem” · «—» · [escrito do cânon]
3. 2.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “predicado do ser, não do fazer”; “pelo desempenho de suas faculdades” · «—» · [escrito do cânon]
4. 2.1 · Decisão n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · “a dignidade antes do mérito” · «—» · [decisão do fundador]
5. 2.2 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Lumen Fluens não pertence a nenhuma religião oficial — e não exclui nenhuma. Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” · «—» · [letra do cânon]
6. 2.2 · Catecismo, 27 · “Não é preciso nenhum nome religioso para ser fiel à luz” · «—» · [escrito do cânon]
7. 2.2 · Decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · o cânon “não é teísta, ateu nem agnóstico” · «—» · [decisão do fundador]
8. 2.3 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “A Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” · «—» · [letra do cânon]
9. 2.3 · Catecismo, 24 · “A decisão é sempre de quem caminha” · «—» · [escrito do cânon]
10. 2.3 · Decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção” · «—» · [decisão do fundador]
11. 2.3 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · o veto é “a própria Luz na pessoa, sem voz externa” · «—» · [decisão do fundador]
12. 2.4 · Cânon v1.2, Regra de Vida, “Ritmo diário” · “Examinar. As duas perguntas do pilar I. Encerrar com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível” · «—» · [letra do cânon]
13. 2.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I (Lux) · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” · «—» · [letra do cânon]
14. 2.4 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos” · «—» · [escrito do cânon]

15. 2.4 · Cânon v1.2, Regra de Vida, “Ritmo de estação” · “o que mudou em mim, o que resisti em vão, o que entreguei bem” · «—» · [letra do cânon]
16. 2.4 · Decisão n.º 3 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV · o Examinar e a Revisão do rio lidos como articulação da vida · «—» · [decisão do fundador]
17. 2.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II (Flumen) · “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá” · «—» · [letra do cânon]
18. 2.5 · Cânon v1.2, Regra de Vida, “Ritmo de estação” · “ajustar a regra se necessário — a regra serve à vida, não o contrário” · «—» · [letra do cânon]
19. 2.5 · Estudo VII, 2.4 · Hegel faz depender da *Bildung* a efetividade do valor, “não o valor mesmo” · «—» · [paráfrase; via Estudo VII, 2.4]
20. 2.5 · Cânon v1.2, Regra de Vida, “Ritmo semanal” · “mudança deliberada” · «—» · [letra do cânon]
21. 2.6 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”; “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” · «—» · [letra do cânon]
22. 2.6 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “de todos e de ninguém”; “a margem também é rio” · «—» · [letra do cânon]
23. 2.6 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “águas comuns, e não comunidade, sociedade ou coletivo, palavras que dariam ao rio um dono” · «—» · [escrito do cânon]
24. 2.6 · Decisão n.º 8 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · a *humanitas* que não se adquire no estar só ao lado da margem, sem que o rio vire espaço público · «—» · [decisão do fundador]
25. 2.7 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV (Corpus) · “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento” · «—» · [letra do cânon]
26. 2.7 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV (Corpus) · “dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa. Sem tela, sem multitarefa” · «—» · [letra do cânon]
27. 2.7 · Decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “Só templo: o corpo não encobre a luz” · «—» · [decisão do fundador]
28. 2.7 · Disputatio, 2, “Sed contra” · os Pilares III e IV “recusam explicitamente qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida” · «—» · [escrito do cânon]
29. 2.7 · Decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · “transcendência” tem ao menos quatro usos, nenhum nome da Lux · «—» · [decisão do fundador]
30. 2.8 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “O nome ‘para o cristão’ continua onde a letra o pôs, com quem crê” · «—» · [decisão do fundador]
31. 2.9 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “Nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega” · «—» · [decisão do fundador]
32. 2.9 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · vale “também diante da superfluidade” · «—» · [decisão do fundador]
33. 2.9 · Decisão n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · o que a pessoa é, ou vale, não depende “de um veredito”; “a justiça devida ao lobo” fica para o tratado · «—» · [decisão do fundador]

34. 2.10 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz. Recomeça-se no dia seguinte, sem drama. O rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma” · «—» · [letra do cânon]
35. 2.10 · Disputatio, 4, “Ad tertium” · a Regra “nunca falou do mal cometido contra outrem, apenas do fracasso da própria pessoa consigo mesma” · «—» · [escrito do cânon]
36. 2.10 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · a Regra da Misericórdia mantida reflexiva · «—» · [decisão do fundador]
37. 2.10 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “diante dele não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro” · «—» · [letra do cânon]
38. 2.11 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite. Ela vela: recusa-se a apagar. […] A Vigília promete presença, não vitória” · «—» · [letra do cânon]
39. 2.11 · Tratado da Vigília, “Definição” · “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” · «—» · [escrito do cânon]
40. 2.11 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” · «—» · [escrito do cânon]
41. 2.11 · Decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” · «—» · [decisão do fundador]
42. 2.11 · Decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “não diz que a noite é prova” · «—» · [decisão do fundador]

Capítulo 3 — Onde nos separamos

O humanismo

1. 3.1 · Platão, *Teeteto*, 152a (Sócrates cita Protágoras) · “o homem é a medida de todas as coisas” · «πάντων χρημάτων μέτρον ἄνθρωπον εἶναι» · [V-gr]
2. 3.1 · Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), § 5 · “na forma que preferires” · «in quam malueris tute formam effingas» · [V-la; edição a confirmar]
3. 3.1 · Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes* (*Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*), 1785, Akademie-Ausgabe, IV, 436 · “a autonomia é, pois, o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda natureza racional”; “nada tem valor senão o que a lei lhe determina” · «Autonomie ist also der Grund der Würde der menschlichen und jeder vernünftigen Natur»; «es hat nichts einen Werth als den, welchen ihm das Gesetz bestimmt» · [V-de]
4. 3.1 · Kant, *Fundamentação*, Akademie-Ausgabe, IV, 435 · “um valor interno, isto é, dignidade” · «einen innern Werth, d. i. Würde» · [V-de]
5. 3.1 e 3.13 · *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas, 10/12/1948, Preâmbulo, primeiro considerando · “dignidade inerente a todos os membros da família humana” · «inherent dignity […] of all members of the human family» · [V-en; versão oficial das Nações Unidas em português]
6. 3.1 e 3.3 · Segundo Manifesto Humanista (*Humanist Manifesto II*), 1973, primeira tese · “Nenhuma divindade nos salvará; precisamos salvar a nós mesmos”; “Como não teístas, começamos com os humanos, não com Deus; com a natureza, não com a divindade” · «No

deity will save us; we must save ourselves.»; «As nontheists, we begin with humans not God, nature not deity.» · [V-en]

7. 3.2 e 3.10 · Comte, *Catecismo positivista* (*Catéchisme positiviste*), 1852, Introdução, p. 19 · "na única noção de um ser imenso e eterno, a Humanidade" · «la seule notion d'un être immense et éternel, l'Humanité» · [V-fr]
8. 3.2 · Comte, *Catecismo positivista*, terceira parte, pp. 272–273 · "substituindo nele Deus pela Humanidade" · «en y remplaçant Dieu par l'Humanité» · [V-fr]
9. 3.2 e 3.10 · Primeiro Manifesto Humanista (*Humanist Manifesto I*), 1933, oitava tese · "humanismo religioso"; "no aqui e agora" · «Religious humanism»; «here and now» · [V-en]
10. 3.3 · Primeiro Manifesto Humanista, 1933, quinta e sexta teses · "torna inaceitáveis quaisquer garantias sobrenaturais ou cósmicas dos valores humanos"; "passou o tempo do teísmo, do deísmo, do modernismo" · «makes unacceptable any supernatural or cosmic guarantees of human values»; «the time has passed for theism, deism, modernism» · [V-en]
11. 3.3 · Maritain, *Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), tradução espanhola, Buenos Aires: Lohlé, 1966, p. 30 · — · «—» · [paráfrase]
12. 3.4 · Terceiro Manifesto Humanista (*Humanism and Its Aspirations*), 2003 · "Aceitamos nossa vida como o todo e o bastante"; "A responsabilidade por nossas vidas e pelo tipo de mundo em que vivemos é nossa e só nossa" · «We accept our life as all and enough»; «The responsibility for our lives and the kind of world in which we live is ours and ours alone.» · [V-en]
13. 3.4 · Lamont, *A filosofia do humanismo* (*The Philosophy of Humanism*), 8.ª ed., Amherst: Humanist Press, 1997, pp. 190–191 · "recusa elevá-los a forças controladoras do cosmos como um todo" · «refuses to elevate them into controlling forces in the cosmos as a whole» · [V-en; edição e páginas a confirmar]
14. 3.4 · Gélio, *Noites áticas* (*Noctes Atticae*), XIII, 17, 1 · "chamaram *humanitas* quase o que os gregos chamam *paideía*, e nós dizemos instrução e formação nas boas artes" · «"humanitatem" appellaverunt id propemodum, quod Graeci paideian vocant, nos eruditionem institutionemque in bonas artis dicimus» · [V-la; edição a confirmar]
15. 3.4 · Humboldt, *Ideias para um ensaio de determinar os limites da ação do Estado* (*Ideen zu einem Versuch, die Grenzen der Wirksamkeit des Staats zu bestimmen*), cap. II · "a formação mais elevada e mais proporcionada de suas forças num todo" · «—» · [V-de; página a confirmar]
16. 3.5 · Kant, "Que é o Esclarecimento?" (*Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*), 1784, Akademie-Ausgabe, VIII, 39 · "seria um crime contra a natureza humana, cuja destinação originária consiste justamente nesse progredir" · «Das wäre ein Verbrechen wider die menschliche Natur, deren ursprüngliche Bestimmung gerade in diesem Fortschreiten besteht» · [V-de]
17. 3.5 · Comte, *Catecismo positivista*, Introdução, p. 19 · "o Amor por princípio, a Ordem por base, e o Progresso por fim" · «L'Amour pour principe, l'Ordre pour base, et le Progrès pour but» · [V-fr]
18. 3.6 · Comte, *Catecismo positivista*, Introdução, p. 19 · — · «—» · [paráfrase]
19. 3.6 · Maritain, *Humanismo integral*, tradução espanhola, 1966, p. 12 · — · «—» · [paráfrase]
20. 3.7 · Mill, *Sobre a liberdade* (*On Liberty*), 1859, cap. III · "uma árvore, que precisa crescer e desenvolver-se por todos os lados" · «a tree, which requires to grow and develop itself on

all sides» · [V-en; § a confirmar]

21. 3.7 · Segundo Manifesto Humanista, 1973, quinta tese · “A preciosidade e a dignidade da pessoa individual são um valor humanista central” · «The preciousness and dignity of the individual person is a central humanist value.» · [V-en]
22. 3.7 · *Declaração de Amsterdã* (*Amsterdam Declaration*), revisão de 2002 · “afirma o valor, a dignidade e a autonomia do indivíduo” · «It affirms the worth, dignity and autonomy of the individual» · [V-en]
23. 3.7 · *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948, Artigo 1 · “devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade” · «should act towards one another in a spirit of brotherhood» · [V-en; versão oficial das Nações Unidas em português]
24. 3.7 · Erasmo, *Queixa da paz* (*Querela pacis*), 1517, V · “bastava o nome comum de homem para que os homens se entendessem” · «Ut nihil etiam accesserit, satis erat commune hominis vocabulum, ut inter homines conveniret.» · [V-la]
25. 3.8 · Primeiro Manifesto Humanista, 1933, sétima tese · “a distinção entre o sagrado e o secular não pode mais ser mantida” · «The distinction between the sacred and the secular can no longer be maintained.» · [V-en]
26. 3.9 · Heidegger, *Carta sobre o humanismo* (*Brief über den Humanismus*), pp. 152–153 e 159–161, tradução inglesa de Capuzzi · “todo humanismo ou se funda numa metafísica ou é ele mesmo posto como fundamento de uma”; “o humanismo é contestado porque não coloca a *humanitas* do ser humano alto o bastante” · «Every humanism is either grounded in a metaphysics or is itself made to be the ground of one.»; «Humanism is opposed because it does not set the humanitas of the human being high enough.» · [V-en: Capuzzi; página a confirmar]
27. 3.9 · Heidegger, *Carta*, pp. 172–173, tradução inglesa de Capuzzi · “ser chamado pelo próprio ser” · «—» · [V-en: Capuzzi]
28. 3.9 · Foucault, *As palavras e as coisas* (*Les mots et les choses*), Paris: Gallimard, 1966, final · “O homem é uma invenção cuja arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente a data recente. E talvez o fim próximo” · «L’homme est une invention dont l’archéologie de notre pensée montre aisément la date récente. Et peut-être la fin prochaine.» · [V-fr; página a confirmar]
29. 3.9 · Fanon, *Os condenados da terra* (*The Wretched of the Earth*), Nova York: Grove Press, 1963, tradução de Farrington, “Sobre a cultura nacional”, p. 246 · “Esta nova humanidade não pode senão definir um novo humanismo, para si e para os outros” · «This new humanity cannot do otherwise than define a new humanism both for itself and for others» · [V-en: Farrington]
30. 3.11 · Cícero, *Sobre os deveres* (*De officiis*), III, 27 · “um homem, quem quer que seja, queira o bem de outro homem pela única razão de que este é homem” · «ob eam ipsam causam, quod is homo sit» · [V-la]
31. 3.11 · Erasmo, *Elogio da loucura* (*Moriae encomium*), 1511, § 17 · “se alguma mulher quis passar por sábia, só consegue ser duas vezes estulta” · «Quod si qua forte mulier sapiens haberi voluit, ea nihil aliud agit quam ut bis stulta sit» · [V-la; ironia da personagem]
32. 3.11 · Huxley, *UNESCO: seu propósito e sua filosofia* (*UNESCO: Its Purpose and Its Philosophy*), Comissão Preparatória da UNESCO, 1946, p. 21 · “a desigualdade biológica é, evidentemente, o fato-base sobre o qual toda a eugenia se assenta” · «Biological inequality is, of course, the bedrock fact on which all of eugenics is predicated» · [V-en; página a confirmar]

33. 3.11 · Ferry, discurso na Câmara dos deputados, 28/07/1885, *Journal officiel*, texto em linha · “raças superiores”; “o dever de civilizar as raças inferiores” · «Elles ont le devoir de civiliser les races inférieures» · [V-fr]
34. 3.12 · Beccaria, *Dos delitos e das penas* (*Dei delitti e delle pene*), cap. 16, “Da tortura” · “um homem não pode chamar-se réu antes da sentença do juiz” · «Un uomo non può chiamarsi reo prima della sentenza del giudice» · [V-it; numeração do parágrafo a confirmar]
35. 3.12 · Kant, *O conflito das faculdades* (*Der Streit der Fakultäten*), 1798, Akademie-Ausgabe, VII, 63, nota · “que tu, que me apareces, sejas Deus, disso não estou certo e nem posso vir a estar” · «daß aber du, der du mir erscheinst, Gott sei, davon bin ich nicht gewiß und kann es auch nicht werden» · [V-de]
36. 3.12 · Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos* (*Ökonomisch-philosophische Manuskripte*), 1844, terceiro manuscrito, Marx-Engels-Werke (MEW), 40, p. 536 · “é, como naturalismo plenamente desenvolvido, humanismo, e, como humanismo plenamente desenvolvido, naturalismo” · «Dieser Kommunismus ist als vollendeter Naturalismus Humanismus, als vollendeter Humanismus Naturalismus» · [V-de; localização a confirmar]
37. 3.12 · Althusser, “Marxismo e humanismo”, 1964, tradução inglesa de Brewster · — · «—» · [paráfrase; frase exata a confirmar]
38. 3.13 · Kant, *Fundamentação*, Akademie-Ausgabe, IV, 434 · “acima de todo preço” · «über allen Preis erhaben» · [V-de]

A tradição

1. 3.1 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo* (*L’existentialisme est un humanisme*), 1946, p. 46, via Estudo V, 1.5 · “escolha, isto é, invente” · «—» · [V-fr; via Estudo V, 1.5]
2. 3.3 · Taylor, *Uma era secular* (*A Secular Age*), 2007, p. 18, via Estudo XV, 1.10 · “puramente autossuficiente” · «—» · [V-en; via Estudo XV, 1.10]
3. 3.3 · Estudo XV, 5.5 · “o cânon fica fora dessa divergência” · «—» · [via Estudo XV, 5.5]
4. 3.6 · Taylor, *Uma era secular*, pp. 19–20, via Estudo XV, 1.10 · “uma era secular é aquela em que o eclipse de todos os fins além do florescimento humano se torna concebível” · «—» · [V-en; via Estudo XV, 1.10]
5. 3.9 · Levinas, *Humanismo del otro hombre*, Madri: Siglo XXI, 2005, pp. 110–111, via Estudo VIII, 1.8 · “o eu voltado a si, responsável pelo Outro — isto é, refém de todos” · «—» · [V-es; via Estudo VIII, 1.8]
6. 3.11 · Sepúlveda, *Demócrates segundo* (*Democrates alter*), ed. Á. Losada, Madri: CSIC, 1984, pp. 33 e 35, citado em Castilla Urbano, *Pensamiento* 66, n.º 247, 2010, pp. 83–107 · “homenzinhos (*homúnculos*) nos quais mal se podem encontrar restos de humanidade” · «hombrecillos [homunculos] en los que apenas se pueden encontrar restos de humanidad» · [V via secundária: Castilla Urbano, 2010]

O cânon e os escritos

1. 3.1, 3.4 e 3.13 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I (Lux) · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela.” · «—» · [letra do cânon]
2. 3.1 e 3.5 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “A Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los.” · «—» · [letra do cânon]

3. 3.1 e 3.13 · decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção”; “a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado” · «—» · [decisão do fundador]
4. 3.2 · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “a fonte continua sem nome no cânon” · «—» · [decisão do fundador]
5. 3.2 · decisão n.º 2 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV · “estrutura, nunca nome da Luz” (*ātman*, *Brahman*) · «—» · [decisão do fundador]
6. 3.2 · decisão n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI · — · «—» · [decisão do fundador; paráfrase]
7. 3.2, 3.3 e 3.8 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Lumen Fluens não pertence a nenhuma religião oficial — e não exclui nenhuma. Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê.” · «—» · [letra do cânon]
8. 3.3 · Cânon v1.2, Parte II, “Tom e estilo” · “A independência confessional é intocável: nunca apresentar a filosofia como pertencente ou contrária a uma religião.” · «—» · [letra do cânon]
9. 3.3, 3.6 e 3.13 · decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · — · «—» · [decisão do fundador; paráfrase]
10. 3.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II (Flumen) · “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá.” · «—» · [letra do cânon]
11. 3.4 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Ritmo semanal · “um ajuste pequeno e consciente na rotina” · «—» · [letra do cânon]
12. 3.4 e 3.5 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “promete presença, não vitória”; “a luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite” · «—» · [letra do cânon]
13. 3.4 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “participação nesse princípio comum”; “princípio racional comum” · «—» · [escrito do cânon]
14. 3.5 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta”, segunda objeção · “acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” · «—» · [escrito do cânon]
15. 3.5 · decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “não diz que a noite é prova” · «—» · [decisão do fundador]
16. 3.5 · Disputatio, 2, “Sed contra” · “recusam explicitamente qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida: a doutrina exige estar inteiro onde o corpo está, inclusive — e sobretudo — onde o corpo sofre” · «—» · [escrito do cânon]
17. 3.5 e 3.6 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV (Corpus) · “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento.” · «—» · [letra do cânon]
18. 3.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III (Mutatio) · “mensagem a carregar” · «—» · [letra do cânon]
19. 3.5 e 3.13 · Catecismo, 24 · “a decisão é sempre de quem caminha” · «—» · [escrito do cânon]
20. 3.5 · decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “sem voz externa” · «—» · [decisão do fundador]

21. 3.6 · Catecismo, 17 · “A transcendência — o que vai além de nós — passa pela matéria.” · «—» · [escrito do cânon]
22. 3.6 · decisão n.º 8 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV · — · «—» · [decisão do fundador; paráfrase]
23. 3.7 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”; “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre”; “de todos e de ninguém” · «—» · [letra do cânon]
24. 3.7 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “Mounier é quem está mais perto.” · «—» · [escrito do cânon]
25. 3.7 e 3.13 · decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · “A Lux vem antes do Abrigo. A luz é dada antes de qualquer relação” · «—» · [decisão do fundador]
26. 3.8 · decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “o rio continua sem ser programa político” · «—» · [decisão do fundador]
27. 3.10 · decisão n.º 6 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “sem dizer nada do depois” · «—» · [decisão do fundador]
28. 3.10 · decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · — · «—» · [decisão do fundador; paráfrase]
29. 3.11 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “a fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série” · «—» · [decisão do fundador]
30. 3.11 · decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega” · «—» · [decisão do fundador]
31. 3.11 · decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “nenhuma pessoa está fora da Lux” · «—» · [decisão do fundador]
32. 3.12 · decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · — · «—» · [decisão do fundador; paráfrase]
33. 3.13 · decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “a Lux do lado da dignidade”; “registrada como leitura” · «—» · [decisão do fundador]
34. 3.13 · decisão n.º 1 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · — · «—» · [decisão do fundador; paráfrase]
35. 3.13 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “dialoga com três de suas vozes — Emmanuel Mounier, Martin Buber e Hannah Arendt — sem se filiar a nenhuma”; “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto, respeitando a independência confessional” · «—» · [escrito do cânon]
36. 3.13 · decisão n.º 1 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV · “recusa o nome”; “recusa a fonte” · «—» · [decisão do fundador]

Capítulo 4 — O humanismo diante das casas da série

O humanismo

1. 4.1 · Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486, § 34, edição eletrônica da Latin Library, sem edição crítica indicada · “a concórdia de Platão e Aristóteles, crida por muitos antes, provada suficientemente por

ninguém” · «Proposuimus primo Platonis Aristotelisque concordiam a multis ante hac creditam, a nemine satis probatam» · [V-la; edição a confirmar]

2. 4.1 · Sepúlveda, *Demócrates segundo*, ed. Á. Losada, CSIC, 1984, p. 35, citado em Castilla Urbano, *Pensamiento* 66, n.º 247, 2010, pp. 83–107 · “homenzinhos [*homunculos*] nos quais mal se podem encontrar restos de humanidade” · «hombrecillos [homunculos] en los que apenas se pueden encontrar restos de humanidad» · [V via secundária: Castilla Urbano]
3. 4.4 · Erasmo, *Queixa da paz* (*Querela pacis*), texto latino da Latin Library; edição de Basileia e paginação a confirmar · “inerme e fraco, e a salvo apenas por aliança e necessidade mútua” · «unum hominem produxit inermem, atque imbecillum, nec prorsus aliter tutum, quam foedere mutuaque necessitudine» · [V-la; edição a confirmar]
4. 4.4 · Maritain, *Humanismo integral*, trad. espanhola, Ediciones Carlos Lohlé, Buenos Aires, 1966, p. 12 · “vocábulo ambíguo” · «la palabra humanismo es un vocablo ambiguo» · [V via secundária: edição espanhola de 1966; francês de 1936 não conferido]
5. 4.4 · Maritain, *Humanismo integral*, ed. Lohlé, 1966, p. 30 · — · «—» · [paráfrase; localização a confirmar]
6. 4.4 · O’Gorman, estudo introdutório a Las Casas, *Apologética história sumária*, UNAM, 1967, t. I, pp. XLI–XLII, com apoio em Cícero, *De legibus* I · — · «—» · [paráfrase; V via secundária: O’Gorman]
7. 4.5 · Feuerbach, *Princípios da filosofia do futuro*, § 21, trad. inglesa Hanfi, Marxists Internet Archive · “a última grande tentativa de restaurar, por meio da filosofia, um cristianismo perdido e defunto” · «the last grand attempt to restore a lost and defunct Christianity through philosophy» · [V-en: Hanfi]
8. 4.5 · Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos*, 1844, “Crítica da dialética hegeliana”, trad. inglesa Milligan, Marxists Internet Archive, sem paginação · “Hegel concebe a auto-criação do homem como um processo” · «Hegel conceives the self-creation of man as a process» · [V-en: Milligan]
9. 4.5 · Marx, *Teses sobre Feuerbach*, 1845, tese VI · “o conjunto das relações sociais” · «the ensemble of the social relations» · [V-en; edição e página a confirmar]
10. 4.6 · Heidegger, *Carta sobre o humanismo* (*Brief über den Humanismus*), 1947, trad. inglesa F. A. Capuzzi, pp. 159–161 de *Wegmarken* · “não coloca a *humanitas* do ser humano alto o bastante” · «Humanism is opposed because it does not set the humanitas of the human being high enough» · [V-en: Capuzzi]
11. 4.6 · Camus, *O homem revoltado* (*L’Homme révolté*), Gallimard, 1951, cap. “L’homme révolté”, digitalização com reconhecimento óptico · “Eu me revolto, logo somos” · «Je me révolte, donc nous sommes» · [V-fr; capítulo e página a confirmar]
12. 4.6 · Camus, *O homem revoltado*, Gallimard, 1951, digitalização com reconhecimento óptico · “a terra do humanismo virou esta Europa, terra inumana”; “torturadores humanistas celebram aí seu novo culto” · «La terre de l’humanisme est devenue cette Europe, terre inhumaine»; «Des tortionnaires humanistes y célèbrent leur nouveau culte» · [V-fr; capítulo e página a confirmar]
13. 4.9 · Arendt, “Laudatio. Humanitas”, Friedenspreis des Deutschen Buchhandels, 1958; páginas a confirmar · “o que os romanos chamavam *humanitas* […] É o mesmo que Kant e depois Jaspers entendem por humanidade” · «was die Römer die humanitas nannten […] Es ist das gleiche, was Kant und dann Jaspers unter Humanität verstehen» · [V-de; página a confirmar]

14. 4.9 · Arendt, “Laudatio. Humanitas”, 1958 · “Nunca se ganha a humanidade na solidão” · «Gewonnen wird die Humanität nie in der Einsamkeit» · [V-de; página a confirmar]
15. 4.9 · Arendt, “Laudatio. Humanitas”, 1958 · “reino da *humanitas*, ao qual cada um pode chegar a partir da sua origem própria” · «Es ist das Reich der humanitas, zu dem ein jeder kommen kann aus dem ihm eigenen Ursprung» · [V-de; página a confirmar]
16. 4.10 · Marcel, *Les hommes contre l’humain*, La Colombe, 1951, p. 46, via Duclos, tese, Ottawa · “quanto mais o homem em geral alcança o domínio da natureza, mais o homem em particular é de fato escravo dessa própria conquista” · «plus l’homme en général parvient à la maîtrise de la nature, plus l’homme en particulier est en fait esclave de cette conquête elle-même» · [V-fr; V via secundária: Duclos]
17. 4.10 · Jaspers, “Über Bedingungen und Möglichkeiten eines neuen Humanismus” (Genebra, 1949), em *Rechenschaft und Ausblick*, Piper, 1951, pp. 265–292 (267–268, 284, 286), via Periša, “Humanizam i sloboda kod Karla Jaspersa”, Hrčak · — · «—» · [paráfrase; V via secundária: Periša]
18. 4.11 · Taylor, *Uma era secular*, p. 18, via Estudo XV, 1.10 · “puramente autossuficiente” · «—» · [V-en; via Estudo XV, 1.10]
19. 4.12 · Radhakrishnan, *The Hindu View of Life*, Allen & Unwin, 1926 (Upton Lectures), p. 18 · “Uma tradição viva influencia nossas faculdades interiores, humaniza nossa natureza e nos eleva a um nível superior” · «A living tradition influences our inner faculties, humanises our nature and lifts us to a higher level» · [V-en; “humanismo religioso”: tese a confirmar]
20. 4.12 · Darui Long, “Humanistic Buddhism from Venerable Tai Xu to Grand Master Hsing Yun”, *Hsi Lai Journal of Humanistic Buddhism* 1, 2000, pp. 53–84 · — · «—» · [paráfrase; V via secundária: Darui Long]
21. 4.13 · Kierkegaard, “A multidão é a inverdade”, 1846–47, trad. inglesa Bellinger, Christian Classics Ethereal Library · “A multidão é a inverdade” · «The crowd is untruth» · [V-en: Bellinger]
22. 4.13 · Spinoza, *Ética*, IV, 35, escólio · “na boca de quase todos está que o homem é um deus para o homem” · «ut omnibus fere in ore sit, hominem homini Deum esse» · [V-la]
23. 4.13 · Spinoza, *Ética*, IV, 35, corolário I · “o homem que vive sob a condução da razão” · «homo qui ex ductu rationis vivit» · [V-la]
24. 4.13 · Spinoza, *Ética*, IV, 67 · “O homem livre em nada pensa menos do que na morte, e sua sabedoria não é meditação da morte, mas da vida” · «Homo liber de nulla re minus, quam de morte cogitat, et eius sapientia non mortis, sed vitae meditatio est» · [V-la]
25. 4.13 · Taylor, *Uma era secular*, p. 543, via Estudo XV, 4.9 · “o Plano fica sem planejador” · «—» · [V-en; via Estudo XV, 4.9]
26. 4.13 · Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes* (*Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*), Akademie-Ausgabe, IV, 428–429 · “existe como fim em si mesmo” · «existirt als Zweck an sich selbst» · [V-de]
27. 4.13 · Pascal, *Pensées*, ed. Jules Didiot, Desclée de Brouwer, 1896, cap. III, pp. 50–51; equivalência Lafuma 131 / Brunschvicg 434 a confirmar · “Que quimera é pois o homem!”; “o homem passa infinitamente o homem” · «Quelle Chimère est-ce donc que l’homme!»; «l’homme passe infiniment l’homme» · [V-fr: Didiot; numeração a confirmar]
28. 4.13 · Pascal, *Pensées*, ed. Didiot, 1896, cap. II, “De la confusion de Montaigne”; Lafuma 780 / Brunschvicg 62 a confirmar · “o tolo projeto que ele tem de se pintar” · «Le sot projet qu’il a de se peindre» · [V-fr: Didiot; numeração a confirmar]

29. 4.13 · Taylor, *Uma era secular*, p. 347, via Estudo XV · “caniço pensante” · «—» · [V-en; via Estudo XV]
30. 4.13 · Althusser, “Marxismo e humanismo”, 1964, trad. inglesa Brewster, Marxists Internet Archive · — · «—» · [paráfrase; V-en: Brewster; frase exata a confirmar]

A tradição

1. 4.1 · Estudo X, 6.2; decisão n.º 1 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “giro/escada” · «—» · [decisão do fundador]
2. 4.1 · Estudo XI, 1.11 e 3.7 · “a tese […] não entra no cânon” · «—» · —
3. 4.1 · Estudo XI; decisões n.º 1 e n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “exercício/medida”; “A fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série” · «—» · [decisão do fundador]
4. 4.2 · Estudo II, 2.8; decisões n.º 1 e n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “exame/consentimento” · «—» · [decisão do fundador]
5. 4.3 · Estudo XII, 1.4 e 2.2; decisões n.º 1 e n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “o dentro/exceção”; “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega” · «—» · [decisão do fundador]
6. 4.4 · Estudo III, 1.4, 2.1, 3.1 e 6.3; decisões n.º 1, n.º 2 e n.º 11 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · “anterioridade/juízo” · «—» · [decisão do fundador]
7. 4.5 · Estudo VII, 1.5 e 1.8 · “formação, educação e cultura”; “o homem vale assim porque é homem” · «—» · —
8. 4.5 · Estudo VII; decisões n.º 1 e n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · “dialética método/teodiceia”; “A Lux vem antes do Abrigo”; “A luz é dada antes de qualquer relação” · «—» · [decisão do fundador]
9. 4.6 · Estudo V, 6.2 (Sartre, trad. Guedes); decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “aceita a escolha e recusa a invenção” · «—» · [decisão do fundador]
10. 4.6 · Estudo XV, 4.8 · humanismo revolucionário de Sartre e de Camus · «—» · —
11. 4.7 · Estudo VIII, 1.8 e 4.6; Levinas, *Humanismo del otro hombre*, Siglo XXI, 2005, pp. 110–111 e 133; decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “dívida/eleição” · «—» · [decisão do fundador]
12. 4.7 · Levinas, “Filosofia, justiça e amor”, *Entre nós*, trad. Vozes, pp. 149–150, via Estudo VIII, 4.6 · “Penso que a ética não é uma invenção da raça branca, da humanidade que leu os autores gregos nas escolas e que seguiu certa evolução” · «—» · [V-pt; via Estudo VIII, 4.6]
13. 4.8 · Estudo IX; decisões n.º 1 e n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “desvio/conquista”; “a Lux é valor; a capacidade é poder” · «—» · [decisão do fundador]
14. 4.9 · Estudo XIII, 1.2, 1.11, 4.1 e 5.2; decisões n.º 1, n.º 4 e n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “pluralidade/aparição”; “estar consigo” · «—» · [decisão do fundador]
15. 4.10 · Estudo XIV, 2.14, 3.12 e 4.3; decisões n.º 1, n.º 8 e n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · “presença/cifra” · «—» · [decisão do fundador]
16. 4.11 · Estudo XV, 1.10, 3.8, 3.9, 4.5, 4.8 e 5.5; decisões n.º 1, n.º 10 e n.º 12 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV · “horizonte/nome”; “de Humboldt a Arendt” · «—» · [decisão do fundador]
17. 4.12 · Estudo I; decisões n.º 1 e n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “atenção/chegada”; “não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” · «—» · [decisão do fundador]

18. 4.12 · Estudo IV; decisão n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV · “descoberta/dissolução” · «—» · [decisão do fundador]
19. 4.12 · Estudo VI; decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI · “aceita do taoísmo a água e recusa o esquecimento de si” · «—» · [decisão do fundador]
20. 4.13 · Estudo V; decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “apenas veta” · «—» · [decisão do fundador]

O cânon e os escritos

1. 4.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância.” · «—» · [letra do cânon]
2. 4.4 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém” · «—» · [letra do cânon]
3. 4.6 · Catecismo, 24 · “A decisão é sempre de quem caminha” · «—» · [escrito do cânon]
4. 4.9 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado” · «—» · [letra do cânon]
5. 4.13 · Contagens de “dignidade” e “autonomia” nos escritos (Cânon, Catecismo, três tratados, Disputatio, Meditações, Glossário) · — · «—» · [contagem do estudo]
6. 4.14 · Contagens de “transcendência” e “Deus” nos escritos · — · «—» · [contagem do estudo]

Capítulo 5 — O que a série já disse e a Ficha proposta

O humanismo

1. 5.1 · Sêneca (antigo, estoico), *Cartas a Lucílio*, 95, 33, texto latino da Wikisource latina, sem edição crítica; via Estudo II, 2.8 · “coisa sagrada para o homem”; “já é morto por jogo e brincadeira” · «Homo, sacra res homini, iam per lusum ac iocum occiditur» · [V-la]
2. 5.1 · Sartre (existencialista), *O existencialismo é um humanismo* (*L’existentialisme est un humanisme*), Paris: Nagel, 1970, p. 17; trad. Rita Correia Guedes; via Estudo V, 1.2 · “a existência precede a essência” · «l’existence précède l’essence» · [V-fr; V-pt: Guedes; via Estudo V, 1.2]
3. 5.1 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, Nagel, 1970, p. 46; via Estudo V, 1.5 · “escolha, isto é, invente” · «choisissez, c’est-à-dire inventez» · [V-fr; V-pt: Guedes; via Estudo V, 1.5]
4. 5.1 · Heidegger (existencialista, crítico), *Carta sobre o humanismo* (*Brief über den Humanismus*), 1947, em Capuzzi (trad.), *Pathmarks*, paginação de *Wegmarken*, pp. 159–160; via Estudo V, 1.2 · a tese de Sartre como inversão metafísica (sem aspas) · «—» · [V-en: Capuzzi; via Estudo V, 1.2; paráfrase]
5. 5.1 · Heidegger, *Carta sobre o humanismo*, 1947, em Capuzzi (trad.), *Pathmarks*, paginação de *Wegmarken*, pp. 152–153 · “todo humanismo ou se funda numa metafísica” · «Every humanism is either grounded in a metaphysics or is itself made to be the ground of one.» · [V-en: Capuzzi]
6. 5.1 · Arendt (crítica), “Sobre a humanidade em tempos sombrios”, em *Homens em tempos sombrios*; via Estudo XIII, 4.1 · “não na fraternidade, mas na amizade” · «—» · [V-en; via Estudo XIII, 4.1]

7. 5.1 · Taylor (crítico), *Uma era secular* (*A Secular Age*), 2007, p. 18; via Estudo XV, 1.10 · “puramente autossuficiente” · «—» · [V-en; via Estudo XV, 1.10]
8. 5.1 · Taylor, *Argumentos filosóficos* (*Philosophical Arguments*), Harvard University Press, 1995, cap. 1; via Estudo XV, 1.8 · “de Humboldt a Arendt” · «—» · [V-en; via Estudo XV, 1.8; página a confirmar]
9. 5.4 · Maritain (cristão), *Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), edição espanhola, Buenos Aires: Ediciones Carlos Lohlé, 1966, p. 12 (tradutor não identificado na edição) · “a palavra humanismo é um vocábulo ambíguo” · «la palabra humanismo es un vocablo ambiguo» · [V via secundária: Maritain]
10. 5.5 · *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, resolução 217 A III da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, 10/12/1948, Preâmbulo, primeiro considerando (instrumento internacional), texto em português da versão oficial · “dignidade inerente a todos os membros da família humana” · «Whereas recognition of the inherent dignity and of the equal and inalienable rights of all members of the human family is the foundation of freedom, justice and peace in the world» · [V-en]
11. 5.5 · *Declaração de Amsterdã* (2002), Congresso da Humanists International, Noordwijkerhout, texto em linha, “O humanismo é ético” (secular organizado) · “a moral é parte intrínseca da natureza humana […] sem necessitar de sanção externa” · «morality is an intrinsic part of human nature based on understanding and a concern for others, needing no external sanction» · [V-en]
12. 5.5 · Kant (das Luzes), “Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?” (“Que é o Esclarecimento?”), 1784, Akademie-Ausgabe, VIII, 35, l. 13–16 · “um pastor de almas que tem consciência por mim” · «einen Seelsorger, der für mich Gewissen hat» · [V-de]
13. 5.5 · Montaigne (renascentista), *Ensaios* (*Essais*), III, 2, “Do arrepender-se”, Exemplar de Bordeaux, em linha · “Não pinto o ser. Pinto a passagem” · «Je ne peints pas l’estre. Je peints le passage» · [V-fr; página a confirmar]
14. 5.5 · Erasmo (cristão), *Queixa da paz* (*Querela pacis*), V, a Paz fala, texto latino da Latin Library · “bastava o nome comum de homem para que os homens se entendessem” · «Ut nihil etiam accesserit, satis erat commune hominis vocabulum, ut inter homines conveniret» · [V-la]
15. 5.5 · Montaigne, *Ensaios*, I, 26, Exemplar de Bordeaux, em linha · “Não é uma alma, não é um corpo que se adestra: é um homem” · «Ce n’est pas une ame, ce n’est pas un corps qu’on dresse : c’est un homme» · [V-fr; página a confirmar]
16. 5.5 · Pico (renascentista), *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486, § 5, texto da Latin Library, sem edição crítica · “Nem lugar certo, nem rosto próprio […] te demos, ó Adão” · «Nec certam sedem, nec propriam faciem, nec munus ullum peculiare tibi dedimus, o Adam» · [V-la; edição a confirmar]
17. 5.5 · Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes* (*Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*), 1785, Akademie-Ausgabe, IV, 436, l. 6–7 · “A autonomia é, pois, o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda natureza racional” · «Autonomie ist also der Grund der Würde der menschlichen und jeder vernünftigen Natur» · [V-de]
18. 5.5 · Comte (positivista), *Catecismo positivista* (*Catéchisme positiviste*), 1852, terceira parte, pp. 272–273 · “substituindo nele Deus pela Humanidade” · «en y remplaçant Dieu par l’Humanité» · [V-fr]
19. 5.5 · *Manifesto Humanista* II (*Humanist Manifesto II*), 1973, Primeira tese (secular organizado), texto em linha · “Nenhuma divindade nos salvará; precisamos salvar a nós

mesmos” · «No deity will save us; we must save ourselves.» · [V-en]

20. 5.5 · Maritain, *Humanismo integral*, edição espanhola, Lohlé, 1966, p. 30 · o humanismo teocêntrico, o cristão, contraposto ao antropocêntrico (sem aspas) · «—» · [V via secundária: Maritain; paráfrase; página a confirmar]
21. 5.5 · *Manifesto Humanista* III (*Humanism and Its Aspirations*), 2003 (secular organizado), texto em linha · “Aceitamos nossa vida como o todo e o bastante” · «We accept our life as all and enough» · [V-en]
22. 5.5 · *Manifesto Humanista* III, 2003, abertura · “filosofia de vida progressista” · «Humanism is a progressive philosophy of life» · [V-en]
23. 5.5 · *Declaração de Amsterdã* (2002), “O humanismo é ético” · “Afirma o valor, a dignidade e a autonomia do indivíduo” · «It affirms the worth, dignity and autonomy of the individual» · [V-en]
24. 5.5 · Sepúlveda (renascentista), *Demócrates segundo*, ed. Á. Losada, Madri: CSIC, 1984, p. 35; via Castilla Urbano (ver 26) · “homenzinhos [*homunculos*] nos quais mal se podem encontrar restos de humanidade” · «hombrecillos [homunculos] en los que apenas se pueden encontrar restos de humanidad» · [V via secundária: Castilla Urbano, 2010]
25. 5.5 · Huxley (secular organizado), *UNESCO: Its Purpose and Its Philosophy*, 1946 · “A desigualdade biológica é, evidentemente, o fato-base sobre o qual toda a eugenia se assenta” · «Biological inequality is, of course, the bedrock fact on which all of eugenics is predicated» · [V-en; página a confirmar]

A tradição

1. 5.5 · Castilla Urbano, em *Pensamiento* 66, n.º 247, 2010, pp. 83–107, que cita Sepúlveda, *Demócrates segundo*, p. 35 · — · «—» · [V via secundária: Castilla Urbano, 2010]

O cânon e os escritos

1. 5.1 · Estudo III, 1.4 · “uma letra e uma escola” · «—» · [V via Estudo III, 1.4]
2. 5.1 · decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção” · «—» · [decisão do fundador]
3. 5.1 · Hegel, *Lições sobre a Filosofia da História*; via Estudo VII, 1.8 · “é fim em si, tem em si mesmo valor infinito” · «—» · [V via Estudo VII, 1.8]
4. 5.1 · Hegel, *Linhas fundamentais da filosofia do direito*, § 209, Observação; via Estudo VII, 3.1 · “o homem vale assim porque é homem, não porque é judeu, católico, protestante, alemão, italiano etc.” · «—» · [V via Estudo VII, 3.1; localização a confirmar]
5. 5.1 · Estudo XIII, 1.11 · “humanismo abstrato” · «—» · [V via Estudo XIII, 1.11; tese a confirmar, na voz da tradição]
6. 5.1 · decisão n.º 8 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · “sem que o rio vire espaço público” · «—» · [decisão do fundador]
7. 5.1 · Estudo XV, 1.10 · “não decide entre o teísmo de Taylor e o humanismo exclusivo” · «—» · [V via Estudo XV, 1.10]
8. 5.1 · Estudo XV, 5.5 e 6.2 · “fica fora dessa divergência” · «—» · [V via Estudo XV, 5.5]
9. 5.2 · decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII (a nota não numera; numeração pela ordem das linhas) · “A luz é dada antes de qualquer relação; o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la” · «—» · [decisão do fundador]

10. 5.2 · decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “A Lux é valor; a capacidade é poder” · «—» · [decisão do fundador]
11. 5.2 · decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “A Lux admite graus de visão, nunca de valor” · «—» · [decisão do fundador]
12. 5.2 · decisão n.º 1 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · “como estrutura”; “a dignidade antes do mérito, que o cânon diz ‘anterior a qualquer conquista ou circunstância’ e que a *imago Dei* ensinou” · «—» · [decisão do fundador]
13. 5.2 · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o Bem não é nome da Luz”; “a fonte continua sem nome no cânon” · «—» · [decisão do fundador]
14. 5.2 · decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · “‘Transcendência’ tem ao menos quatro usos, e nenhum é nome da Lux”; “o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico” · «—» · [decisão do fundador]
15. 5.2 · decisão n.º 1 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV · “do nome, não da fonte” · «—» · [decisão do fundador]
16. 5.2 · decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “entra como lugar da pessoa” · «—» · [decisão do fundador]
17. 5.2 · decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “a Vigília promete presença, não vitória, e o cânon não diz que a noite é prova” · «—» · [decisão do fundador]
18. 5.2 · decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” · «—» · [decisão do fundador]
19. 5.2 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “fronteira da série” · «—» · [decisão do fundador]
20. 5.2 · decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte” · «—» · [decisão do fundador]
21. 5.3 · decisão n.º 9 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · “não diz nada” · «—» · [decisão do fundador]
22. 5.3 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém” · «—» · [letra do cânon]
23. 5.3 · Catecismo, 5 · “pode ser vivida por quem crê e por quem não crê” · «—» · [escrito do cânon]
24. 5.3 · Catecismo, 27 · “não é preciso nenhum nome religioso para ser fiel à luz” · «—» · [escrito do cânon]
25. 5.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I (Lux) · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” · «—» · [letra do cânon]
26. 5.5 · Catecismo, 24 · “A decisão é sempre de quem caminha” · «—» · [escrito do cânon]
27. 5.5 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Ritmo diário · “Examinar. As duas perguntas do pilar I” · «—» · [letra do cânon]
28. 5.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado” · «—» · [letra do cânon]
29. 5.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV (Corpus) · “A transcendência passa pela matéria” · «—» · [letra do cânon]
30. 5.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I (Lux) · “A luz não se acende — ela se revela” · «—» · [letra do cânon]

31. 5.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” · «—» · [letra do cânon]
32. 5.5 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A Vigília promete presença, não vitória” · «—» · [letra do cânon]

Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

O humanismo

1. 6.1, 6.2, 6.3, 6.4 (ver 1.10) · *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (*Universal Declaration of Human Rights*), Organização das Nações Unidas, 1948, Preâmbulo, primeiro considerando · “dignidade inerente a todos os membros da família humana” · «inherent dignity and of the equal and inalienable rights of all members of the human family» · [V-en; versão oficial das Nações Unidas em português]
2. 6.1, 6.4 · *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948, Artigo 1 · “espírito de fraternidade” · «in a spirit of brotherhood» · [V-en]
3. 6.1, 6.2, 6.4, 6.5 · Kant, *Fundamentação da metafísica dos costumes* (*Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*), 1785, Akademie-Ausgabe, IV, 434 · “acima de todo preço” · «über allen Preis erhaben» · [V-de]
4. 6.1 · Kant, *Fundamentação*, 1785, Akademie-Ausgabe, IV, 436 · “A autonomia é, pois, o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda natureza racional” · «Autonomie ist also der Grund der Würde der menschlichen und jeder vernünftigen Natur» · [V-de]
5. 6.3 · Kant, *Fundamentação*, 1785, Akademie-Ausgabe, IV, 435 · “um valor interno, isto é, dignidade” · «einen innern Werth, d. i. Würde» · [V-de]
6. 6.1, 6.5 · Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486, § 5 · “na forma que preferires” · «in quam malueris tute formam effingas» · [V-la; edição a confirmar]
7. 6.1, 6.3, 6.5 · Comte, *Catecismo positivista* (*Catéchisme positiviste*), 1852, terceira parte, pp. 272–273 · “substituindo nele Deus pela Humanidade” · «en y remplaçant Dieu par l’Humanité» · [V-fr]
8. 6.1 (ver 3.2) · Comte, *Catecismo positivista*, 1852, Introdução, p. 19 · “na única noção de um ser imenso e eterno, a Humanidade”; “o Progresso por fim” · «la seule notion d’un être immense et éternel, l’Humanité»; «L’Amour pour principe, l’Ordre pour base, et le Progrès pour but» · [V-fr]
9. 6.1 (ver 3.2) · *Manifesto Humanista* I (*A Humanist Manifesto*), 1933, oitava tese · “humanismo religioso”; “no aqui e agora” · «Religious humanism»; «here and now» · [V-en]
10. 6.1, 6.3 · *Manifesto Humanista* II (*Humanist Manifesto II*), American Humanist Association, 1973, primeira tese · “começamos com os humanos, não com Deus” · «we begin with humans not God» · [V-en]
11. 6.1 · Maritain, *Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), edição espanhola, Buenos Aires: Lohlé, 1966, p. 30 · o humanismo teocêntrico oposto ao antropocêntrico · «—» · [paráfrase; V via secundária: Maritain, em espanhol]
12. 6.1, 6.3, 6.4, 6.5 · *Manifesto Humanista* III (*Humanism and Its Aspirations*), American Humanist Association, 2003 · “Aceitamos nossa vida como o todo e o bastante” · «We accept our life as all and enough» · [V-en]

13. 6.1 · Gélio, *Noites áticas* (*Noctes Atticae*), XIII, 17, 1 · “quase o que os gregos chamam *paideía*” · «quod Graeci paideian vocant» · [V-la; edição a confirmar]
14. 6.1 · Humboldt, *Ideias para um ensaio de determinar os limites da ação do Estado* (*Ideen zu einem Versuch, die Grenzen der Wirksamkeit des Staats zu bestimmen*), cap. II · “a formação mais elevada e mais proporcionada de suas forças num todo” · «ist die höchste und proportionirlichste Bildung seiner Kräfte zu einem Ganzen» · [V-de; página a confirmar]
15. 6.1 · Kant, “Que é o Esclarecimento?” (*Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*), 1784, Akademie-Ausgabe, VIII, 39 · “seria um crime contra a natureza humana” · «Das wäre ein Verbrechen wider die menschliche Natur, deren ursprüngliche Bestimmung gerade in diesem Fortschreiten besteht» · [V-de]
16. 6.4 · Kant, “Que é o Esclarecimento?”, 1784, Akademie-Ausgabe, VIII, 35 · “um pastor de almas que tem consciência por mim” · «einen Seelsorger, der für mich Gewissen hat» · [V-de]
17. 6.1, 6.4 · *Declaração de Amsterdã* (*Amsterdam Declaration*), Humanists International, revisão de 2002 · “afirma o valor, a dignidade e a autonomia do indivíduo”; “sem necessitar de sanção externa” · «It affirms the worth, dignity and autonomy of the individual»; «needing no external sanction» · [V-en]
18. 6.1 · Heidegger, *Carta sobre o humanismo* (*Brief über den Humanismus*), 1947, trad. ingl. Capuzzi, pp. 152–153 · “todo humanismo ou se funda numa metafísica” · «Every humanism is either grounded in a metaphysics or is itself made to be the ground of one.» · [V-en: Capuzzi]
19. 6.1 · Cícero, *Dos deveres* (*De officiis*), III, 27 · “pela única razão de que este é homem” · «ob eam ipsam causam, quod is homo sit» · [V-la]
20. 6.1 · Sepúlveda, *Demócrates segundo* (*Democrates alter*), c. 1545, ed. Losada, 1984, p. 35 · “homenzinhos [*homunculos*] nos quais mal se podem encontrar restos de humanidade” · «hombrecillos [homunculos] en los que apenas se pueden encontrar restos de humanidad» · [V via secundária: Castilla Urbano, 2010]
21. 6.1 · Huxley, *UNESCO: seu propósito e sua filosofia* (*UNESCO: Its Purpose and Its Philosophy*), 1946, p. 21 · “fato-base” da eugenia · «Biological inequality is, of course, the bedrock fact on which all of eugenics is predicated» · [V-en; página a confirmar]
22. 6.1, 6.3 · Kant, *O conflito das faculdades* (*Der Streit der Fakultäten*), 1798, Akademie-Ausgabe, VII, 63, nota · “disso não estou certo e nem posso vir a estar” · «davon bin ich nicht gewiß und kann es auch nicht werden» · [V-de]
23. 6.1, 6.3 · Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos* (*Ökonomisch-philosophische Manuskripte*), 1844, terceiro manuscrito · “é, como naturalismo plenamente desenvolvido, humanismo” · «Dieser Kommunismus ist als vollendeter Naturalismus Humanismus» · [V-de; localização a confirmar]
24. 6.3 · Beccaria, *Dos delitos e das penas* (*Dei delitti e delle pene*), 1764, cap. 16 · “um homem não pode chamar-se réu antes da sentença do juiz” · «Un uomo non può chiamarsi reo prima della sentenza del giudice» · [V-it]
25. 6.3 · Althusser, “Marxismo e humanismo” (“Marxisme et humanisme”), 1964 · o humanismo como conceito ideológico · «—» · [paráfrase; frase exata a confirmar]
26. 6.4 · Russell, “A adoração do homem livre” (“A Free Man’s Worship”), 1903 · “sobre o fundamento firme de um desespero sem concessão” · «only on the firm foundation of unyielding despair» · [V-en; data a confirmar]

27. 6.4 · Erasmo, *Queixa da paz* (*Querela pacis*), 1517, V · “o nome comum de homem” · «commune hominis vocabulum» · [V-la]
28. 6.3 · Montaigne, *Ensaios* (*Essais*), III, 2 · “a consciência de um homem” · «de la conscience d’un homme» · [V-fr; página a confirmar]

A tradição

1. 6.1 · Copenhaver, “Giovanni Pico della Mirandola”, *Stanford Encyclopedia of Philosophy* · a dignidade de Pico escrita “por nós, pós-kantianos” · «—» · [V via secundária: Copenhaver]

O cânon e os escritos

1. 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 6.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I (Lux) · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela” · — · «—» · [letra do cânon]
2. 6.1, 6.3, 6.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II (Flumen) · “Ninguém começa do zero” · — · «—» · [letra do cânon]
3. 6.1, 6.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV (Corpus) · “A transcendência passa pela matéria” · — · «—» · [letra do cânon]
4. 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 6.5 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” · — · «—» · [letra do cânon]
5. 6.1, 6.3, 6.4 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta” · — · «—» · [letra do cânon]
6. 6.1, 6.3, 6.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”; “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” · — · «—» · [letra do cânon]
7. 6.1, 6.3, 6.4 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “promete presença, não vitória”; “a luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite” · — · «—» · [letra do cânon]
8. 6.2, 6.4 · Catecismo, 24 · “A decisão é sempre de quem caminha” · — · «—» · [escrito do cânon]
9. 6.3 · Tratado da Vigília · “não precisa do fim para valer” · — · «—» · [escrito do cânon]
10. 6.2, 6.3 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto, respeitando a independência confessional”; Mounier, Buber e Arendt, “sem se filiar a nenhuma” · — · «—» · [escrito do cânon]
11. 6.3 · Disputatio, 2, “Sed contra” · estar inteiro onde o corpo sofre · — · «—» · [escrito do cânon]
12. 6.1, 6.2, 6.3 · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “a fonte continua sem nome no cânon” · — · «—» · [decisão do fundador]
13. 6.3 · decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · o veto “sem voz externa” · — · «—» · [decisão do fundador]
14. 6.1, 6.2 · decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a hipótese do VII “registrada como leitura” · — · «—» · [decisão do fundador]
15. 6.1, 6.3 · decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega” · — · «—»

· [decisão do fundador]

16. 6.3 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV; n.º 11 de 06/11/2026 sobre os Estudos V e VI; n.º 11 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV; n.º 10 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV · o padrão das fronteiras · — · «—» · [decisão do fundador]
17. 6.1, 6.3 · decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “o rio continua sem ser programa político” · — · «—» · [decisão do fundador]
18. 6.3 · decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · o cânon não diz que a noite é prova · — · «—» · [decisão do fundador]
19. 6.3 · decisões n.º 2 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV e n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI · o *ātman* e o Tao como estrutura, nunca nome da Luz · — · «—» · [decisão do fundador]
20. 6.2, 6.4 · decisão n.º 1 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · “o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção”; “a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado” · — · «—» · [decisão do fundador]
21. 6.1 · decisões n.º 6 e n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · lido “sem dizer nada do depois”; “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux · — · «—» · [decisão do fundador]
22. 6.1, 6.3 · decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · Moriá, (j) segue como está · — · «—» · [decisão do fundador]
23. 6.2 · decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · “a luz é dada” antes de qualquer relação · — · «—» · [decisão do fundador]
24. 6.1, 6.2 · decisões n.º 1 e n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · a Lux não se nomeia por contraste; o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico · — · «—» · [decisão do fundador]
25. 6.2, 6.4 · decisão n.º 1 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV · “recusa o nome”, não “recusa a fonte” · — · «—» · [decisão do fundador]
26. 6.4 · decisão do fundador de 21/11/2026 sobre a ordem da série · Kierkegaard (XVII), Spinoza (XVIII), Kant (XIX), Pascal (XX) · — · «—» · [decisão do fundador]

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES

Conferências pendentes

Este estudo traz 501 linhas de Fontes, no Prólogo e nos seis capítulos. Dessas, 137 levam um marcador de conferência: 117 levam “a confirmar” (de página, edição, localização, tese, data, atribuição, frase exata, numeração, obra ou capítulo) e 29 levam [paráfrase], isto é, a tese sem a letra; 9 levam os dois. Cada uma dessas Fontes vira abaixo uma linha com três partes: o que falta conferir, onde está (capítulo, seção e número da Fonte) e como conferir (a edição a abrir). As linhas estão agrupadas por obra, na ordem da bibliografia, e o número que abre cada grupo é o da entrada na bibliografia. Ao fim, o Painel de verificação traz as contagens por capítulo e por marcador, e uma seção curta lista as lacunas que as Fontes declaram sem usar esses marcadores (contagens feitas pelo estudo, listas não conferidas, tradutor não identificado). Nada abaixo é doutrina: são dados de fonte, página, edição e numeração que a leitura de um exemplar em mãos pode fechar. Toda passagem lida em texto em linha, sem paginação, deve ser conferida numa edição paginada antes de a versão sair para a leitura do fundador. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

As Fontes divergem entre si em quatro pontos, que ficam a fechar e que a bibliografia registra nas entradas respectivas: a coleção que hospeda o excerto de Niethammer (capítulo 1: German History in Documents and Images; capítulo 2: German History Intersections, documento 132); a fonte do texto de Sêneca, carta 95 (1.2 e 5.1: Wikisource latina; 2.6: The Latin Library); a grafia do título de Las Casas (1.12: “historia sumaria”; 4.4: “história sumária”); e o nome do repositório da carta de Petrarca (1.3: Internet Medieval Sourcebook da Fordham; 2.4: Fordham Internet History Sourcebook). A sigla UNESCO, que aparece no título de Huxley, é a da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

n.º 1 · Gélio, Noites áticas

- Gélio, *Noites áticas* (*Noctes Atticae*), XIII, 17, 1, The Latin Library — “quase o que os gregos chamam *paideía*, e nós dizemos instrução e formação nas boas artes” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.1, Fonte n.º 1 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa das *Noites áticas* (XIII, 17, 1) e cotejar com o texto em linha da The Latin Library.
- Gélio, *Noites áticas*, XIII, 17, 1; The Latin Library — “quase o que os gregos chamam *paideía*” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.5, Fonte n.º 17 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa das *Noites áticas* (XIII, 17, 1) e cotejar com o texto em linha da The Latin Library.
- Gélio, *Noites áticas* (*Noctes Atticae*), XIII, 17, 1 — “chamaram *humanitas* quase o que os gregos chamam *paideía*, e nós dizemos instrução e…” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 3, seção 3.4, Fonte n.º 14 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa das *Noites áticas* (XIII, 17, 1) e cotejar com o texto em linha da The Latin Library.
- Gélio, *Noites áticas* (*Noctes Atticae*), XIII, 17, 1 — “quase o que os gregos chamam *paideía*” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 6, seção 6.1, Fonte n.º 13 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa das *Noites áticas* (XIII, 17, 1) e cotejar com o texto em linha da The Latin Library.

n.º 5 · Sêneca, Cartas a Lucílio

- Sêneca, *Cartas a Lucílio* (*Epistulae ad Lucilium*), 95, 52–53, texto latino da Wikisource latina, sem edição crítica — “somos membros de um grande corpo. A natureza nos fez parentes, ao nos gerar dos mesmos…” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.2, Fonte n.º 6 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa das *Cartas a Lucílio* (carta 95, §§ 33 e 52–53) e cotejar com a Wikisource latina (1.2, 5.1) e com a The Latin Library (2.6).
- Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 95, 33, texto latino da Wikisource latina, sem edição crítica — “O homem, coisa sagrada para o homem, já é morto por jogo e brincadeira” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.2, Fonte n.º 7 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa das *Cartas a Lucílio* (carta 95, §§ 33 e 52–53) e cotejar com a Wikisource latina (1.2, 5.1) e com a The Latin Library (2.6).

n.º 7 · Petrarca, Familiares

- Petrarca, *Familiares*, IV, 1, a Dionigi da Borgo San Sepolcro, trad. J. H. Robinson, Internet Medieval Sourcebook da Fordham — “E os homens vão admirar os cumes das montanhas, e as grandes ondas do mar, e o vasto…” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.3, Fonte n.º 11 · como conferir: abrir a tradução de Robinson no Internet Medieval Sourcebook da Fordham (ou a edição impressa de que ela sai), dar a página e cotejar com o latim de *Familiares* IV, 1.
- Petrarca, *Familiares*, IV, 1, trad. Robinson — “que nada é admirável senão a alma, a qual, quando é grande, nada encontra de grande fora…” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.3, Fonte n.º 12 · como conferir: abrir a tradução de Robinson no Internet Medieval Sourcebook da Fordham (ou a edição impressa de que ela sai), dar a página e cotejar com o latim de *Familiares* IV, 1.
- Petrarca, *Familiares*, IV, 1, trad. Robinson — “voltei para mim o olhar interior” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.3, Fonte n.º 13 · como conferir: abrir a tradução de Robinson no Internet Medieval Sourcebook da Fordham (ou a edição impressa de que ela sai), dar a página e cotejar com o latim de *Familiares* IV, 1.
- Petrarca, carta a Dionigi da Borgo San Sepolcro, *Familiares*, IV, 1; tradução inglesa de J. H. Robinson, Fordham Internet… — “voltei para mim o olhar interior” · falta: página a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.4, Fonte n.º 14 · como conferir: abrir a tradução de Robinson no Internet Medieval Sourcebook da Fordham (ou a edição impressa de que ela sai), dar a página e cotejar com o latim de *Familiares* IV, 1.

n.º 8 · Pico della Mirandola, Discurso sobre a dignidade do homem

- Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486, § 5 — “na forma que preferires” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: Prólogo, Fonte n.º 9 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem*, 1486, § 6 — ter o que deseja, ser o que quer · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: Prólogo, Fonte n.º 10 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.

- Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486, texto latino da Latin Library,… — “Grande milagre, ó Asclépio, é o homem” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.4, Fonte n.º 14 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico, *Discurso*, § 5, pars. 17–18 — “Nem lugar certo, nem rosto próprio, nem dom algum peculiar te demos, ó Adão, para que o…” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.4, Fonte n.º 15 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico, *Discurso*, § 5, pars. 19–23 — “Tu, não coagido por limite algum, defini-la-ás para ti, segundo o teu arbítrio” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.4, Fonte n.º 16 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico, *Discurso*, § 5, pars. 19–23 — “para que, de ti mesmo quase árbitro e honrado escultor e plasmador, te modeles na forma…” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.4, Fonte n.º 17 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico, *Discurso*, § 6, pars. 24–31 — “A quem foi dado ter o que deseja, ser o que quer” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.4, Fonte n.º 18 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico, *Discurso*, § 6 — “as que cada um cultivar” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.4, Fonte n.º 19 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico, *Discurso*, § 6 — “se recolher no centro da sua unidade, feito um só espírito com Deus” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.4, Fonte n.º 20 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico, *Discurso*, § 7, pars. 32–34 — “Quem não admirará este nosso camaleão?” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.4, Fonte n.º 21 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico, *Discurso*, § 10, pars. 50–53 — “na dignidade e na glória” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.4, Fonte n.º 22 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico, *Discurso*, § 20, par. 109 — “as vantagens e a dignidade” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.4, Fonte n.º 23 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486, § 5; texto digital da The… — “nem lugar certo, nem rosto próprio” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.1, Fonte n.º 5 · como conferir: abrir uma

edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.

- Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), § 5 — “na forma que preferires” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 3, seção 3.1, Fonte n.º 2 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486, § 34, edição eletrônica da… — “a concórdia de Platão e Aristóteles, crida por muitos antes, provada suficientemente por…” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 4, seção 4.1, Fonte n.º 1 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico (renascentista), *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486, § 5, texto da Latin Library,… — “Nem lugar certo, nem rosto próprio […] te demos, ó Adão” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 5, seção 5.5, Fonte n.º 16 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.
- Pico della Mirandola, *Discurso sobre a dignidade do homem* (*Oratio de hominis dignitate*), 1486, § 5 — “na forma que preferires” · falta: edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 6, seção 6.1, 6.5, Fonte n.º 6 · como conferir: abrir uma edição crítica impressa da *Oratio*, dizer de qual edição vem o texto em linha da The Latin Library e dar a página correspondente aos parágrafos citados.

n.º 10 · Montaigne, Ensaios

- Montaigne, *Ensaios* (*Essais*), “Ao leitor”, 1580, Exemplar de Bordeaux, edição em linha da Wikisource — “É aqui um livro de boa-fé, leitor. […] é a mim que pinto. […] Assim, leitor, eu mesmo sou…” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.7, Fonte n.º 39 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, III, 2, “Do arrepender-se” — “Não pinto o ser. Pinto a passagem” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.7, Fonte n.º 40 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, III, 2 — “a minha consciência se contenta consigo: não como a consciência de um anjo ou de um…” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.7, Fonte n.º 41 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, I, 26, “Da educação das crianças” — “Saber de cor não é saber” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.7, Fonte n.º 42 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, I, 26 — “Não é uma alma, não é um corpo que se adestra: é um homem; não se deve fazer dele dois” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.7, Fonte n.º 43 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.

- Montaigne, *Ensaios*, II, 12, “Apologia de Raymond Sebond” — “A presunção é a nossa doença natural e originária. A mais calamitosa e frágil de todas as…” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.7, Fonte n.º 44 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, II, 12 — “Que sei eu?” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.7, Fonte n.º 45 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, II, 12 — “quem sabe se ela não passa o tempo comigo mais do que eu com ela?” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.7, Fonte n.º 46 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, III, 13, “Da experiência” — “Não há nada tão belo e legítimo quanto fazer bem e devidamente o homem” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.7, Fonte n.º 47 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, III, 13 — “É uma absoluta perfeição, e como divina, saber gozar lealmente do seu ser” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.7, Fonte n.º 48 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios* (*Essais*), III, 2, “Do arrepender-se”; Exemplar de Bordeaux, em linha (base da edição Villey–Saulnier;… — “a consciência de um homem” · falta: página a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.2, Fonte n.º 9 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, III, 2; Exemplar de Bordeaux, em linha — “Eu não ensino, eu conto” · falta: página a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.4, Fonte n.º 15 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, III, 2 · falta: localização exata a confirmar / [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 2, seção 2.4, Fonte n.º 16 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, I, 26; Exemplar de Bordeaux, em linha — “Não é uma alma, não é um corpo que se adestra: é um homem” · falta: página a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.7, Fonte n.º 24 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, III, 13; Exemplar de Bordeaux, em linha — “fazer bem e devidamente o homem” · falta: página a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.7, Fonte n.º 25 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, I, 31, “Dos canibais”; Exemplar de Bordeaux, em linha — “cada um chama barbárie ao que não é do seu uso” · falta: página a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.8, Fonte n.º 29 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.

- Montaigne, *Ensaios*, II, 12; Exemplar de Bordeaux, em linha — “a mais calamitosa e frágil de todas as criaturas”; “a mais orgulhosa” · falta: página a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.11, Fonte n.º 34 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne (renascentista), *Ensaios* (*Essais*), III, 2, “Do arrepender-se”, Exemplar de Bordeaux, em linha — “Não pinto o ser. Pinto a passagem” · falta: página a confirmar · onde: cap. 5, seção 5.5, Fonte n.º 13 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios*, I, 26, Exemplar de Bordeaux, em linha — “Não é uma alma, não é um corpo que se adestra: é um homem” · falta: página a confirmar · onde: cap. 5, seção 5.5, Fonte n.º 15 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.
- Montaigne, *Ensaios* (*Essais*), III, 2 — “a consciência de um homem” · falta: página a confirmar · onde: cap. 6, seção 6.3, Fonte n.º 28 · como conferir: abrir o Exemplar de Bordeaux em linha e a edição de Villey e Saulnier; dar livro, capítulo e página de cada passagem.

n.º 14 · Erasmo, Queixa da paz

- Erasmo, *Queixa da paz* (*Querela pacis*), texto latino da Latin Library; edição de Basileia e paginação a confirmar — “inerme e fraco, e a salvo apenas por aliança e necessidade mútua” · falta: página; edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 4, seção 4.4, Fonte n.º 3 · como conferir: abrir uma edição impressa da *Querela pacis* (a de Basileia, segundo a Fonte) e dar a paginação; cotejar com a The Latin Library.

n.º 17 · Erasmo, frase atribuída

- Frase atribuída a Erasmo — “se é próprio do cristão detestar os judeus, somos todos cristãos de sobra” · falta: atribuição a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.12, Fonte n.º 110 · como conferir: achar a obra (e a edição) de que sai a frase; sem isso, a frase não se cita.

n.º 18 · Maritain, Humanismo integral

- Maritain, *Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), edição espanhola, Buenos Aires: Lohlé, 1966, p. 30 — o humanismo teocêntrico oposto ao antropocêntrico · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: Prólogo, Fonte n.º 13 · como conferir: abrir *Humanismo integral* na edição espanhola de Lohlé (Buenos Aires, 1966), pp. 12 e 30, e, para o francês, na edição de 1936.
- Maritain, *Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), tradução espanhola, Buenos Aires: Lohlé, 1966, p. 30 · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 3, seção 3.3, Fonte n.º 11 · como conferir: abrir *Humanismo integral* na edição espanhola de Lohlé (Buenos Aires, 1966), pp. 12 e 30, e, para o francês, na edição de 1936.
- Maritain, *Humanismo integral*, tradução espanhola, 1966, p. 12 · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 3, seção 3.6, Fonte n.º 19 · como conferir: abrir *Humanismo integral* na edição espanhola de Lohlé (Buenos Aires, 1966), pp. 12 e 30, e, para o francês, na edição de 1936.

- Maritain, *Humanismo integral*, ed. Lohlé, 1966, p. 30 · falta: localização exata a confirmar / [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 4, seção 4.4, Fonte n.º 5 · como conferir: abrir *Humanismo integral* na edição espanhola de Lohlé (Buenos Aires, 1966), pp. 12 e 30, e, para o francês, na edição de 1936.
- Maritain, *Humanismo integral*, edição espanhola, Lohlé, 1966, p. 30 — o humanismo teocêntrico, o cristão, contraposto ao antropocêntrico (sem aspas) · falta: página a confirmar / [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 5, seção 5.5, Fonte n.º 20 · como conferir: abrir *Humanismo integral* na edição espanhola de Lohlé (Buenos Aires, 1966), pp. 12 e 30, e, para o francês, na edição de 1936.
- Maritain, *Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), edição espanhola, Buenos Aires: Lohlé, 1966, p. 30 — o humanismo teocêntrico oposto ao antropocêntrico · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 6, seção 6.1, Fonte n.º 11 · como conferir: abrir *Humanismo integral* na edição espanhola de Lohlé (Buenos Aires, 1966), pp. 12 e 30, e, para o francês, na edição de 1936.

n.º 22 · Humboldt, Ideias para um ensaio…

- Humboldt, *Ideias para um ensaio de determinar os limites da ação do Estado* (*Ideen zu einem Versuch, die Grenzen der… — “O verdadeiro fim do homem […] é a formação mais elevada e mais proporcionada de suas…” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.8, Fonte n.º 56 · como conferir: abrir o fac-símile do Internet Archive da edição de Breslau (Trewendt, 1851) e dar a página do capítulo II.
- Humboldt, *Ideias para um ensaio de determinar os limites da ação do Estado* (*Ideen zu einem Versuch, die Grenzen der… — “a formação mais elevada e mais proporcionada de suas forças num todo” · falta: página a confirmar · onde: cap. 3, seção 3.4, Fonte n.º 15 · como conferir: abrir o fac-símile do Internet Archive da edição de Breslau (Trewendt, 1851) e dar a página do capítulo II.
- Humboldt, *Ideias para um ensaio de determinar os limites da ação do Estado* (*Ideen zu einem Versuch, die Grenzen der… — “a formação mais elevada e mais proporcionada de suas forças num todo” · falta: página a confirmar · onde: cap. 6, seção 6.1, Fonte n.º 14 · como conferir: abrir o fac-símile do Internet Archive da edição de Breslau (Trewendt, 1851) e dar a página do capítulo II.

n.º 23 · Niethammer, A disputa entre o filantropinismo e o humanismo

- Niethammer, *Der Streit des Philanthropinismus und Humanismus in der Theorie des Erziehungs-Unterrichts unsrer Zeit*, Jena, 1808,… — “O ensino de formação tem um fim próprio, existente por si, a formação geral do homem” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.1, Fonte n.º 3 · como conferir: abrir o excerto em linha (German History in Documents and Images, ou German History Intersections, doc. 132: decidir qual) e, se possível, a edição de Jena, 1808.
- Niethammer, *A disputa entre o filantropinismo e o humanismo*, 1808, I, 1; excerto do German History Intersections, doc. 132 — “a formação geral do homem” · falta: página a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.5, Fonte n.º 18 · como conferir: abrir o excerto em linha

(German History in Documents and Images, ou German History Intersections, doc. 132: decidir qual) e, se possível, a edição de Jena, 1808.

n.º 24 · Beccaria, Dos delitos e das penas

- Beccaria, *Dos delitos e das penas* (*Dei delitti e delle pene*), cap. 16, "Della tortura"; LiberLiber, 2003, a partir de Mursia,… — "um homem não pode chamar-se réu antes da sentença do juiz" · falta: numeração (parágrafo, §, equivalência) a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.9, Fonte n.º 31 · como conferir: abrir *Dei delitti e delle pene*, cap. 16, na edição Mursia (1973), de que parte o texto da LiberLiber (2003), e dar o parágrafo.
- Beccaria, *Dos delitos e das penas* (*Dei delitti e delle pene*), cap. 16, "Da tortura" — "um homem não pode chamar-se réu antes da sentença do juiz" · falta: numeração (parágrafo, §, equivalência) a confirmar · onde: cap. 3, seção 3.12, Fonte n.º 34 · como conferir: abrir *Dei delitti e delle pene*, cap. 16, na edição Mursia (1973), de que parte o texto da LiberLiber (2003), e dar o parágrafo.

n.º 25 · Mill, Sobre a liberdade

- Mill, *Sobre a liberdade* (*On Liberty*), cap. III, Standard Ebooks, a partir do texto de 1859 — "não é uma máquina a ser construída segundo um modelo […], mas uma árvore, que precisa…" · falta: localização exata a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.8, Fonte n.º 57 · como conferir: abrir *On Liberty*, cap. III, numa edição paginada (o texto da Standard Ebooks não é paginado) e dar página e parágrafo.
- Mill, *Sobre a liberdade* (*On Liberty*), 1859, cap. III — "uma árvore, que precisa crescer e desenvolver-se por todos os lados" · falta: numeração (parágrafo, §, equivalência) a confirmar · onde: cap. 3, seção 3.7, Fonte n.º 20 · como conferir: abrir *On Liberty*, cap. III, numa edição paginada (o texto da Standard Ebooks não é paginado) e dar página e parágrafo.

n.º 27 · Hegel, Linhas fundamentais da filosofia do direito

- Hegel, *Linhas fundamentais da filosofia do direito*, § 209, Observação; via Estudo VII, 3.1 — "o homem vale assim porque é homem, não porque é judeu, católico, protestante, alemão,…" · falta: localização exata a confirmar · onde: cap. 5, seção 5.1, Fonte n.º 30 · como conferir: abrir as *Linhas fundamentais da filosofia do direito*, § 209, Observação, e o Estudo VII, 3.1, por onde chegou.

n.º 28 · Feuerbach, A essência do cristianismo

- Feuerbach, *A essência do cristianismo* (*Das Wesen des Christentums*), 1841, I, cap. 2, Reclam, 1988, sem paginação,… — "A consciência de Deus é a autoconsciência do homem, o conhecimento de Deus é o…" · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.9, Fonte n.º 58 · como conferir: abrir uma edição paginada (a Reclam de 1988 ou outra); o texto de projekt-gutenberg.org não é paginado.
- Feuerbach, *A essência do cristianismo*, Prefácio, mesma edição — "o segredo da teologia é a antropologia" · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.9, Fonte n.º 59 · como conferir: abrir uma edição paginada (a Reclam de 1988 ou outra); o texto de projekt-gutenberg.org não é paginado.

- Feuerbach, *A essência do cristianismo*, I, cap. 16, mesma edição — “O homem é Deus para o homem” (citação interna do próprio autor)” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.9, Fonte n.º 60 · como conferir: abrir uma edição paginada (a Reclam de 1988 ou outra); o texto de projekt-gutenberg.org não é paginado.
- Feuerbach, *A essência do cristianismo*, “Schlußanwendung”, mesma edição — “*Homo homini Deus est* — este é o princípio prático supremo, este é o ponto de virada da…” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.9, Fonte n.º 61 · como conferir: abrir uma edição paginada (a Reclam de 1988 ou outra); o texto de projekt-gutenberg.org não é paginado.

n.º 30 · Marx, Manuscritos econômico-filosóficos

- Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos* (*Ökonomisch-philosophische Manuskripte*), 3.º manuscrito, *Marx-Engels-Werke*, vol.… — “Esse comunismo é, como naturalismo plenamente desenvolvido, humanismo, e, como humanismo…” · falta: tese a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.9, Fonte n.º 62 · como conferir: abrir Marx-Engels-Werke, vol. 40, pp. 536 e 538, e a tradução de Milligan; conferir se o sinal de igualdade da fórmula corrente aparece no texto.
- Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos* (*Ökonomisch-philosophische Manuskripte*), 1844, terceiro manuscrito, Marx-Engels-Werke… — “é, como naturalismo plenamente desenvolvido, humanismo, e, como humanismo plenamente…” · falta: localização exata a confirmar · onde: cap. 3, seção 3.12, Fonte n.º 36 · como conferir: abrir Marx-Engels-Werke, vol. 40, pp. 536 e 538, e a tradução de Milligan; conferir se o sinal de igualdade da fórmula corrente aparece no texto.
- Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos* (*Ökonomisch-philosophische Manuskripte*), 1844, terceiro manuscrito — “é, como naturalismo plenamente desenvolvido, humanismo” · falta: localização exata a confirmar · onde: cap. 6, seção 6.1, 6.3, Fonte n.º 23 · como conferir: abrir Marx-Engels-Werke, vol. 40, pp. 536 e 538, e a tradução de Milligan; conferir se o sinal de igualdade da fórmula corrente aparece no texto.

n.º 31 · Marx, Teses sobre Feuerbach

- Marx, *Teses sobre Feuerbach*, 1845, tese VI — “o conjunto das relações sociais” · falta: página; edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 4, seção 4.5, Fonte n.º 9 · como conferir: abrir uma edição das *Teses sobre Feuerbach* (tese VI) e dar a edição e a página.

n.º 32 · Comte, Catecismo positivista

- Comte, *Catecismo positivista* (*Catéchisme positiviste*), 1852, Introdução, p. 3, fac-símile do Internet Archive — “A religião consiste, pois, em regular cada natureza individual e em reunir todas as…” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.9, Fonte n.º 64 · como conferir: abrir o fac-símile do Internet Archive do *Catecismo positivista* (1852), Introdução e terceira parte, e dar as páginas.
- Comte, *Catecismo positivista*, III, pp. 272–273 — “substituindo nele Deus pela Humanidade” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.9, Fonte n.º 66 · como conferir: abrir o fac-símile do Internet Archive do *Catecismo positivista* (1852), Introdução e terceira parte, e dar as páginas.
- Comte, *Catecismo positivista*, Introdução, p. 19 · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 3,

seção 3.6, Fonte n.º 18 · como conferir: abrir o fac-símile do Internet Archive do *Catecismo positivista* (1852), Introdução e terceira parte, e dar as páginas.

n.º 33 · Althusser, "Marxismo e humanismo"

- Althusser, "Marxismo e humanismo", 1964, tradução inglesa de Brewster · falta: frase exata a confirmar / [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 3, seção 3.12, Fonte n.º 37 · como conferir: abrir a tradução de Brewster (Marxists Internet Archive) de "Marxisme et humanisme" (1964), achar a frase e conferir o francês.
- Althusser, "Marxismo e humanismo", 1964, trad. inglesa Brewster, Marxists Internet Archive · falta: frase exata a confirmar / [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 4, seção 4.13, Fonte n.º 30 · como conferir: abrir a tradução de Brewster (Marxists Internet Archive) de "Marxisme et humanisme" (1964), achar a frase e conferir o francês.
- Althusser, "Marxismo e humanismo" ("Marxisme et humanisme"), 1964 — o humanismo como conceito ideológico · falta: frase exata a confirmar / [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 6, seção 6.3, Fonte n.º 25 · como conferir: abrir a tradução de Brewster (Marxists Internet Archive) de "Marxisme et humanisme" (1964), achar a frase e conferir o francês.

n.º 34 · Russell, "A adoração do homem livre"

- Russell, "A adoração do homem livre" (*A Free Man's Worship*), 1903, em *Mysticism and Logic*, Londres, Allen & Unwin, 1917,… — "o Homem é produto de causas que não previam o fim que realizavam" · falta: data a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.10, Fonte n.º 67 · como conferir: abrir *Mysticism and Logic* (Londres: Allen & Unwin, 1917) e conferir a data do ensaio (1903) e a da cópia usada.
- Russell, "A adoração do homem livre", mesma cópia — "sobre o fundamento firme de um desespero sem concessão" · falta: data a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.10, Fonte n.º 68 · como conferir: abrir *Mysticism and Logic* (Londres: Allen & Unwin, 1917) e conferir a data do ensaio (1903) e a da cópia usada.
- Russell, "A adoração do homem livre" ("A Free Man's Worship"), 1903; lido em *Mysticism and Logic*, Londres: Allen & Unwin, 1917 — "um desespero sem concessão" · falta: data a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.11, Fonte n.º 35 · como conferir: abrir *Mysticism and Logic* (Londres: Allen & Unwin, 1917) e conferir a data do ensaio (1903) e a da cópia usada.
- Russell, "A adoração do homem livre" ("A Free Man's Worship"), 1903 — "sobre o fundamento firme de um desespero sem concessão" · falta: data a confirmar · onde: cap. 6, seção 6.4, Fonte n.º 26 · como conferir: abrir *Mysticism and Logic* (Londres: Allen & Unwin, 1917) e conferir a data do ensaio (1903) e a da cópia usada.

n.º 35 · Huxley, Religião sem revelação

- Huxley, *Religião sem revelação* (*Religion without Revelation*), Londres e Nova York, Harper, 1927, Prefácio, p. 9 — "uma nova habitação para o seu espírito […] sobre a base de um humanismo científico. O…" · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.10, Fonte n.º 69 · como conferir: abrir a edição de Harper (1927), Prefácio, pp. 9 e 18.

- Huxley, *Religião sem revelação*, 1927, Prefácio, p. 18 — “o controle humano por esforço humano, de acordo com ideais humanos” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.10, Fonte n.º 70 · como conferir: abrir a edição de Harper (1927), Prefácio, pp. 9 e 18.

n.º 36 · Huxley, UNESCO: seu propósito e sua filosofia

- Huxley, *UNESCO: seu propósito e sua filosofia* (*UNESCO: Its Purpose and Its Philosophy*), Comissão Preparatória, 1946, p. 21 e… — “A desigualdade biológica é, evidentemente, o fato-base sobre o qual toda a eugenia se…” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.12, Fonte n.º 111 · como conferir: abrir o texto da Comissão Preparatória da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (1946), p. 21 e seguintes.
- Huxley, *UNESCO: seu propósito e sua filosofia* (*UNESCO: Its Purpose and Its Philosophy*), Comissão Preparatória da UNESCO,… — “a desigualdade biológica é, evidentemente, o fato-base sobre o qual toda a eugenia se…” · falta: página a confirmar · onde: cap. 3, seção 3.11, Fonte n.º 32 · como conferir: abrir o texto da Comissão Preparatória da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (1946), p. 21 e seguintes.
- Huxley (secular organizado), *UNESCO: Its Purpose and Its Philosophy*, 1946 — “A desigualdade biológica é, evidentemente, o fato-base sobre o qual toda a eugenia se…” · falta: página a confirmar · onde: cap. 5, seção 5.5, Fonte n.º 25 · como conferir: abrir o texto da Comissão Preparatória da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (1946), p. 21 e seguintes.
- Huxley, *UNESCO: seu propósito e sua filosofia* (*UNESCO: Its Purpose and Its Philosophy*), 1946, p. 21 — “fato-base” da eugenia” · falta: página a confirmar · onde: cap. 6, seção 6.1, Fonte n.º 21 · como conferir: abrir o texto da Comissão Preparatória da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (1946), p. 21 e seguintes.

n.º 37 · Dewey, Uma fé comum

- Dewey, *Uma fé comum* (*A Common Faith*), New Haven, Yale University Press, 1934, cap. II, p. 42 — “a unidade de todos os fins ideais que nos movem ao desejo e à ação” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.10, Fonte n.º 71 · como conferir: abrir *A Common Faith* (Yale University Press, 1934), cap. II, p. 42 (e cap. III, pp. 86–87).

n.º 38 · Lamont, A filosofia do humanismo

- Lamont, *A filosofia do humanismo* (*The Philosophy of Humanism*), 8.ª ed., Amherst, Humanist Press, 1997, pp. 190–191 — “últimos irredutíveis” (Mente, Amor, Bem e Liberdade, entre dezoito categorias)” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.10, Fonte n.º 88 · como conferir: abrir *The Philosophy of Humanism*, 8.ª ed. (Humanist Press, 1997), pp. 13–15 e 190–191.
- Lamont, *A filosofia do humanismo* (*The Philosophy of Humanism*), 8.ª ed., Amherst: Humanist Press, 1997, quarta proposição (pp.… · falta: página a confirmar / [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 2, seção 2.3, Fonte n.º 12 · como conferir: abrir *The Philosophy of Humanism*, 8.ª ed. (Humanist Press, 1997), pp. 13–15 e 190–191.
- Lamont, *A filosofia do humanismo*, 1997, quinta proposição — “todos os valores humanos em experiências e relações terrenas” · falta: página a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.7, Fonte n.º 26 · como conferir: abrir *The Philosophy of Humanism*, 8.ª ed. (Humanist Press, 1997), pp. 13–15 e 190–191.

- Lamont, *A filosofia do humanismo*, 1997, primeira proposição — “totalidade do ser” · falta: página a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.7, Fonte n.º 27 · como conferir: abrir *The Philosophy of Humanism*, 8.ª ed. (Humanist Press, 1997), pp. 13–15 e 190–191.
- Lamont, *A filosofia do humanismo* (*The Philosophy of Humanism*), 8.ª ed., Amherst: Humanist Press, 1997, pp. 190–191 — “recusa elevá-los a forças controladoras do cosmos como um todo” · falta: página; edição de que sai o texto a confirmar · onde: cap. 3, seção 3.4, Fonte n.º 13 · como conferir: abrir *The Philosophy of Humanism*, 8.ª ed. (Humanist Press, 1997), pp. 13–15 e 190–191.

n.º 46 · Heidegger, Carta sobre o humanismo

- Heidegger, *Carta sobre o humanismo* (*Brief über den Humanismus*), 1947, trad. inglesa de Frank A. Capuzzi, com a paginação de… — “Todo humanismo ou se funda numa metafísica ou é ele mesmo posto como fundamento de uma” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.11, Fonte n.º 92 · como conferir: abrir a tradução de Capuzzi (*Pathmarks*), com a paginação de *Wegmarken*, e cotejar com o alemão.
- Heidegger, *Carta sobre o humanismo*, trad. Capuzzi, pp. 159–161 — “O humanismo é contestado porque não coloca a *humanitas* do ser humano alto o bastante” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.11, Fonte n.º 93 · como conferir: abrir a tradução de Capuzzi (*Pathmarks*), com a paginação de *Wegmarken*, e cotejar com o alemão.
- Heidegger, *Carta sobre o humanismo*, trad. Capuzzi, pp. 172–173 — “O ser humano é o pastor do ser” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.11, Fonte n.º 94 · como conferir: abrir a tradução de Capuzzi (*Pathmarks*), com a paginação de *Wegmarken*, e cotejar com o alemão.
- Heidegger, *Carta sobre o humanismo*, trad. Capuzzi, pp. 172–173 — “consiste em ser chamado pelo próprio ser à guarda da verdade do ser” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.11, Fonte n.º 95 · como conferir: abrir a tradução de Capuzzi (*Pathmarks*), com a paginação de *Wegmarken*, e cotejar com o alemão.
- Heidegger, *Carta sobre o humanismo* (*Brief über den Humanismus*), pp. 152–153 e 159–161, tradução inglesa de Capuzzi — “todo humanismo ou se funda numa metafísica ou é ele mesmo posto como fundamento de uma”;…” · falta: página a confirmar · onde: cap. 3, seção 3.9, Fonte n.º 26 · como conferir: abrir a tradução de Capuzzi (*Pathmarks*), com a paginação de *Wegmarken*, e cotejar com o alemão.
- Heidegger (existencialista, crítico), *Carta sobre o humanismo* (*Brief über den Humanismus*), 1947, em Capuzzi (trad.),… — a tese de Sartre como inversão metafísica (sem aspas) · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 5, seção 5.1, Fonte n.º 4 · como conferir: abrir a tradução de Capuzzi (*Pathmarks*), com a paginação de *Wegmarken*, e cotejar com o alemão.

n.º 48 · Foucault, As palavras e as coisas

- Foucault, *As palavras e as coisas* (*Les mots et les choses*), Paris, Gallimard, 1966, Avant-propos — “é apenas uma invenção recente […], uma simples dobra em nosso saber” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.11, Fonte n.º 96 · como conferir: abrir *Les mots et les choses* (Gallimard, 1966), Avant-propos e fecho.
- Foucault, *As palavras e as coisas*, 1966, fecho — “pode-se apostar que o homem se apagaria, como na orla do mar um rosto de areia” · falta: página a confirmar · onde: cap. 1,

seção 1.11, Fonte n.º 97 · como conferir: abrir *Les mots et les choses* (Gallimard, 1966), Avant-propos e fecho.

- Foucault, *As palavras e as coisas* (*Les mots et les choses*), Paris: Gallimard, 1966, final — "O homem é uma invenção cuja arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente a data…" · falta: página a confirmar · onde: cap. 3, seção 3.9, Fonte n.º 28 · como conferir: abrir *Les mots et les choses* (Gallimard, 1966), Avant-propos e fecho.

n.º 51 · Arendt, As origens do totalitarismo

- Arendt, *As origens do totalitarismo*, cap. 9, via Estudo XIII, 1.11 — "sem perder […] a sua dignidade humana"; "só a perda da própria comunidade política o…" · falta: página a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.9, Fonte n.º 32 · como conferir: abrir *As origens do totalitarismo*, cap. 9, e o Estudo XIII, 1.11, por onde chegou; dar a página.

n.º 52 · Arendt, "Laudatio. Humanitas"

- Arendt, "Laudatio. Humanitas", 1958 — "Nunca se ganha a humanidade na solidão" · falta: página a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.6, Fonte n.º 23 · como conferir: abrir o texto de "Laudatio. Humanitas" (1958, discurso do Friedenspreis des Deutschen Buchhandels) e dar a página.
- Arendt, "Laudatio. Humanitas", Friedenspreis des Deutschen Buchhandels, 1958; páginas a confirmar — "o que os romanos chamavam *humanitas* […] É o mesmo que Kant e depois Jaspers entendem…" · falta: página a confirmar · onde: cap. 4, seção 4.9, Fonte n.º 13 · como conferir: abrir o texto de "Laudatio. Humanitas" (1958, discurso do Friedenspreis des Deutschen Buchhandels) e dar a página.
- Arendt, "Laudatio. Humanitas", 1958 — "Nunca se ganha a humanidade na solidão" · falta: página a confirmar · onde: cap. 4, seção 4.9, Fonte n.º 14 · como conferir: abrir o texto de "Laudatio. Humanitas" (1958, discurso do Friedenspreis des Deutschen Buchhandels) e dar a página.
- Arendt, "Laudatio. Humanitas", 1958 — "reino da *humanitas*, ao qual cada um pode chegar a partir da sua origem própria" · falta: página a confirmar · onde: cap. 4, seção 4.9, Fonte n.º 15 · como conferir: abrir o texto de "Laudatio. Humanitas" (1958, discurso do Friedenspreis des Deutschen Buchhandels) e dar a página.

n.º 55 · Taylor, Argumentos filosóficos

- Taylor, *Argumentos filosóficos* (*Philosophical Arguments*), Harvard University Press, 1995, cap. 1; via Estudo XV, 1.8 — "de Humboldt a Arendt" · falta: página a confirmar · onde: cap. 5, seção 5.1, Fonte n.º 8 · como conferir: abrir *Philosophical Arguments* (Harvard University Press, 1995), cap. 1, e o Estudo XV, 1.8.

n.º 57 · Camus, O homem revoltado

- Camus, *O homem revoltado* (*L'Homme révolté*), Gallimard, 1951, cap. "L'homme révolté", digitalização com reconhecimento óptico — "Eu me revolto, logo somos" · falta: página; capítulo a confirmar · onde: cap. 4, seção 4.6, Fonte n.º 11 · como conferir: abrir *L'Homme révolté* (Gallimard, 1951) numa edição paginada, dar capítulo e página (a digitalização com reconhecimento óptico pode errar a letra).

- Camus, *O homem revoltado*, Gallimard, 1951, digitalização com reconhecimento óptico — “a terra do humanismo virou esta Europa, terra inumana”; “torturadores humanistas celebram…” · falta: página; capítulo a confirmar · onde: cap. 4, seção 4.6, Fonte n.º 12 · como conferir: abrir *L’Homme révolté* (Gallimard, 1951) numa edição paginada, dar capítulo e página (a digitalização com reconhecimento óptico pode errar a letra).

n.º 59 · Jaspers, “Über Bedingungen und Möglichkeiten eines neuen Humanismus”

- Jaspers, “Über Bedingungen und Möglichkeiten eines neuen Humanismus” (Genebra, 1949), em *Rechenschaft und Ausblick*, Piper,… · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 4, seção 4.10, Fonte n.º 17 · como conferir: abrir o texto de Jaspers (1949) em *Rechenschaft und Ausblick* (Piper, 1951), pp. 267–268, 284 e 286, e o artigo de Periša.

n.º 60 · Radhakrishnan, The Hindu View of Life

- Radhakrishnan, *The Hindu View of Life*, Allen & Unwin, 1926 (Upton Lectures), p. 18 — “Uma tradição viva influencia nossas faculdades interiores, humaniza nossa natureza e nos…” · falta: tese a confirmar · onde: cap. 4, seção 4.12, Fonte n.º 19 · como conferir: abrir *The Hindu View of Life* (Allen & Unwin, 1926), p. 18, e conferir se a expressão “humanismo religioso” é de Radhakrishnan.

n.º 63 · Pascal, Pensées

- Pascal, *Pensées*, ed. Jules Didiot, Desclée de Brouwer, 1896, cap. III, pp. 50–51; equivalência Lafuma 131 / Brunschvicg 434 a… — “Que quimera é pois o homem!”; “o homem passa infinitamente o homem” · falta: numeração (parágrafo, §, equivalência) a confirmar · onde: cap. 4, seção 4.13, Fonte n.º 27 · como conferir: abrir a edição de Didiot (1896) e uma edição moderna com a numeração de Lafuma e de Brunschvicg.
- Pascal, *Pensées*, ed. Didiot, 1896, cap. II, “De la confusion de Montaigne”; Lafuma 780 / Brunschvicg 62 a confirmar — “o tolo projeto que ele tem de se pintar” · falta: numeração (parágrafo, §, equivalência) a confirmar · onde: cap. 4, seção 4.13, Fonte n.º 28 · como conferir: abrir a edição de Didiot (1896) e uma edição moderna com a numeração de Lafuma e de Brunschvicg.

n.º 64 · Kohl, “The changing concept of the studia humanitatis…”

- Kohl, “The changing concept of the studia humanitatis in the early Renaissance”, 1992 — *studia humanitatis* a partir do *Pro Archia*; popularizada por Salutati na década de 1370 · falta: página a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.1, Fonte n.º 114 · como conferir: abrir o artigo de Kohl (1992) e dar a página; achar o veículo em que saiu.
- Kohl, 1992, sobre Cícero, *Em defesa do poeta Árquias*, 2 — origem da expressão *studia humanitatis* · falta: página a confirmar · onde: cap. 2, seção 2.5, Fonte n.º 36 · como conferir: abrir o artigo de Kohl (1992) e dar a página; achar o veículo em que saiu.

n.º 65 · Kristeller (obra a confirmar)

- Kristeller, obra e página a confirmar — o humanismo renascentista como programa de cultura retórica e literária, não como… · falta: página; obra de que sai a passagem a

confirmar · onde: cap. 1, seção 1.3, Fonte n.º 116 · como conferir: achar a obra de Kristeller que sustenta a tese e dar a página.

n.º 66 · Hankins (obra a confirmar)

- Hankins, signatário do *Manifesto Humanista* I, crítica do nordicismo em *The Racial Basis of Civilization* (1926) · falta: página; obra de que sai a passagem a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.12, Fonte n.º 130 · como conferir: achar a obra e a página; abrir *The Racial Basis of Civilization* (1926).

n.º 67 · Copenhaver, "Giovanni Pico della Mirandola"

- Copenhaver, "Giovanni Pico della Mirandola", *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 21 de agosto de 2024, § 2.1 — o texto nunca foi proferido nem publicado em vida; *de dignitate hominis* aparece… · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 1, seção 1.4, Fonte n.º 118 · como conferir: abrir o verbete "Giovanni Pico della Mirandola" da Stanford Encyclopedia of Philosophy (revisto em 21/08/2024), §§ 2.1 e 2.4.

n.º 68 · Nauta, "Lorenzo Valla"

- Nauta, "Lorenzo Valla", *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 2026, sobre o *De voluptate* — o diálogo identifica ao prazer a caridade cristã · falta: localização exata a confirmar / [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 1, seção 1.3, Fonte n.º 117 · como conferir: abrir o verbete "Lorenzo Valla" da Stanford Encyclopedia of Philosophy (revisto em 2026) e achar a seção sobre o *De voluptate*; cotejar com o texto de Valla.
- Nauta, "Lorenzo Valla", *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 2026, sobre *De voluptate* (1431) — caridade e beatitude identificadas ao prazer · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 2, seção 2.7, Fonte n.º 37 · como conferir: abrir o verbete "Lorenzo Valla" da Stanford Encyclopedia of Philosophy (revisto em 2026) e achar a seção sobre o *De voluptate*; cotejar com o texto de Valla.

n.º 71 · Casini, "Juan Luis Vives"

- Casini, "Juan Luis Vives", *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, rev. 2025; The National Archives (Reino Unido), recurso… — Vives, *A educação da mulher cristã* (*De institutione feminae Christianae*), 1524;… · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 1, seção 1.12, Fonte n.º 128 · como conferir: abrir o verbete "Juan Luis Vives" da Stanford Encyclopedia of Philosophy (revisto em 2025) e o recurso "Medieval women" de The National Archives.

n.º 73 · Copson, "What Is Humanism?"

- Copson, "What Is Humanism?", 2015, p. 5 — a cunhagem de "humanismo" é contada sem nomear o primeiro usuário da palavra · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 1, seção 1.1, Fonte n.º 115 · como conferir: abrir *The Wiley Blackwell Handbook of Humanism* (Wiley, 2015), p. 5.

n.º 75 · O’Gorman, estudo preliminar a Las Casas

- O’Gorman, estudo preliminar à *Apologética historia sumaria*, de Las Casas, UNAM, 1967 — todas as nações são de homens, de uma só definição, entes racionais · falta: página a confirmar / [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 1, seção 1.12, Fonte n.º 127 · como conferir: abrir o estudo preliminar de O’Gorman à *Apologética historia sumaria* (Universidad Nacional Autónoma de México, 1967, t. I, pp. XLI–XLII).
- O’Gorman, estudo introdutório a Las Casas, *Apologética história sumária*, UNAM, 1967, t. I, pp. XLI–XLII, com apoio em Cícero,… · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 4, seção 4.4, Fonte n.º 6 · como conferir: abrir o estudo preliminar de O’Gorman à *Apologética historia sumaria* (Universidad Nacional Autónoma de México, 1967, t. I, pp. XLI–XLII).

n.º 79 · Darui Long, “Humanistic Buddhism…”

- Darui Long, “Humanistic Buddhism from Venerable Tai Xu to Grand Master Hsing Yun”, *Hsi Lai Journal of Humanistic Buddhism* 1,… · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 4, seção 4.12, Fonte n.º 20 · como conferir: abrir o artigo de Darui Long (*Hsi Lai Journal of Humanistic Buddhism* 1, 2000, pp. 53–84).

n.º 80 · Huxley, presidência da British Eugenics Society

- Huxley, presidência da British Eugenics Society (1959–1962) · falta: tese a confirmar · onde: cap. 1, seção 1.12, Fonte n.º 129 · como conferir: achar fonte biográfica para a presidência (1959–1962) da British Eugenics Society.

n.º 96 · Estudo Comparado VII

- Estudo VII, 2.4 — Hegel faz depender da *Bildung* a efetividade do valor, “não o valor mesmo” · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 2, seção 2.5, Fonte n.º 57 · como conferir: abrir o Estudo Comparado VII, na seção citada (Estudo VII, 2.4), e cotejar com a leitura que a Fonte lhe atribui.

n.º 102 · Estudo Comparado XIII

- Estudo XIII, 1.11 — “humanismo abstrato” · falta: tese a confirmar · onde: cap. 5, seção 5.1, Fonte n.º 31 · como conferir: abrir o Estudo Comparado XIII, na seção citada (Estudo XIII, 1.11), e cotejar com a leitura que a Fonte lhe atribui.

n.º 117 · Decisões do fundador de 06/11/2026 (Estudo V)

- decisão n.º 12 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 3, seção 3.10, Fonte n.º 72 · como conferir: abrir o texto da decisão n.º 12 de 06/11/2026 (Estudo V) nos documentos do projeto e cotejar com o que a seção atribui a ela.
- decisão n.º 9 de 06/11/2026 sobre o Estudo V · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 3, seção

3.12, Fonte n.º 76 · como conferir: abrir o texto da decisão n.º 9 de 06/11/2026 (Estudo V) nos documentos do projeto e cotejar com o que a seção atribui a ela.

n.º 118 · Decisões do fundador de 06/11/2026 (Estudo VI)

- decisão n.º 4 de 06/11/2026 sobre o Estudo VI · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 3, seção 3.2, Fonte n.º 50 · como conferir: abrir o texto da decisão n.º 4 de 06/11/2026 (Estudo VI) nos documentos do projeto e cotejar com o que a seção atribui a ela.

n.º 120 · Decisões do fundador de 12/11/2026 (Estudo XIV)

- decisão n.º 9 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 3, seção 3.3, 3.6 e 3.13, Fonte n.º 53 · como conferir: abrir o texto da decisão n.º 9 de 12/11/2026 (Estudo XIV) nos documentos do projeto e cotejar com o que a seção atribui a ela.
- decisão n.º 1 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 3, seção 3.13, Fonte n.º 78 · como conferir: abrir o texto da decisão n.º 1 de 12/11/2026 (Estudo XIV) nos documentos do projeto e cotejar com o que a seção atribui a ela.

n.º 121 · Decisões do fundador de 20/11/2026 (Estudo XV)

- decisão n.º 8 de 20/11/2026 sobre o Estudo XV · falta: [paráfrase]: a Fonte dá só a tese; falta a letra da passagem, com página, para trocar a paráfrase pela citação · onde: cap. 3, seção 3.6, Fonte n.º 66 · como conferir: abrir o texto da decisão n.º 8 de 20/11/2026 (Estudo XV) nos documentos do projeto e cotejar com o que a seção atribui a ela.

Lacunas declaradas fora dos marcadores

Estas linhas não levam “a confirmar” nem [paráfrase], mas as Fontes dizem que algo não foi conferido ou foi contado pelo próprio estudo. Não entram nas contagens do painel acima.

- *Manifesto Humanista* I (*A Humanist Manifesto*), 1933, redigido por Raymond B. Bragg, lista de signatários, texto em linha da… · falta: contagem feita pelo estudo (assinaturas, ocorrências de palavras) · onde: cap. 1, seção 1.10, Fonte n.º 72, bibliografia n.º 39 · como conferir: refazer a contagem no texto-fonte.
- *Declaração de Amsterdã* (*Amsterdam Declaration*), 1952, parágrafo inicial, Humanists International, texto em linha · falta: lista de delegados de 1952 não conferida · onde: cap. 1, seção 1.10, Fonte n.º 76, bibliografia n.º 40 · como conferir: abrir o texto da Declaração de Amsterdã de 1952 na Humanists International.
- *Manifesto Humanista* II, 1973, lista de signatários · falta: contagem feita pelo estudo (assinaturas, ocorrências de palavras) · onde: cap. 1, seção 1.10, Fonte n.º 85, bibliografia n.º 41 · como conferir: refazer a contagem no texto-fonte.
- Decisão n.º 8 de 12/11/2026 sobre o Estudo XIV (“A comunicação e a *humanitas*”) · falta: contagem feita pelo estudo (assinaturas, ocorrências de palavras) · onde: cap. 1, seção 1.13, Fonte n.º 134, bibliografia n.º 120 · como conferir: refazer a contagem no texto-fonte.

- Contagens de “humanismo”, “humano”, “dignidade”, “consciência”, “razão”, “liberdade”, “universal”, “indivíduo”, “pessoa” e… · falta: contagem feita pelo estudo (assinaturas, ocorrências de palavras) · onde: cap. 1, seção 1.13, Fonte n.º 140, bibliografia n.º 89 · como conferir: refazer a contagem no texto-fonte.
- Maritain, *Humanismo integral*, trad. espanhola, Ediciones Carlos Lohlé, Buenos Aires, 1966, p. 12 · falta: edição francesa de 1936 não conferida · onde: cap. 4, seção 4.4, Fonte n.º 4, bibliografia n.º 18 · como conferir: abrir *Humanisme intégral* (1936).
- Contagens de “dignidade” e “autonomia” nos escritos (Cânon, Catecismo, três tratados, Disputatio, Meditações, Glossário) · falta: contagem feita pelo estudo (assinaturas, ocorrências de palavras) · onde: cap. 4, seção 4.13, Fonte n.º 55, bibliografia n.º 89 · como conferir: refazer a contagem no texto-fonte.
- Contagens de “transcendência” e “Deus” nos escritos · falta: contagem feita pelo estudo (assinaturas, ocorrências de palavras) · onde: cap. 4, seção 4.14, Fonte n.º 56, bibliografia n.º 89 · como conferir: refazer a contagem no texto-fonte.
- Maritain (cristão), *Humanismo integral* (*Humanisme intégral*), edição espanhola, Buenos Aires: Ediciones Carlos Lohlé, 1966, p.… · falta: tradutor da edição espanhola não identificado · onde: cap. 5, seção 5.4, Fonte n.º 9, bibliografia n.º 18 · como conferir: ver a página de rosto da edição de Lohlé (1966).

#

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO

Contagens por linha de Fonte (uma linha com dois marcadores conta uma vez em cada coluna, e uma só vez na coluna “a conferir”). “Com original” são as linhas que dão a letra no idioma original entre «…»; as demais (Cânon, escritos, decisões, Estudos e contagens) dão só o português ou a remissão.

Capítulo	Linhas de Fontes	Com original	[paráfrase]	“a confirmar”	A conferir (paráfrase ou “a confirmar”)
Prólogo	32	13	1	2	3
Capítulo 1	140	101	5	56	59
Capítulo 2	80	30	4	19	21
Capítulo 3	80	33	10	11	20
Capítulo 4	56	22	5	13	16
Capítulo 5	58	20	2	8	9
Capítulo 6	55	26	2	8	9
Total	**501**	**245**	**29**	**117**	**137**

Por marcador “a confirmar” (linhas por capítulo; uma linha com dois marcadores conta nos dois):

Marcador	Prólogo	Cap. 1	Cap. 2	Cap. 3	Cap. 4	Cap. 5	Cap. 6	Total
página a confirmar	0	36	14	5	7	5	3	70
edição a confirmar	2	13	2	3	3	1	2	26
localização a confirmar	0	2	1	1	1	1	1	7
tese a confirmar	0	2	0	0	1	1	0	4
data a confirmar	0	2	1	0	0	0	1	4
atribuição a confirmar	0	1	0	0	0	0	0	1
frase exata a confirmar	0	0	0	1	1	0	1	3
numeração, parágrafo ou § a confirmar	0	0	1	2	2	0	0	5
obra e página a confirmar	0	2	0	0	0	0	0	2
capítulo e página a confirmar	0	0	0	0	2	0	0	2
[paráfrase]	1	5	4	10	5	2	2	29

Marcas de verificação [V-…] por tipo (informativo; uma linha pode levar mais de uma; a linha “[V via Estudo]” conta só a marca própria dessa forma, e não a remissão “via Estudo” escrita dentro de outras marcas):

Marca	Prólogo	Cap. 1	Cap. 2	Cap. 3	Cap. 4	Cap. 5	Cap. 6	Total
[V-la] (latim)	3	31	7	5	5	3	4	58
[V-de] (alemão)	3	15	7	7	4	2	8	46
[V-gr] (grego)	1	1	0	1	0	0	0	3
[V-fr] (francês)	1	19	6	6	5	5	3	45
[V-en] (inglês)	4	44	12	17	10	12	9	108
[V-es] (espanhol)	0	1	0	1	0	0	0	2
[V-it] (italiano)	0	0	1	1	0	0	1	3
[V-nl] (neerlandês)	0	1	0	0	0	0	0	1
[V-pt] (português)	0	2	0	0	1	2	0	5
[V via secundária] (via secundária)	3	16	3	1	6	4	3	36
[V via Estudo] (via Estudo)	0	0	0	0	0	6	0	6

Lacunas fora dos marcadores: 9 linhas (6 contagens do estudo, 1 lista de delegados não conferida, 1 edição francesa não conferida, 1 tradutor não identificado).

Painel de verificação

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens do budismo foram conferidas, quando possível, no páli (SuttaCentral) ou no sânscrito dos originais, com as traduções inglesas e portuguesas à vista (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); o que não foi conferido em edição brasileira ou portuguesa vai como [V-pi], [V-skt], [V-en] ou tradução do estudo (ver o Apêndice B).

Marca	Total	Corpo	Aparato
[V-en]	201	94	107
[V-la]	106	48	58
[V-de]	85	39	46
[leitura do estudo]	80	80	0
[V-fr]	79	34	45
[V via secundária]	52	24	28
[paráfrase]	23	13	10
[tese a confirmar]	16	15	1
[contagem do estudo]	15	12	3
[paráfrase; … a confirmar]	14	7	7
[… a confirmar]	10	7	3
[letra do cânon; hipótese do estudo]	8	8	0
[V-gr]	7	4	3
[V-it]	7	4	3

Marca	Total	Corpo	Aparato
[hipótese do estudo]	6	6	0
[V-es]	4	2	2
[decisão do fundador; hipótese do estudo]	3	3	0
[V-pt]	3	2	1
[decisão do fundador; leitura do estudo]	2	2	0
[inferência do estudo]	1	1	0
[letra do cânon; leitura do estudo, sem adesão ao humanismo secular; ver 2.2]	1	1	0
[escrito do cânon; hipótese do estudo]	1	1	0
[decisão do fundador; contagem do estudo]	1	0	1

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

Capítulo	Citações	Palavras
Prólogo — O estado da questão e o método	104	5803
1. O humanismo em sua melhor forma	158	5205
2. Onde nos tocamos	119	3872
3. Onde nos separamos	146	5173
4. O humanismo diante das casas da série	84	3870
5. O que a série já disse e a Ficha proposta	81	2679
6. Síntese, fórmula e questões abertas	124	5215
Total	816	31817

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII a XIII; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.